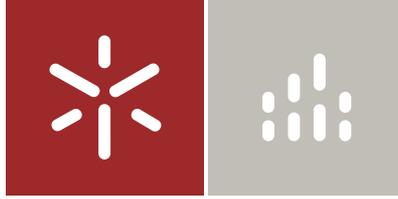


Universidade do Minho
Escola de Arquitectura

Paulo Bernardo Salgado Vilas Boas

Arte Urbana como metodologia de
Reabilitação Urbana:
O caso do Bairro Social Quinta do Mocho.



Universidade do Minho
Escola de Arquitectura

Paulo Bernardo Salgado Vilas Boas

Arte Urbana como metodologia de
Reabilitação Urbana:
O caso do Bairro Social Quinta do Mocho.

Dissertação de Mestrado
Ciclo de Estudos Integrados Conducentes ao
Grau de Mestre em Arquitectura - Cidade e Território

Trabalho efetuado sob a orientação de
Natacha Antão Moutinho

Declaração

Nome: Paulo Bernardo Salgado Vilas Boas

Endereço eletrónico: berna.boas94@gmail.com

Telefone: 913 973 142

Número do Bilhete de Identidade: 14668264

Título dissertação: Arte Urbana como metodologia de Reabilitação Urbana:

O caso do Bairro Social Quinta do Mocho.

Orientador: Natacha Antão Moutinho

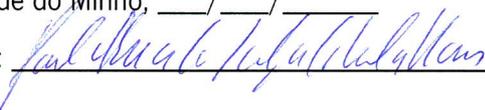
Ano de conclusão: 2019

Mestrado Integrado de Arquitetura

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA TESE/TRABALHO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho, ___/___/_____

Assinatura:



Agradecimentos

Em primeiro lugar agradeço aos meus pais por me apoiarem e me disponibilizarem todas as oportunidades do mundo para terminar o meu curso. Obrigado por me tornarem quem sou, devovos tudo e mais alguma coisa. Palavras não chegam para descrever o quanto estou grato por vos ter como pais, por fazerem parte da minha vida e por estarem sempre presentes. Agradeço também à minha irmã, que apesar dos desentendimentos, sempre esteve do meu lado e acreditou em mim.

Um especial obrigado à minha namorada Cristina, por tudo. Especialmente por me ter ajudado, incentivado, por me dar forças quando eu já não as tinha e por me conseguir aturar nos momentos mais difíceis. Um obrigado não chega para agradecer por tudo o que fizeste por mim.

Obrigado também à professora Natacha Antão pela dedicação e empenho, por acreditar na minha ideia e por me orientar em todo o trabalho. Agradeço também pela disponibilidade e pelas conversas que me ajudaram bastante no desenvolvimento da minha dissertação.

Obrigado a todos os meus amigos que tanto diretamente como indiretamente me ajudaram, através de conversas de café, desabafos e trocas de ideias.

Obrigado a todos os artistas urbanos e *writers* que tornaram tudo isto possível e que a cada dia me surpreendem e me fazem apaixonar cada vez mais por este tipo de expressão artística. Um especial agradecimento aos artistas que realizaram obras no bairro social Quinta do Mocho que tornaram a minha investigação muito mais interessante, inspiradora e cativante.

Resumo

Todo este trabalho desenvolve-se em torno do estudo e reflexão acerca da arte urbana, enquanto estratégia e instrumento de reabilitação dos espaços públicos urbanos, mais especificamente espaços com problemas físicos, sociais e económicos. Procuo do mesmo modo apresentar e esclarecer as potencialidades desta manifestação artística, bem como os benefícios que a sua aplicação oferece tanto a estes espaços como a quem os frequenta e utiliza.

O espaço público ocupa uma posição muito importante na vida da população, e como tal, a sua degradação ou abandono pode ter consequências no funcionamento e vivência da cidade. São estes espaços e as relações que este proporciona, que permitem um desenvolvimento equilibrado e harmonioso de uma cidade, logo deve existir uma atenção especial sobre eles. Com esse pensamento, ações como as de reabilitação urbana, que procuram recuperar e melhorar estes espaços não só fisicamente, mas também económica e socialmente, são cada vez mais uma necessidade e uma solução para muitos dos problemas da contemporaneidade. A arte urbana enquanto ferramenta de transformação da imagem, identidade e qualidade visual do espaço público, tem vindo a ser empregue em muitos projetos nacionais e internacionais de reabilitação urbana. Estas situações levantam inúmeras questões como qual a importância da estética e da imagética enquanto fator de reabilitação, e de que modo é que estes fatores de natureza física e material contribuem para um melhoramento do quotidiano urbano a nível socioeconómico.

Assistiu-se no bairro social Quinta do Mocho, um exemplo deste tipo de iniciativas, procurando uma mudança positiva das condições sociais e físicas oferecidas aos moradores. Foi nesta área residencial, excluída socialmente e em más condições físicas, que a arte urbana foi utilizada como forma de inclusão social, qualificação do espaço público e renovação da imagem e identidade do bairro. Este caso, serve nesta pesquisa, como forma de exemplificação e comprovação dos benefícios e resultados que este método alternativo de reabilitação urbana pode proporcionar às comunidades mais fragilizadas.

A arte urbana surge como uma transformação física que valoriza e enriquece o espaço, muitas vezes degradado e monótono, com cor, vida e criatividade. Esta arte pode potenciar nos espaços como o bairro Quinta do Mocho, uma “metamorfose” experienciada pela mesma, que outrora era associada ao vandalismo e atualmente é considerada como um dos mais marcantes movimentos artísticos do séc. XXI.

Palavras-chave: Arte Urbana, Espaço Público, Reabilitação Urbana, Bairro Social, Quinta do Mocho

Abstract

All this work is developed around the study and reflection about street art as a strategy and instrument of urban public spaces rehabilitation, more specifically spaces with physical, social and economic problems. I also try to bring forward and clarify the potentialities of this artistic expression, as well as the benefits that its application offers both to these spaces and to those who frequent and use them.

The public space has a very important position in the life of the population, and as such, its degradation or abandonment can have consequences on the function and experience of the city. It's these spaces and the relations that they provide, that allow a balanced and harmonious development of a city, so there must be special attention upon them. With this in mind, actions such as urban rehabilitation, which seek to recover and improve these spaces, not only physically but also economically and socially, are increasingly a necessity and a solution to a lot of the contemporaneity problems. The street art as a transformation tool of the image, identity and visual quality of the public space, has been used in many national and international urban rehabilitation projects. These situations raise many questions such as the importance of the aesthetics and the imagery as a rehabilitation factor, and how these physical and material factors contribute to an improvement at the socioeconomic level of the urban daily life

It was seen in Quinta do Mocho, an example of this type of initiative, seeking a positive change in the social and physical conditions that are offered to the residents. It was in this residential area, socially excluded and in poor physical conditions, that street art was used as a form of social inclusion, public space qualification and image and identity renovation of the neighborhood. In this research, this case serves as a way of exemplifying and proof the benefits and results that this alternative method of urban rehabilitation can provide to the most fragile communities.

The street art emerges as a physical transformation that values and enriches with color, life, and creativity, the space, often degraded and monotonous. This art can potentiate in spaces like Quinta do Mocho social housing, a “metamorphosis” that was experienced by the same, wich once was associated to vandalism and now is considered one of the most remarkable artistic movements of the 21st century.

Key-words: Street Art, Public Space, Urban Rehabilitation, Social Housing, Quinta do Mocho

Índice de Conteúdos

Introdução.....	1
I – Arte no Espaço Público.....	8
1. Arte Urbana.....	9
1.1. O nascimento de uma nova Arte.....	9
1.2. Espaço Público como “Tela”.....	12
1.3. Arte Urbana, o movimento artístico Pós- <i>graffiti</i>	16
1.3.1. Expressão.....	18
1.3.2. Técnicas e Materiais.....	19
1.3.3. Público Alvo.....	21
2. Espaço Público Urbano.....	22
2.1. Ambiente Visual.....	28
2.2. Imagem do Espaço Público.....	30
2.3. Identidade do Espaço Público.....	37
2.3.1. Uso e Apropriação.....	41
2.4. Qualidade do Espaço Público.....	43
II - Arte como forma de Reabilitação Urbana de Bairros Sociais.....	47
1. Reabilitação Urbana.....	48
2. Bairro Social.....	52
2.1. Reabilitação Urbana de um Bairro Social.....	56
2.1.1. Vida Pública.....	58
2.1.2. Estética.....	61
2.1.3. Interdisciplinaridade e participação.....	63
3. Reabilitar através da arte.....	67
3.1. Arte, uma mais valia para os espaços urbanos e para a população a nível:.....	70
3.1.1 Visual e estético.....	70
3.1.2. Económico.....	71
3.1.3. A nível social.....	73
3.2. Exemplos de reabilitação pela Arte.....	77
3.2.1. Favela Painting.....	79
3.2.2. Macromural de Pachuca.....	84
III - Arte no Bairro Quinta do Mocho.....	89
1. O Realojamento.....	90
2. Bairro Quinta do Mocho.....	95

2.1. Localização	95
2.2. Edificado	97
2.3. Espaço público.....	99
2.4. População e Segregação.....	101
2.5. Meios de Comunicação Social.....	103
3. “O Bairro i o Mundo”	105
3.1. O Festival	106
3.2. Galeria de Arte Pública.....	109
3.3. Projeto para a população e com a população.....	113
4. Resultados	116
4.1. Visitas guiadas pelo Mocho.....	117
4.2. Transporte para os moradores.....	121
4.3. Arte no Concelho.....	124
4.4. Desenvolvimento social	126
4.4.1. Externo	127
4.4.2. Interno.....	131
5. Visita ao bairro Quinta do Mocho (análise empírica e sensorial do autor)	135
5.1. Interior.....	135
5.2. Exterior	137
Considerações Finais	138
Bibliografia	143
Webgrafia.....	147
Anexos	150

Índice de Figuras

Figura 1 Temas	1
Desenho realizado pelo autor.	
Figura 2 Esquema Síntese	7
Desenho realizado pelo autor.	
Figura 3 Marcel Duchamp, Artista Conceptual.....	9
Fonte: http://f8milgrau.blogspot.com/2016/07/marcel-duchamp.html	
Figura 4 "Fonte"- Obra ready-made de Duchamp de 1917	9
Fonte: https://www.tate.org.uk/art/artworks/duchamp-fountain-t07573	
Figura 5 “East Side Gallery”. Berlim, Alemanha	10
Fonte: https://packmeto.com/berlin-east-side-gallery-evolution/	
Figura 6 Obra de Ericailcane (Crocodilo), Avenida Fontes Pereira de Melo. Lisboa, Portugal... 11	
Fonte: https://rouxinoldepomares.blogs.sapo.pt/369892.html	
Figura 7 “Banksy Vs King Robbo”, obra de Banksy. Camden,Londres	11
Fonte: http://www.banksy.co.uk/out.asp	
Figura 8 “Inside Out Project”, obra do artista JR. Atlanta (Geórgia), EUA.....	12
Fonte: https://artsatl.com/french-graffiti-artist-jr-seeks-atlanta-faces-this-week/	
Figura 9 “Inside Out Project”, obra do artista JR. Times Square (Nova Iorque), EUA.	12
Fonte: https://www.atlantamagazine.com/news-culture-articles/atlanta-want-to-be-a-part-of-artist-jr-s-latest-installation-heres-where-to-go/	
Figura 10 Esquema das três categorias da Arte Urbana	12
Desenho realizado pelo autor, a partir das imagens disponíveis em:	
- Carácter Superficial (obra de Smug, Glasgow, Escócia): https://www.davidairey.com/glasgow-high-street-mural-smug/	
- Carácter Estrutural (obra de Bordalo II, Centro Cultural de Belém, Lisboa, Portugal): http://streetart.today/2015/05/18/trash-art-by-bordalo-ii/	
- Acontecimentos (Vídeo Mapping, Terreiro do Paço, Lisboa): https://anoticia.pt/2016/08/12/historia-de-lisboa-em-video-mapping-no-terreiro-do-paco/	
Figura 11 Murais de vários artistas, realizados para o Festival Muro Lx 2017 em Marvila no Bairro Marquês de Abrantes, Bairro dos Alfinetes, Bairro da Quinta da Salgada e Bairro da Quinta do Chale. Lisboa, Portugal.....	13
Fotografia do autor.	

Figura 12 "Quem és Porto?" obra de Miguel Januário (±maismenos±), Rua da Madeira. Porto, Portugal..	14
Fonte: http://www.diarioimobiliario.pt/Actualidade/Porto-Arte-Urbana-como-parte-da-paisagem-e-da-cidade	
Figura 13 Alte Nationalgalerie. Berlim, Alemanha	14
Foto do autor.	
Figura 14 Obras de vários artistas, Ciclovía do Rio Este. Braga, Portugal	14
Foto do autor.	
Figura 15 Superkilen. Copenhaga, Dinamarca.....	15
Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/01-97629/superkilen-projetado-por-big-plus-topotek1-plus-superflex-e-homenageado-por-ai	
Figura 16 Cornbread Tag. Filadélfia, EUA.....	16
Fonte: https://www.bigcitylife.fr/cornbread-le-tagueur-delephant/	
Figura 17 Tag e Piece de "SAEK", Nogueiró. Braga, Portugal.	16
Fotografia do autor.	
Figura 18 Graffiti. Metro de Nova Iorque, EUA	18
Fonte: http://jordantrent.tumblr.com/post/213861910/alexanderrichterphoto-80s-nyc-subway-car-joe	
Figura 19 "Owl eyes", obra de Bordalo II. Covilhã, Portugal.....	20
Fonte: https://streetartnews.net/2014/10/bordalo-ii-creates-owl-eyes-new-street.html	
Figura 20 "Scratching the surface", obra de Vhils, Avenida da Índia 28. Lisboa, Portugal.....	20
Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/755624/arte-e-arquitetura-scratching-the-surface-por-vhils	
Figura 21 "Follow your dreams", obra de Banksy, Chinatown. Boston, EUA.....	20
Fonte: http://www.banksy.co.uk/out.asp	
Figura 22 "The Modern Family", obra de MrDheo para Festival Muro LX2016, Bairro Padre Cruz. Carnide, Lisboa	21
https://www.facebook.com/pg/galeriadearteurbana/photos/?ref=page_internal	
Figura 23 "O respeito entre Povos", obra de LS (AK Crew) para Festival Muro LX2017, Bairro da Quinta do Chale. Marvila, Lisboa.....	21
https://www.facebook.com/pg/galeriadearteurbana/photos/?ref=page_internal	
Figura 24 Rynek. Breslávia, Polónia	23
Fotografia do autor.	
Figura 25 "Não-lugar", Foto de Monicam. Lisboa, Portugal	24
Fonte: https://olhares.sapo.pt/nao-lugar-foto8284199.html	

Figura 26 "Mira", obra de Daniel Eime, Largo de Artur Arcos. Porto, Portugal.....	24
Fonte: https://nit.pt/out-of-town/back-in-town/votacao-nit-qual-melhor-obra-arte-urbana-do-porto	
Figura 27 "Amália Rodrigues", obra de Vhils, Rua de São Tomé. Lisboa, Portugal.....	25
Fonte: https://nit.pt/out-of-town/back-in-town/domingo-ha-um-passeio-ver-arte-urbana-lisboa	
Figura 28 "Wrocław Multimedia Fountain". Breslávia, Polónia	26
Fotografia do autor.	
Figura 29 "Espaço de Permanência". Varsóvia, Polónia.....	27
Fotografia do autor.	
Figura 30 "Espaço de Circulação". Varsóvia, Polónia.....	27
Fotografia do autor.	
Figura 31 "Brandenburger Tor". Berlim, Alemanha	28
Fotografia do autor.	
Figura 32 "Wrocław Multimedia Fountain". Breslávia, Polónia	29
Fotografia do autor.	
Figura 33 Edifício Dynamic, projeto de Mventura & Partners. Avenida Robert Smith. Braga, Portugal	31
Fotografia do autor.	
Figura 34 Paineis Publicitários. Avenida João Paulo II. Braga, Portugal	31
Fotografia do autor.	
Figura 35 "Toca a Pintar" obras de vários artistas (Utopia, Márcio Baía, etc.), Rua Conde de Agrolongo. Braga, Portugal	31
Fotografia do autor.	
Figura 36 Arte Urbana. Lisboa, Portugal.....	33
Fotografia do autor.	
Figura 37 "The Meeting Between Past and Present", obra de Coletivo Licuado para o festival Muro Lx2017 em Marvila. Bairro Quinta do Marquês de Abrantes. Lisboa, Portugal.....	35
Fotografia do autor.	
Figura 38 "Entrenchments", obra de MAR para o festival Muro Lx2017 em Marvila. Bairro Quinta dos Salgados. Lisboa, Portugal	36
Fotografia do autor.	

Figura 39 "Mural da Trindade", obras de MrDheo e Azul, Rua de Alferes Malheiro. Porto, Portugal	36
Fonte: http://www.porto.pt/noticias/a-procura-de-arte-nas-ruas	
Figura 40 Rynek. Breslávia, Polónia	37
Fotografia do autor.	
Figura 41 Execução do Mural para o Festival "O Bairro i o Mundo" no Bairro Quinta do Mocho em Loures. Lisboa, Portugal	39
Fonte: https://www.facebook.com/pg/O-Bairro-i-o-Mundo-370204329765600/photos/?ref=page_internal	
Figura 42 Apropriação do espaço público pelos moradores do bairro Quinta do Mocho em Loures. Lisboa, Portugal.....	41
Fotografia do autor.	
Figura 43 "Fonte Monumental", Alameda D. Afonso Henriques. Lisboa, Portugal.....	44
Fotografia do autor.	
Figura 44 Relações Sociais no Espaço Público, Alameda D. Afonso Henriques. Lisboa, Portugal	45
Fotografia do autor.	
Figura 45 "Turistas", Bairro Quinta do Mocho em Loures. Lisboa, Portugal.	46
Fonte: https://www.facebook.com/pg/O-Bairro-i-o-Mundo-370204329765600/photos/?ref=page_internal	
Figura 46 Bairro Social Quinta do Mocho em Loures. Lisboa, Portugal.....	52
Fonte: https://www.cmjornal.pt/sociedade/detalhe/festival_o_bairro_i_o_mundo_decorre_em_loures	
Figura 47 Bairro Social Quinta da Fonte em Loures. Lisboa, Portugal	53
Fonte: https://www.facebook.com/pg/O-Bairro-i-o-Mundo-370204329765600/photos/?tab=album&album_id=382098108576222 e https://www.publico.pt/2018/05/17/local/noticia/camara-vai-remodelar-bairros-da-quinta-da-fonte-e-das-sapateiras-1830471	
Figura 48 Bairro Social Quinta da Fonte em Loures. Lisboa, Portugal	54
Fonte: http://infodigital.pt/camara-de-loures-quer-remodelar-bairro-da-quinta-da-fonte/	
Figura 49 Bairro do Aleixo. Porto, Portugal	55
Fonte: http://ideiapublica.blogspot.com/2010/11/visita-ao-bairro-do-aleixo-porto-fez-me.html	
Figura 50 Bairro do Zambujal. Lisboa, Portugal	55
Fonte: https://www.facebook.com/bzambujal/	
Figura 51 Reabilitação urbana do Espaço Público no Bairro Social Beja II, Beja. Alentejo, Portugal	59
Fonte: https://mapcarta.com/ChIJ4YfA5IF0Gg0RJQkykygO3Kw	

Figura 52 Reabilitação urbana do espaço público e edificado do Bairro da Quinta do Guarda Livros em Vila Nova de Gaia, projeto do Arq. Paulo Alzamora. Porto, Portugal.....	59
Fonte: http://infohabitar.blogspot.com/2005/07/humanizao-e-vitalizao-do-espao-pblico_11.html	
Figura 53 "NIERIKA", obra do grupo Boa Mistura na Colonia Infonavit Independencia, Guadalajara. Jalisco, México.	62
Fonte: http://www.boamistura.com/#/project/nierika	
Figura 54 "CORRIENTES", projeto do grupo Boa Mistura na Área Residencial de Miramar. Antofagasta, Chile.....	65
Fonte: http://www.boamistura.com/#/project/corrientes	
Figura 55 "DESIERTO FLORIDO", projeto do grupo Boa Mistura na Área Residencial de Corvallis. Antofagasta, Chile.....	65
Fonte: http://www.boamistura.com/#/project/desierto-florido	
Figura 56 "LUZ NAS VIELAS", projeto do grupo Boa Mistura na favela Vila Brasilândia. São Paulo, Brasil	67
Fonte: http://www.boamistura.com/#/project/luz-nas-vielas-2	
Figura 57 "DIAMOND INSIDE", obra do grupo Boa Mistura. Cidade do Cabo, África do Sul.....	69
Fonte: http://www.boamistura.com/#/project/diamond-inside-2	
Figura 58 "Pelea por tus sueños", obra do grupo Boa Mistura. Cidade do Cabo, África do Sul	69
Fonte: http://www.boamistura.com/#/project/diamond-inside-2	
Figura 59 Obra de Atrapalharte no Bairro Quinta da Fonte em Loures. Lisboa, Portugal.....	70
Fonte: https://www.cm-loures.pt/Media/Microsite/Artepublicaloures/apelacao.html	
Figura 60 Grupo de Turistas a visitar os murais de Arte Urbana no Bairro Quinta da Fonte em Loures. Lisboa, Portugal	72
Fonte: https://www.facebook.com/pg/O-Bairro-i-o-Mundo-370204329765600/photos/?ref=page_internal	
Figura 61 "LUZ NAS VIELAS", projeto do grupo Boa Mistura na favela Vila Brasilândia. São Paulo, Brasil.	75
Fonte: http://www.boamistura.com/#/project/luz-nas-vielas-2	
Figura 62 "Praça Cantão", favela Santa Marta. Rio de Janeiro, Brasil	78
Fonte: https://favelapainting.com/PRACA-CANTAO-FP	
Figura 63 "Las Palmitas". Pachuca do soto, México.....	78
Fonte: https://casavogue.globo.com/Arquitetura/Cidade/noticia/2015/12/grafiteiros-pintam-comunidade-no-mexico-e-violencia-diminui.html	

Figura 64 Localização das favelas Vila Cruzeiro e Santa Marta.....	79
Desenho realizado pelo autor, a partir das imagens de https://www.google.com/maps .	
Figura 65 "Boy with kite", projeto de Jeroen Koolhaas e Dre Urhahn na favela Vila cruzeiro do bairro da Penha. Rio de Janeiro, Brasil.....	80
Fonte: https://favelapainting.com/BOY-WITH-KITE-FP	
Figura 66 "Rio Cruzeiro", projeto de Jeroen Koolhaas, Dre Urhahn e Rob Admiral na favela Vila Cruzeiro do bairro da Penha. Rio de Janeiro, Brasil	80
Fonte: https://favelapainting.com/RIO-CRUZEIRO-FP	
Figura 67 "Praça Cantão", projeto de Jeroen Koolhaas e Dre Urhahn, na favela Santa Marta do bairro Botafogo. Rio de Janeiro, Brasil.....	81
Fonte: https://favelapainting.com/PRACA-CANTAO-FP	
Figura 68 Participação dos moradores na pintura da Praça Cantão. Rio de Janeiro, Brasil	82
Fonte: https://favelapainting.com/PRACA-CANTAO-FP	
Figura 69 "Praça Cantão", projeto de Jeroen Koolhaas e Dre Urhahn, na favela Santa Marta do bairro Botafogo. Rio de Janeiro, Brasil.....	83
Fonte: https://favelapainting.com/PRACA-CANTAO-FP	
Figura 70 Localização do bairro Las Palmitas.....	84
Desenho realizado pelo autor, a partir das imagens de https://www.google.com/maps .	
Figura 71 "Macromural de Pachuca", projeto do grupo de artistas German Crew no bairro Las Palmitas. Pachuca do Soto, México.....	85
Fonte: https://www.theguardian.com/world/gallery/2015/aug/03/mexico-largest-mural-in-pictures-pachuca-german-crew e https://www.theguardian.com/world/2015/aug/01/mexico-pachuca-mural-las-palmitas-public-art	
Figura 72 "Socializacion", 1ª fase do projeto "Macromural de Pachuca", do grupo de artistas German Crew no bairro Las Palmitas. Pachuca do Soto, México	86
Fonte: https://www.theguardian.com/world/gallery/2015/aug/03/mexico-largest-mural-in-pictures-pachuca-german-crew	
Figura 73 "Blanco: todos somos iguaes", 2ª fase do projeto "Macromural de Pachuca", do grupo de artistas German Crew no bairro Las Palmitas. Pachuca do Soto, México	86
Fonte: https://casavogue.globo.com/Arquitetura/Cidade/noticia/2015/12/grafiteiros-pintam-comunidade-no-mexico-e-violencia-diminui.html	
Figura 74 "Nascimento del color", 3ª e última fase do projeto "Macromural de Pachuca", do grupo de artistas German Crew no bairro Las Palmitas. Pachuca do Soto, México	86
Fonte: https://www.pri.org/stories/2015-09-30/gigantic-mural-making-mexican-neighborhood-more-magical	

Figura 75 "Macromural de Pachuca", projeto do grupo de artistas German Crew no bairro Las Palmitas. Pachuca do Soto, México.....	88
Fonte: https://www.facebook.com/pg/muralismogermen/photos/?ref=page_internal	
Figura 76 Gráfico do crescimento da população portuguesa entre 1980 e 1990.....	90
Fonte: Tomás, H. (2015). <i>A Gestão Pública como instrumento de combate à estigmatização e sentimento de (in)segurança nos Bairros Sociais, Estudo de Caso: Bairro de Habitação Social "Quinta do Mocho"</i> . Dissertação de Mestrado. Instituto Superior de Gestão, Lisboa, Portugal.	
Figura 77 Torres Inacabadas em Loures. Lisboa Portugal. - Atualmente inexistentes (demolição ocorreu no ano 1999).....	92
Imagem retirada da reportagem sobre o bairro Quinta do Mocho para a Sic Noticias, disponível em https://sicnoticias.sapo.pt/programas/perdidosachados/2016-03-01-Do-Bairro-de-Lata-a-Galeria-de-Arte-Publica	
Figura 78 Condições de vida das famílias que se apropriaram das torres abandonadas pela construtora em Loures. Lisboa, Portugal	93
Imagem retirada da reportagem sobre o bairro Quinta do Mocho para a Sic Noticias, disponível em https://sicnoticias.sapo.pt/programas/perdidosachados/2016-03-01-Do-Bairro-de-Lata-a-Galeria-de-Arte-Publica	
Figura 79 Bairro social Quinta do Mocho em Loures. Lisboa, Portugal	94
Montagem do autor a partir das imagens de https://www.google.com/maps .	
Figura 80 Bairro social Quinta do Mocho em Loures. Lisboa, Portugal	94
Fonte: Tomás, H. (2015). <i>A Gestão Pública como instrumento de combate à estigmatização e sentimento de (in)segurança nos Bairros Sociais, Estudo de Caso: Bairro de Habitação Social "Quinta do Mocho"</i> . Dissertação de Mestrado. Instituto Superior de Gestão, Lisboa, Portugal.	
Figura 81 Vista aérea do bairro social Quinta do Mocho em Loures. Lisboa, Portugal.....	95
Desenho realizado pelo autor, a partir das imagens de https://www.google.com/maps .	
Figura 82 Localização e Envolvente próxima do bairro social Quinta do Mocho em Loures. Lisboa, Portugal	96
Desenho realizado pelo autor, a partir das imagens de https://www.google.com/maps .	
Figura 83 Tipologia do Edificado do bairro social Quinta do Mocho em Loures. Lisboa, Portugal.	97
Desenho e fotografia do autor.	
Figura 84 Degradação visível das habitações do bairro social Quinta do Mocho em Loures. Lisboa, Portugal	97
Fotografia do autor.	
Figura 85 Edificado do bairro social Quinta do Mocho em Loures. Lisboa, Portugal.....	98
Desenho realizado pelo autor a partir das cartografias da freguesia de Sacavém fornecidas pelo Gabinete de Planeamento do Câmara Municipal de Loures.	

Figura 86 Espaços exteriores públicos do bairro social Quinta do Mocho em Loures. Lisboa, Portugal	100
Desenho realizado pelo autor a partir das cartografias de Loures fornecidas pelo Gabinete de Planeamento do Câmara Municipal de Loures. Fotografias do autor.	
Figura 87 Moradores do bairro social Quinta do Mocho em Loures. Lisboa, Portugal	102
Fonte: https://www.jn.pt/local/noticias/lisboa/loures/interior/agente-da-ppsp-ferido-em-desacatos-na-quinta-do-mocho-ja-teve-alta-1947237.html	
Figura 88 Forte presença da polícia no bairro social Quinta do Mocho em Loures. Lisboa, Portugal	103
Fonte: https://www.jn.pt/justica/interior/sete-detidos-na-operacao-da-ppsp-na-quinta-do-mocho-4913357.html	
Figura 89 Títulos de Notícias sobre o bairro social Quinta do Mocho em Loures.....	104
Montagem realizada pelo autor a partir das notícias respetivamente disponíveis em:	
https://www.cmjornal.pt/portugal/detalhe/detido-suspeito-de-homicidio-na-quinta-do-mocho	
https://www.jn.pt/justica/interior/sete-detidos-na-operacao-da-ppsp-na-quinta-do-mocho-4913357.html	
https://www.dn.pt/portugal/sul/interior/um-morto-e-um-ferido-grave-na-quinta-do-mocho-3676811.html	
https://www.cmjornal.pt/portugal/detalhe/morre-esfaqueado-na-quinta-do-mocho	
https://www.dn.pt/portugal/sul/interior/4-feridos-na-quinta-do-mocho-entre-eles-ha-um-policia-1947214.html	
https://expresso.sapo.pt/actualidade/um-jovem-morto-e-cinco-feridos-em-tiroteio-na-quinta-do-mocho=f391109	
https://www.jn.pt/justica/interior/homem-esfaqueado-encontrado-a-esvair-se-em-sangue-em-loures-9625063.html	
https://www.publico.pt/2011/08/18/local/noticia/jovem-de-20-anos-esfaqueado-nas-costas-na-quinta-do-mocho-15081177	
https://www.publico.pt/2004/05/16/local/noticia/disparos-de-cacadeira-ferem-tres-adultos-e-uma-crianca-na-quinta-do-mocho-1193940	
Figura 90 Logótipo do festival "O Bairro i o Mundo"	106
Fonte: https://www.facebook.com/370204329765600/photos/a.370207089765324/370207109765322/?type=1&theater	
Figura 91 Bairro Quinta da Fonte na Apelação (Loures). Lisboa, Portugal.	106
Fonte: https://ctrlaltrua.com/2016/01/25/ibisco-do-teatro-a-transformacao/2carryon-o-bairro-i-o-mundo-2/	
Figura 92 Bairro Quinta do Mocho em Sacavém (Loures). Lisboa, Portugal.....	106
Imagem retirada do vídeo disponível em: https://www.cm-loures.pt/Conteudo.aspx?DisplayId=2802	
Figura 93 Obras de Arte Urbana (Murais) realizadas no bairro social Quinta do Mocho (Loures) no âmbito do festival "O Bairro i o Mundo". Lisboa, Portugal.	107
Fotografias do autor.	
Figura 94 Kally, morador do bairro social Quinta do Mocho e guia das visitas a GAP.....	110
Fonte: http://visao.sapo.pt/iniciativas/por-um-bairro-melhor/2016-07-08-Arte-urbana-Muros-que-aproximam	

Figura 95 Localização e autores das obras realizadas no bairro social Quinta do Mocho em Loures. Lisboa, Portugal	111
Desenho e atualizado pelo autor a partir do mapa da GAP disponível em: https://www.cm-loures.pt/AreaConteudo.aspx?DisplayId=1070 .	
Figura 96 Jovens e crianças do bairro a interagir e a pintar com os artistas urbanos que realizavam as obras no bairro social Quinta do Mocho em Loures. Lisboa, Portugal	114
Fonte: https://www.facebook.com/pg/O-Bairro-i-o-Mundo-370204329765600/photos/?ref=page_internal	
Figura 97 Moradores do bairro social Quinta do Mocho a colorir as entradas das suas casas. Lisboa, Portugal.....	115
Fonte: https://www.facebook.com/pg/O-Bairro-i-o-Mundo-370204329765600/photos/?ref=page_internal	
Figura 98 Antes e Depois da realização das obras de Arte Urbana (Murais) no bairro social Quinta do Mocho em Loures. Lisboa, Portugal	116
Montagem realizada a partir da imagem retirada de https://www.google.com/maps . e fotografia do autor.	
Figura 99 Discurso introdutório da visita guiada à GAP, pela voz de Maria Eugénia Coelho na casa da Cultura de Sacavém. Lisboa, Portugal	117
Fonte: https://www.facebook.com/pg/O-Bairro-i-o-Mundo-370204329765600/photos/?ref=page_internal	
Figura 100 Saída da Casa da Cultura de Sacavém em direção ao bairro Quinta do Mocho, para dar início à visita guiada à GAP. Lisboa, Portugal.....	117
Fonte: https://www.facebook.com/pg/O-Bairro-i-o-Mundo-370204329765600/photos/?ref=page_internal	
Figura 101 Primeira visita guiada à GAP, no bairro social Quinta do Mocho em Loures. Lisboa, Portugal.	119
Fonte: https://www.facebook.com/pg/O-Bairro-i-o-Mundo-370204329765600/photos/?ref=page_internal	
Figura 102 Segunda visita guiada à GAP, no bairro social Quinta do Mocho em Loures. Lisboa, Portugal	120
Fonte: https://www.facebook.com/pg/O-Bairro-i-o-Mundo-370204329765600/photos/?ref=page_internal	
Figura 103 Nova paragem no bairro social Quinta do Mocho em Loures. Lisboa, Portugal ...	121
Fotografias do autor.	
Figura 104 Viagem inaugural da Carreira 300 da Rodoviária de Lisboa, com início no bairro social Quinta do Mocho em Loures. Lisboa, Portugal	121
Fonte: http://www.cm-loures.pt/Conteudo.aspx?DisplayId=1108	
Figura 105 Novas Paragens e novo percurso da Carreira 300 no bairro social Quinta do Mocho em Loures. Lisboa, Portugal	122
Fonte: http://www.cm-loures.pt/Conteudo.aspx?DisplayId=1100	

Figura 106 Percurso da Carreira 300 (Rodoviária de Lisboa)	123
Desenho realizado pelo autor a partir da imagem de https://moovitapp.com/lines?customerId=4908&metroId=2460&lang=pt&ref=2	
Figura 107 Cartazes das 3 edições do festival "Loures Arte Pública" realizado dentro do concelho de Loures. Lisboa, Portugal.....	125
Montagem realizada a partir das imagens disponíveis em https://www.facebook.com/pg/Louresartepublica/posts/?ref=page_internal	
Figura 108 Exemplos de algumas das obras de arte urbana distribuídas pelo concelho de Loures. Lisboa, Portugal.....	125
Fonte: https://www.facebook.com/pg/Louresartepublica/photos/?tab=album&album_id=510709359136135	
Figura 109 Kedy Santos, morador e guia das visitas à GAP no bairro social Quinta do Mocho em Loures. Lisboa, Portugal.	128
Fonte: https://www.abrilabril.pt/local/havia-um-medo-que-se-quebrou	
Figura 110 Convívio entre visitantes e moradores do bairro social Quinta do Mocho em Loures. Lisboa, Portugal.....	129
Fonte: https://www.facebook.com/pg/O-Bairro-i-o-Mundo-370204329765600/photos/?ref=page_internal	
Figura 111 Mural de Nomen no bairro social Quinta do Mocho em Loures. Lisboa, Portugal	132
Fonte: https://www.facebook.com/pg/O-Bairro-i-o-Mundo-370204329765600/photos/?ref=page_internal	
Anexo 1 Percurso e registos fotográficos da visita do autor ao interior do bairro Quinta do Mocho em Loures. Lisboa Portugal	151
Desenho realizado pelo autor a partir das cartografias de Loures fornecidas pelo Gabinete de Planeamento do Câmara Municipal de Loures. Fotografias do autor.	
Anexo 2 Percurso e registos fotográficos da visita do autor ao exterior do bairro Quinta do Mocho em Loures. Lisboa Portugal	152
Desenho realizado pelo autor a partir das cartografias de Loures fornecidas pelo Gabinete de Planeamento do Câmara Municipal de Loures. Fotografias do autor.	

Introdução



Figura 1| Temas

Na presente dissertação de mestrado será abordado e estudado o tema da **arte urbana como possível ferramenta de reabilitação urbana de espaços públicos de bairros sociais** considerados como problemáticos e degradados.

A arte urbana consiste numa forma de expressão artística no espaço público urbano que surgiu de uma evolução do *graffiti*, assumindo uma vertente mais social e comunicativa procurando interagir com as massas e se possível estimular nelas novas formas de visualizar a realidade e influenciar o modo como estas se relacionam com o espaço físico que as rodeia. Presente no nosso quotidiano, esta arte faz parte da informação visual disponibilizada pela cidade, podendo assumir várias formas desde murais, esculturas, performances etc., no entanto neste trabalho o conceito “arte urbana” é muitas vezes associada ao muralismo, que se apresenta como a forma mais comum de arte urbana.

Esta arte já é, em muitos casos, empregue por entidades governamentais como processo de regeneração e reabilitação de espaços públicos urbanos procurando obter resultados não só a nível físico como social, económico e cultural.

O espaço público, enquanto palco de atuação da arte, consiste na área onde se desenvolve a vida urbana. A sua imagem e a sua qualidade física são fatores de grande importância, não só para estimular a sua utilização e apropriação positiva, como para tornar tais ações gratificantes e estimulantes. Imagem, que pode ser transformada pela reabilitação urbana dos espaços públicos.

Este processo de reabilitação urbana enquanto otimização do espaço público, pode adotar medidas baseadas na qualificação e caracterização física desses espaços, o que em muitos casos

pode ser um fator indispensável para a obtenção de resultados positivos e melhorias significativas na vida de toda a população.

Os conjuntos de habitação social são uma realidade contemporânea, contudo são em muitos casos, áreas desqualificadas com problemas de habitação e salubridade que aliados a dificuldades financeira e situações de exclusão social se tornam prejudiciais tanto para a vida dos seus moradores como para a própria cidade. Estes problemas juntamente com o desinteresse pelas entidades responsáveis, geram espaços públicos degradados e desqualificados tanto a nível físico como funcional, onde não existem estímulos nem qualquer tipo de incentivo para a sua utilização levando ao seu abandono e desinteresse por parte de todos. No caso de bairros sociais em particular os espaços exteriores partilhados assumem um papel importante na qualidade de vida dos seus moradores e deviam ser alvo de atenção e cuidados.

A reabilitação urbana pode, nestes casos, ser uma potencial ferramenta de melhoria da vida dos residentes, como forma de qualificar as áreas coletivas e possivelmente auxiliar um processo de inclusão social e desenvolvimento económico. As qualidades físicas dos espaços, como a imagem, são fatores de grande importância para o público ao decidir utilizar e visitar determinado espaço, por isso a recuperação ou melhoramento da imagem pode proporcionar uma nova dinâmica social e funcional a um espaço.

Dessa forma, a arte urbana enquanto técnica de embelezamento e modificação do espaço público, pode ser um possível método de reabilitação urbana com fortes capacidades de valorização e dinamização dos espaços onde é aplicada.

Motivação

O tema desta investigação surgiu de um **interesse pessoal pela arte urbana**. Apaixonado por esta forma de arte desde muito novo, sempre me encantou o facto de esta conseguir transformar visualmente um espaço, muitas vezes abandonado ou sem qualquer significado. Sempre procurei conhecer mais sobre as imagens que me marcaram e que me proporcionaram experiências únicas e enriquecedoras que ficaram gravadas na minha memória até aos dias de hoje.

Considero que a arte urbana me fez crescer como pessoa e como estudante, e por isso sempre tive vontade de a estudar e possivelmente me dedicar a essa área. Com este trabalho, foi-me proporcionada a possibilidade de poder abordar questões que me inquietavam desde o primeiro dia como estudante de arquitetura tentando encontrar respostas.

Outro facto que me levou a escolher este tema foi o de acreditar, enquanto estudante de arquitetura, que um espaço público pode em inúmeras situações sofrer uma valorização e beneficiar de grandes melhorias com a introdução da arte urbana. Acredito que estas manifestações artísticas possuem uma forte capacidade de influenciar o ser humano e a forma como este vê, utiliza e se apropria dos espaços da cidade, podendo melhorar o quotidiano de todos os que com elas se cruzam.

Apesar de ser um tema que marcou muito a atualidade, a arte urbana ainda é vítima de estereótipos e ideias erradas, devido não só a falta de informação, mas também a associação desta a atos de vandalismo que destroem e desvalorizam a paisagem urbana. Este tema surgiu então como forma de tentar alterar estes juízos errados sobre esta arte, procurando provar que esta é uma mais valia ao contrário do que muitos pensam.

O tema da reabilitação urbana, mais precisamente em bairros sociais surgiu ao vivenciar, na minha localidade, casos desses tipos de áreas residenciais, como por exemplo o complexo habitacional do Picoto, em que acredito que a melhoria dos seus espaços públicos, pode fazer a diferença e melhorar tanto a vida dos moradores como da cidade onde vivo. Outra motivação para este tema, surge pelo aumento de casos de reabilitação urbana de bairros sociais pela arte, algo muito presente a nível nacional.

Objetivos

O principal objetivo deste trabalho consiste em estudar a arte urbana como metodologia e ferramenta de reabilitação urbana de conjuntos de habitação de interesse social, procurando comprovar a eficácia e os benefícios deste tipo de intervenções, mais precisamente o que reabilitam e como o fazem.

Acrescentado ao objetivo primordial de todo o estudo, estão outros complementares, como o de **pôr fim a preconceitos e ideias deturpadas e negativas sobre a arte urbana**, procurando aprofundar o conhecimento sobre o tema, enquanto que são apresentadas as capacidades desta arte como forma de transformação do espaço público urbano.

Outro objetivo consiste em **entender a importância do espaço público na vida da população** tentando compreender de que maneira é que a sua imagem e respetiva qualificação podem funcionar como estímulo e aumento da sua utilização.

Tenciono ainda alertar e **demonstrar a importância da reabilitação urbana do espaço público** enquanto processo de melhoria do bem-estar da população, principalmente em bairros sociais. Dentro desse objetivo, procuro também **apresentar fatores indispensáveis para a eficácia de todo o processo** bem como demonstrar a importância da imagem e das condições físicas oferecidas pelo espaço exterior público.

Metodologia e Estrutura

Na realização deste trabalho académico baseei-me numa recolha e revisão bibliográfica de trabalhos académicos, artigos científicos e documentos literários, procurando sempre relacionar o tema de arte urbana com a arquitetura. São também desenvolvidos desenhos de análise e de catalogação do caso de estudo aos quais adiciono uma análise empírica que se baseia na minha visita ao bairro. O corpo de texto é acompanhado por imagens, muitas da minha autoria, como forma de ilustrar o conteúdo do texto.

Assim sendo, o presente trabalho foi dividido em três capítulos que acompanham o meu raciocínio e apresentam uma estrutura capaz de criar, no leitor, uma linha de pensamento coesa e compreensível.

O primeiro capítulo denominado de **“Arte no Espaço Público”**, o segundo **“Arte como forma de Reabilitação Urbana de Bairros Sociais”** e o terceiro **“Arte no Bairro Quinta do Mocho”**. Sublinho que, em todo o trabalho, a arte urbana foi entendida como uma forma de transformação do espaço público independentemente do seu conteúdo, significado ou técnicas de produção, procurando afastar-me assim da perspetiva das artes plásticas.

No primeiro capítulo, de modo a encontrar a sua relação, são apresentados os temas **“Arte urbana”** e **“Espaço público”**. O capítulo é iniciado por um estudo relativo à arte urbana, expondo a sua história e características. Como são obras que transformam e comunicam através do espaço público, de modo a compreender mais sobre esse meio, apresento um conjunto de particularidades e elementos que caracterizam a arte urbana. Abordo temas como o ambiente visual, a imagem, a identidade e a qualidade do espaço público, pois são os conceitos que mais se adequam ao tema do trabalho e que podem ser influenciados pela introdução desta forma de arte. É através deste capítulo que procuro entender mais sobre o espaço público que nos rodeia e que serve de tela para a arte urbana.

No capítulo **“Arte como reabilitação urbana de bairros sociais”**, são abordados temas como reabilitação urbana, bairros sociais e arte, que servem como introdução para o caso de estudo que será analisado posteriormente e que facilitam a sua compreensão. É um capítulo que se inicia com a apresentação dos conceitos, objetivos e premissas da reabilitação urbana, sendo em seguida, discriminado e especificado este tipo de intervenção em conjuntos de habitação de interesse social (bairros sociais). Após a apresentação do conceito de bairro social e dos seus

problemas, é então introduzido o tópico da “**Reabilitação urbana de bairros sociais**” no qual são apresentados pontos a ter em atenção ao intervir nesses espaços bem como fatores indispensáveis e determinantes para o sucesso.

Sendo o espaço público e a sua imagem um fator importante para a reabilitação dos bairros sociais, a arte pode então ser uma forma de melhorar não só fisicamente como social e economicamente esses espaços. De acordo com este raciocínio, é então apresentado o tópico de “**Reabilitar através da arte**” onde é estudada a capacidade transformadora da arte urbana em locais considerados como problemáticos. Procurando complementar e fundamentar as ideias previamente defendidas, são analisados dois casos de reabilitação urbana por meio de intervenções artísticas no espaço público (“*Favela Painting*” e “*Macromural de Pachuca*”). Através desta análise, procuro evidenciar não só o enquadramento social e físico das intervenções, mas também os seus resultados e fatores determinantes.

Por fim, no último capítulo “**Arte no bairro Quinta do Mocho**”, é, em primeira instância, estudado e investigada a história, as características e situação (social, económica e física) do conjunto habitacional Quinta do Mocho. Posteriormente, numa segunda fase, é apresentada a iniciativa “o bairro i o mundo” que se baseou na realização de um festival de arte urbana neste bairro em Loures. Esta iniciativa resultou em mudanças significativas no local, que são exibidas e exploradas de modo a comprovar o impacto da arte urbana. Para tal, é efetuado um estudo baseado em informação e resultados apresentados pelos meios de comunicação social e por trabalhos académicos realizados sobre o tema. Este estudo é complementado pela investigação através de desenhos e recolha fotográfica.

Foi, ainda, realizado um diário de campo intitulado de “**Análise empírica (Visita ao bairro)**”, com enxertos aqui apresentados, produzido na primeira pessoa e no qual apresento, segundo o meu ponto de vista e enquanto estudante de arquitetura, as sensações que me foram despertadas e a relação que as obras possuem com o espaço público interior e exterior do bairro Quinta do Mocho. Todo o processo de conceção deste trabalho de investigação foi realizado com o objetivo de responder às questões colocadas desde o início do mesmo: “Pode a arte urbana reabilitar o espaço público? Como e porque?”.

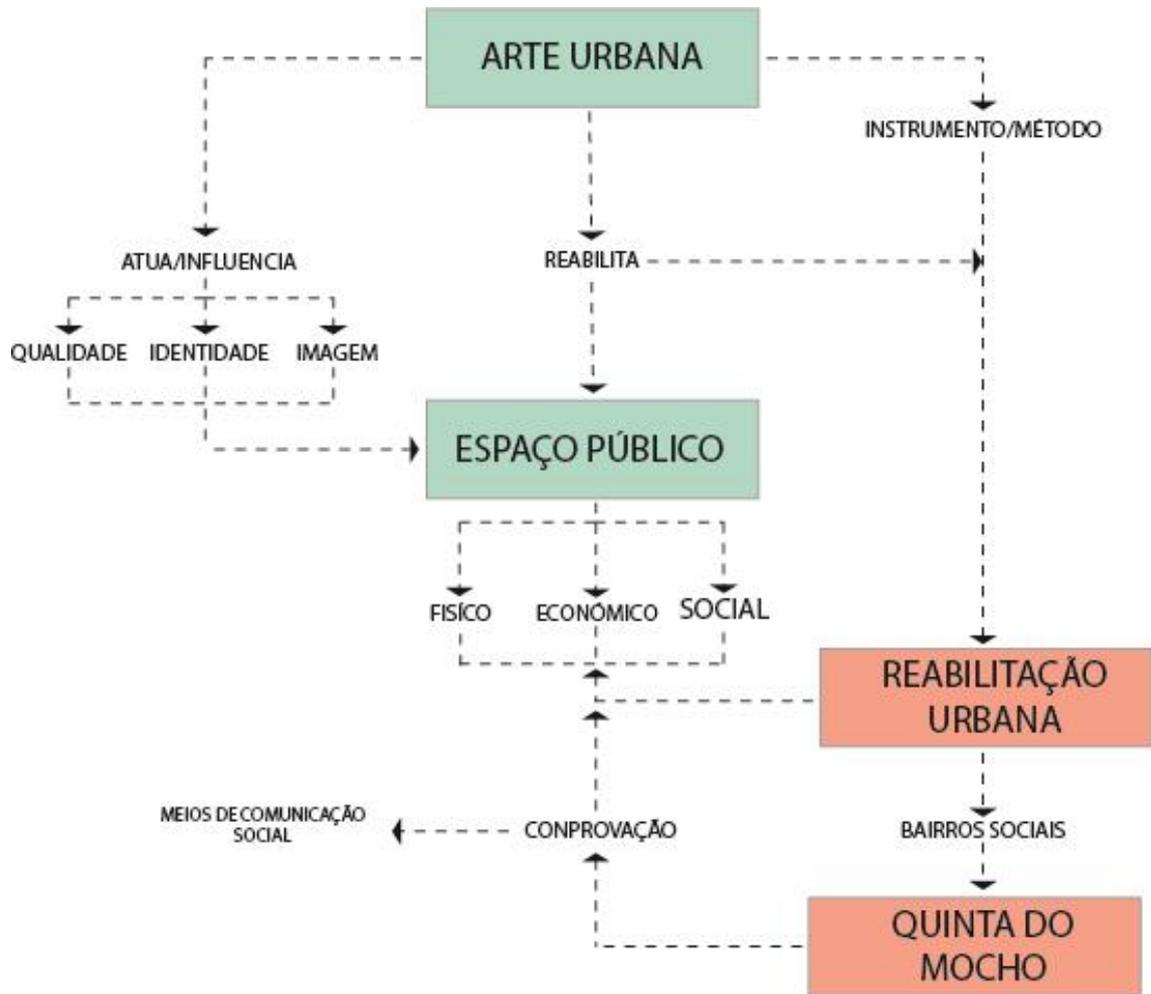


Figura 2| Esquema Síntese

I – Arte no Espaço Público

1. Arte Urbana

1.1. O nascimento de uma nova Arte

O termo arte urbana conhecido atualmente surgiu no séc. XX fortemente influenciada pelos movimentos de vanguarda, como "o surrealismo, construtivismo russo ou o dadaísmo bem como outras manifestações do pós-guerra"¹ nos quais se questionou o conceito de obra de arte e que conduziu à criação de novas formas de representações artísticas. Ao tentar explicar as intervenções de arte urbana da atualidade é necessário referir a arte conceptual que surge em fins dos anos 60.

Como arte concetual é entendido o movimento artístico em que a obra de arte se baseia na significação e na interpretação, abandonando os princípios visuais e estéticos e tornando-se num conceito, numa ideologia ou pensamento. O que identifica a obra de arte concetual e lhe atribui um significado e um valor é o seu conteúdo e o desígnio com que é produzida. Artistas conceptuais procuram conferir na obra de arte a capacidade de comunicar e dialogar com o observador alargando e despertando, nestes novos e diferentes modos de pensar. Marcel Duchamp (Fig.3) é considerado por muitos como o pioneiro da arte conceptual. Artista, que através das suas obras (Fig.4), quebrou cânones da arte tradicional e demonstrou e proclamou "a importância da ideia sobre o processo de execução"². A arte concetual questionou a tradicional produção artística e inclusive todo o conceito de obra de arte.



Figura 3| Marcel Duchamp, Artista Conceptual



Figura 4| "Fonte"- Obra ready-made de Duchamp de 1917

¹ Caixado, M. Q. (2017). *Arte urbana: estratégias de revitalização dos espaços públicos degradados*. Dissertação de Mestrado, Universidade Lusíada, Lisboa, Portugal. p.37

² *Ibidem*. p.38

A arte conceptual é certamente uma das influências e impulsionadora da arte urbana conhecida atualmente. Apresentando novas formas de expressão e procurando afastar as obras de espaços fechados, como museus e galerias, este movimento despertou uma época fortemente caracterizada pela intervenção no espaço público, na qual os artistas usavam a rua e contrariavam o elitismo e exclusividade da arte. Foi um movimento artístico onde se desenvolveram estratégias com o objetivo de levar a arte a um público mais abrangente ao mesmo tempo que marcavam os espaços de múltiplas formas. É com o surgimento da arte conceptual que a relação entre a obra de arte e o público passa a ser mais clara e evidente.

Os princípios defendidos pelo movimento da arte concetual apresentam-se como derradeiros para o aparecimento e desenvolvimento de manifestações artísticas, como as de arte urbana, que abordam uma variedade de conceitos e que utilizam o espaço exterior público como suporte. Deu se início uma era em que o local de intervenção eram as ruas e os espaços públicos onde os criadores procuravam deixar, através das mais diversas maneiras, uma marca ou uma mensagem (Fig.5).



Figura 5| "East Side Gallery". Berlim, Alemanha - Galeria de arte a céu aberto iniciada em 1990 com trabalhos de vários artistas

É a partir dos anos 90 que aparecem novos tipos de intervenções no espaço público, que se assemelham ao que hoje designamos por arte urbana. Foi um período em que os artistas procuraram e estudaram novas e originais formas de produzir e de se manifestar nas ruas e espaços públicos da cidade, transformando-os em locais de troca de experiências entre a obra e o observador. É na mudança para o séc. XXI que surgem, no campo da arte urbana, obras de maiores dimensões, destaque e diversidade (Fig.6).



Figura 6| Obra de Ericailcane (Crocodilo), Avenida Fontes Pereira de Melo. Lisboa, Portugal.

A arte urbana, atualmente refere-se a todas e quaisquer obras e atividades artísticas que surgem no espaço público, diferenciando-se de qualquer ato de vandalismo. É um movimento inserido no quotidiano da população que aborda e atua sobre a cidade, “reformulando e reinterpretando espaços através de diferentes ações.”³



Figura 7| "Banksy Vs King Robbo", obra de Banksy. Camden, Londres

³ Nunes de Sousa, R. B. (2013). *A importância do contributo das intervenções de Arte Urbana para a área do Design de Comunicação*. Tese de Mestrado, Lisboa, Portugal. p.111

1.2. Espaço Público como “Tela”



Figura 9| “Inside Out Project”, obra do artista JR. Times Square (Nova Iorque), EUA.



Figura 8| “Inside Out Project”, obra do artista JR. Atlanta (Geórgia), EUA

Uma obra de arte urbana, segundo Pedro Brandão (2002), surge no espaço urbano como permanente ou temporária que visa, através das mais variadas colaborações e participações, a criação e transformação de ambientes físicos criando espaços de qualidades visuais ímpares enquanto que incorpora e disponibiliza a arte na cidade (Fig.8 e 9).

A arte urbana engloba uma grande diversidade de formas de intervenções desde pintura a escultura até instalações e performances. Caixado (2016) dividiu esta arte em três categorias, “intervenções de carácter superficial, intervenções de carácter estrutural e acontecimentos”.⁴

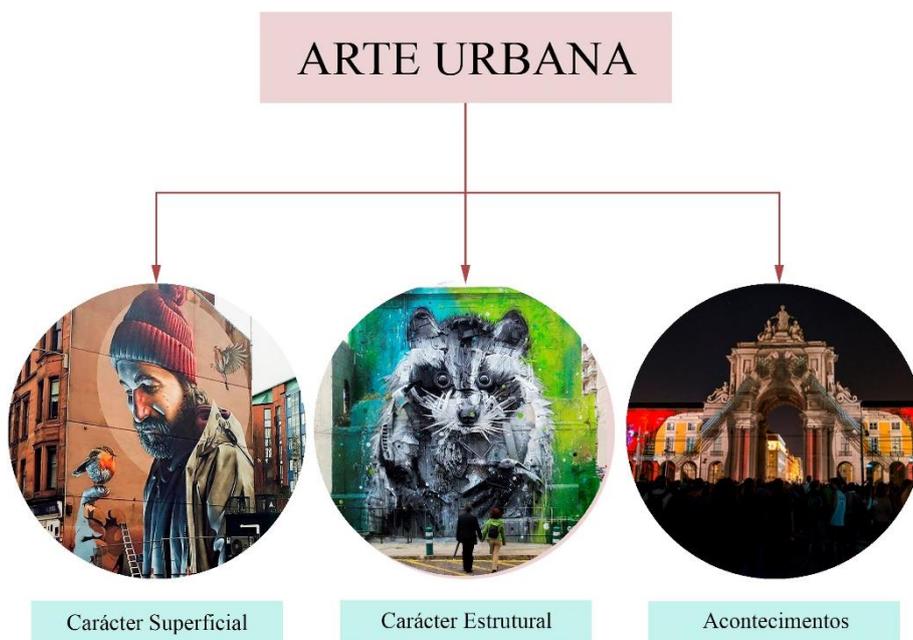


Figura 10| Esquema das três categorias da Arte Urbana

⁴ Caixado, M. Q. (2017). *Arte urbana: estratégias de revitalização dos espaços públicos degradados*, dissertação de Mestrado, Universidade Lusíada, Lisboa, Portugal. p.42

No campo das intervenções de carácter superficial temos como exemplos a pintura de murais, o stencil, os autocolantes, colagens, etc. Nas de carácter estrutural temos as esculturas, monumentos e instalações etc. e nos acontecimentos temos as performances, os happenings, as projeções de imagens e vídeos, etc.

A pintura de murais, ou muralismo é considerada por muitos autores como a mais ambiciosa e comum forma de arte urbana. Este tipo de obra é muitas vezes realizado em fachadas de edifícios de áreas abandonadas ou desocupadas sendo caracterizadas pelas suas grandes dimensões e originalidade. Atualmente muitos murais são realizados de forma legal e são aceites e empregues, nos espaços das cidades através projetos de revitalização e reabilitação de áreas fragilizadas e danificadas (Fig.11). Não só como forma de possibilitar o contacto com a arte, mas também como forma de melhorar estes espaços.



Figura 11 | Murais de vários artistas, realizados para o Festival Muro Lx 2017 em Marvila no Bairro Marquês de Abrantes, Bairro dos Alfinetes, Bairro da Quinta da Salgada e Bairro da Quinta do Chalé. Lisboa, Portugal.

Apesar das divergências entre os diferentes tipos de arte urbana mencionados anteriormente, todos eles utilizam o espaço público urbano como base para as intervenções e ambas são caracterizadas por uma forte vontade de confrontar e expor, de forma transgressiva e alternativa, os problemas da sociedade enquanto criam, no espaço público, uma relação e um diálogo com os observadores (Fig.12).



Figura 12| "Quem és Porto?" obra de Miguel Januário (±maismenos±), Rua da Madeira. Porto, Portugal. - Uma obra de arte urbana (mural em azulejos) que se baseia na interação entre a obra e o observador.

Optando pelo espaço exterior público como área de intervenção, as obras de arte urbana possuem um público mais variado e abrangente em comparação aos museus e galerias de arte (Fig.13), tornando se física e mentalmente mais próximo de toda a população, circunstâncias que facilitam a transmissão da mensagem e ampliam o seu impacto. É uma forma de manifestação artística que converte as malhas da cidade em verdadeiras galerias de arte, proporcionando ruas e espaços mais apelativos, criativos e inspiradores para as comunidades procurando promover novas experiências visuais e cognitivas (Fig.14).



Figura 13| Alte Nationalgalerie. Berlim, Alemanha



Figura 14| Obras de vários artistas, Ciclovia do Rio Este. Braga, Portugal

O artista urbano procura, acima de tudo, que a sua obra comunique, interaja e se relacione com os observadores potenciando a criação e o desenvolvimento de uma relação diária com as vidas dos transeuntes, revigorando e estimulando a comunicação entre os cidadãos e fomentando o pensamento e a reflexão. O produto da arte urbana, ao ser inserido na esfera pública, desenvolve e valoriza relações entre o autor, a obra e o público gerando vínculos entre eles e o espaço. Promove, enquanto colóquio proposital “a acção de consciencializar e elucidar o público na formação de conexões sociais”.⁵

Realizada a céu aberto a arte urbana contribui de forma ativa e direta para uma transfiguração da paisagem urbana, sendo capaz de influenciar o quotidiano e obter resultados que transcendem a dimensão visual e perceptiva do espaço público. Esta capacidade torna esta expressão visual num potencial instrumento de dinamização, transformação e ativação de espaços.

Apresentando um conjunto diverso de estilos, contextos, técnicas e materiais a arte urbana e a sua produção promovem regularmente os espaços da cidade bem como a sua reparação, aproveitação e utilização enquanto revitalizam a vida urbana. A arte urbana pode ser vista como forma de urbanismo e técnica de intervenção nas cidades (Fig.15) sendo capaz de contribuir eficazmente para uma melhoria a nível estético e para uma dinamização social e cultural, influenciando a forma como os espaços urbanos são vividos, valorizados e reconhecidos pela população. No entanto é necessário diferenciar a arte urbana das restantes formas de expressão visual, muitas vezes vandálicas, presente no espaço público. O *graffiti* por exemplo, apesar de possuir semelhanças, é uma manifestação artística presente no espaço público muito distinta da referida arte urbana.



Figura 15| Superkilen. Copenhaga, Dinamarca. - Projetado pelos grupos BIG Architects, Topotek 1 e Superflex em 2012

⁵ Caixado, M. Q. (2017). *Arte urbana: estratégias de revitalização dos espaços públicos degradados*, dissertação de Mestrado, Universidade Lusíada, Lisboa, Portugal. p.53

1.3. Arte Urbana, o movimento artístico Pós-graffiti



Figura 16| Cornbread Tag. Filadélfia, EUA. - Darryl McCray é considerado como o pioneiro do Graffiti

Graffiti é a palavra que deriva do plural do termo *graffito* (elementos imagéticos ou textuais inscritos numa parede) e que deu nome à forma de expressão visual que surgiu na década de 60 em Filadélfia (Fig.16) em forma de *tags* (elemento gráfico ou assinatura do autor) e de *pieces* (semelhante aos *tags*, mas de maiores dimensões, mais elaborados e de diferente aspeto visual) (Fig.17). Foi na década de 90, que as obras de *graffiti* atingiram uma maior complexidade e surgiram também novas práticas de intervenção nos espaços públicos da cidade iniciando o processo de aparecimento do que hoje intitulamos por arte urbana. O *graffiti*, apesar de distinto, pode ser considerado como um dos influenciadores e impulsionadores da arte urbana. (Lewisohn, 2007)



Figura 17| Tag e Piece de "SAEK", Nogueiró. Braga, Portugal.

A arte urbana á semelhança do *graffiti*, surge como uma transgressão sobre a forma de pinturas no espaço urbano, no entanto os artistas urbanos procuram algo mais do que apenas deixar a sua marca, pretendem intervir no espaço público de uma forma mais comunicativa e interativa com os espetadores. Ambas possuem uma intenção de transmitir uma mensagem em forma de ilustração imagética ou conteúdo escrito. Contudo apesar da existência de semelhanças estes conceitos são dispares.

Warclawek (2011), apresenta a arte urbana como o a arte pós-*graffiti* e como tal está implícito um seguimento temporal e um afastamento e mudança de certos fundamentos instituídos pelo *graffiti*. A diferença entre estas duas expressões artísticas reside principalmente nos distintos métodos e meios de execução que empregam e na escolha de novos contextos de produção e de divulgação das obras. A arte urbana, caracterizada pela diversidade de estilos e materiais, reconhece novos métodos e ferramentas de produzir, desenvolvendo um estilo visual diferente do *graffiti*, caracterizado pelas mais diversificadas formas de transmitir uma ideia, uma imagem ou uma mensagem. Os artistas urbanos ou *street artists*, procuram dinamizar, colorir e melhorar os espaços e a estruturas da cidade enquanto que pretendem desenvolver novos estilos e métodos que ajudem a alertar, criticar e realçar os espaços e os conteúdos abordados.

A arte urbana e o *graffiti*, ainda que ligadas são diferentes em muitos aspetos como os estabelecidos por Lewisohn (2007) no seu livro "*Street Art*". Aspetos como as motivações, o público para quem é realizada a obra e os materiais que os artistas utilizam diferenciam estas duas formas de manifestação artística.

1.3.1. Expressão

O *graffiti* representa uma “expressão pessoal e quase sempre individual”⁶ do seu criador denominado por *graffiti writer* ou apenas *writer*. Existe uma despreocupação por parte dos autores em criar algo considerado arte, reprovando qualquer tipo de associação do *graffiti* a uma peça artística. Atuando de forma agressiva, o *graffiti* apropria-se e muitas vezes vandaliza o espaço público, o que tem contribuído para a crescente desvalorização e rejeição deste tipo de práticas consideradas prejudiciais e destrutivas para a cidade, principalmente para a sua imagem.

Realizado normalmente de forma ilegal, espontânea e sem qualquer preocupação estética e metodológica (Fig.18), o *graffiti* surge apenas como uma forma de apropriação do espaço pelos *writers* com o principal intuito de se exprimirem e manifestarem os seus sentimentos muitas vezes em forma de crítica e protesto, ou simplesmente deixar a sua marca no território e afirmar o seu nome perante outros *writers*. É considerada como uma forma de procurar visibilidade e de demonstrar o descontentamento do criador. Estes *graffitis* são caracterizados por serem visualmente complexos e de extrema dificuldade de compreensão e interpretação para alguém que não esteja relacionado e habituado a este tipo de imagens.



Figura 18| Graffiti. Metro de Nova Iorque, EUA.

⁶ Nunes de Sousa, R. B. (2013). *A importância do contributo das intervenções de Arte Urbana para a área do Design de Comunicação*. Tese de Mestrado, Lisboa, Portugal. p.118

1.3.2. Técnicas e Materiais

Tendo geralmente os mesmos locais de intervenção, a arte urbana e o *graffiti* são facilmente distinguíveis através das técnicas, materiais e conteúdo. O artista urbano distancia-se de um *writer* não só pela temática e objetivo do seu trabalho, mas também pela sua linguagem visual que permite identificá-lo. Ao visualizar um determinado trabalho de arte urbana, facilmente o associamos a um artista não só através do tema, técnicas e materiais como também pelo tipo de intervenção.

A prática do *graffiti* é focada na caligrafia e escrita de *tags* enquanto que na arte urbana os artistas estão concentrados no lado mais pictórico, estético e figurativo das suas obras, recorrendo muitas vezes a texto apenas de modo a intensificar os seus conteúdos e significados.

Utilizando uma ampla variedade de materiais e técnicas, desde sprays e outras como stencils, autocolantes, esculturas etc. a arte urbana oferece as mais originais e inovadoras formas de intervir no espaço público. O artista urbano Bordalo II por exemplo, utiliza lixo que encontra nos locais de intervenção, para a criação de esculturas (Fig.19) enquanto que o artista Vhils utiliza um processo de remoção, deterioração e destruição de camadas de uma fachada para criar as suas obras (Fig.20) e Banksy, um dos nomes mais sonantes deste tema, emprega técnicas como o stencil (Fig.21).



Figura 19| "Owl Eyes", obra de Bordalo II. Covilhã, Portugal



Figura 20| "Scratching the surface", obra de Vhils, Avenida da Índia 28. Lisboa, Portugal



Figura 21| "Follow your dreams", obra de Banksy, Chinatown. Boston, EUA.

1.3.3. Público Alvo

O público alvo consiste uma das maiores diferenças entre o *graffiti* e a arte urbana, sendo que o primeiro se baseia apenas na propagação do nome do autor, enquanto que a arte urbana pretende comunicar, transmitir uma ideia aos observadores ou simplesmente enriquecer e dinamizar as monocromáticas cidades, preenchendo o olhar dos habitantes com algo mais do que propaganda e monotonia. A arte urbana intervém de forma a abranger e atingir um número maior de observadores do que o *graffiti*. Ainda que repletas de semelhanças e de ambas interferirem e enfrentarem a estética do espaço urbano, a arte urbana é algo mais do que uma simples intervenção no espaço concreto, é um instrumento de comunicação e de diálogo que devido aos temas que aborda e à forma como é realizada pode servir não só para despertar sentimentos e sentidos como para desenvolver a consciência social. (Waclaweck, 2011)

A arte urbana vive mais das interações com as pessoas nas ruas, ao contrário do *graffiti* que procura a autopromoção e a propagação de um nome, que opera como linguagem privada de difícil compreensão e interpretação. Apesar das suas dissemelhanças não se pode negar o facto de que o *graffiti* consiste numa das maiores influências da arte urbana, considerada por muitos autores, artistas e críticos como o maior movimento artístico do séc. XXI (Lewisohn, 2007).



Figura 22| "The Modern Family", obra de MrDheo para Festival Muro LX2016, Bairro Padre Cruz, Carnide, Lisboa



Figura 23| "O respeito entre Povos", obra de LS (AK Crew) para Festival Muro LX2017, Bairro da Quinta do Chalé, Marvila, Lisboa

2. Espaço Público Urbano

Nos espaços públicos desenvolve-se e manifesta-se a vida social, são os lugares onde acontecem os mais variados eventos sociais e culturais e onde o ser humano contacta com o exterior. São os espaços onde as pessoas se juntam e se relacionam, funcionando como um catalisador das práticas sociais de uma cidade.

A cidade depende dos seus espaços públicos que lhe atribuem uma identidade e a caracterizam. De acordo com Kevin Lynch (2000), o espaço público é onde se forma a imagem da cidade, sendo que é através deste que o indivíduo tem a oportunidade de a percorrer, a observar e a entender.

É um espaço limitado pela construção e caracterizado como o vazio urbano, aberto e acessível a todos, símbolo de liberdade, inclusão e enriquecimento social e cultural das comunidades. É neste espaço comum que o ser humano, partilha e vive em comunidade. A sua criação e transformação procuram atender às necessidades coletivas da vida urbana.

A existência destes espaços pressupõe uma função e um determinado uso. Segundo Mora (2009) os espaços ditos públicos devem permitir a integração de toda a população, das suas atividades e vontades, incentivando a recreação cultural, a permanência, o contacto e o encontro entre indivíduos. De acordo com a perspetiva de Fernandes (2012), sobre a função do espaço público no contexto urbano, estes lugares têm de ser considerados como o “motor de novas perspetivas na cidade, o palco para o desenvolvimento das necessidades coletivas e da vida pública, o gerador da identidade do local, determinante da sua paisagem, indissolúvel com a natureza, as pessoas e suas dinâmicas”⁷ (Fig.24).

⁷ Fernandes, A. C. (2012). *Metodologias de avaliação da qualidade dos espaços públicos*. Tese mestrado, Porto, Portugal. p. 6



Figura 24| Rynek, Breslávia, Polónia.

Francisco (2005) contextualiza, segundo um ponto de vista sociológico, o espaço público enquanto cenário onde surgem e se processam as interações do ser humano. O ser humano é um ser social, que necessita de comunicar e se relacionar com outros, partilhando momentos, pensamentos e comportamentos numa coexistência harmoniosa e construtiva. Estas Interações são fatores importantes e indispensáveis na vida dos indivíduos. O autor define estes espaços como áreas que possibilitam um equilíbrio no funcionamento do sistema urbano e que desempenham um papel importante na consolidação de vínculos sociais que contribuem para uma melhoria na qualidade de vida da cidade.

De modo a diferenciar os espaços exteriores públicos, o etnólogo e antropólogo francês Marc Augé (1994), criou dois conceitos, o “lugar” e o “não lugar” que se distinguem pela sua identidade e significado. O “não-lugar”, segundo Augé, refere-se a espaços caracterizados pela falta de significado e diferenciados dos lugares antropológicos. Uma estação de metro por exemplo é segundo os parâmetros deste antropólogo, um “não-lugar”, pois baseia-se num espaço de passagem incapaz de criar algum significado no utilizador e de formar uma identidade. Por outro lado, o termo “lugar” corresponde a um espaço com uma forte relação com o indivíduo, capazes de possuir características identitárias, relacionais e históricas. São espaços de sociabilidade que, segundo o autor, vão desaparecendo como resultado das transformações da sociedade atual, que vive cada vez mais isolada e individualizada. Os “não-lugares” são então impulsionadores de relações de solidão (Fig.25).



Figura 25| "Não-lugar", Foto de Monicam. Lisboa, Portugal

Francisco (2005) afirma que os espaços públicos apresentam uma tradução espacial distinta que lhes atribui características específicas permitindo individualizá-los e caracterizá-los. Estes podem ser diferenciados, segundo ele, mediante sete parâmetros como a morfologia, propriedade, projeção, uso, acesso, função e atratividade. A distinção destes espaços pode ser induzida por exemplo através da instalação de mobiliário urbano ou de obras de arte urbana, criando uma nova paisagem e alterando a sua função e identidade, individualizando-o e estimulando quem o observa e utiliza (Fig.26 e 27).

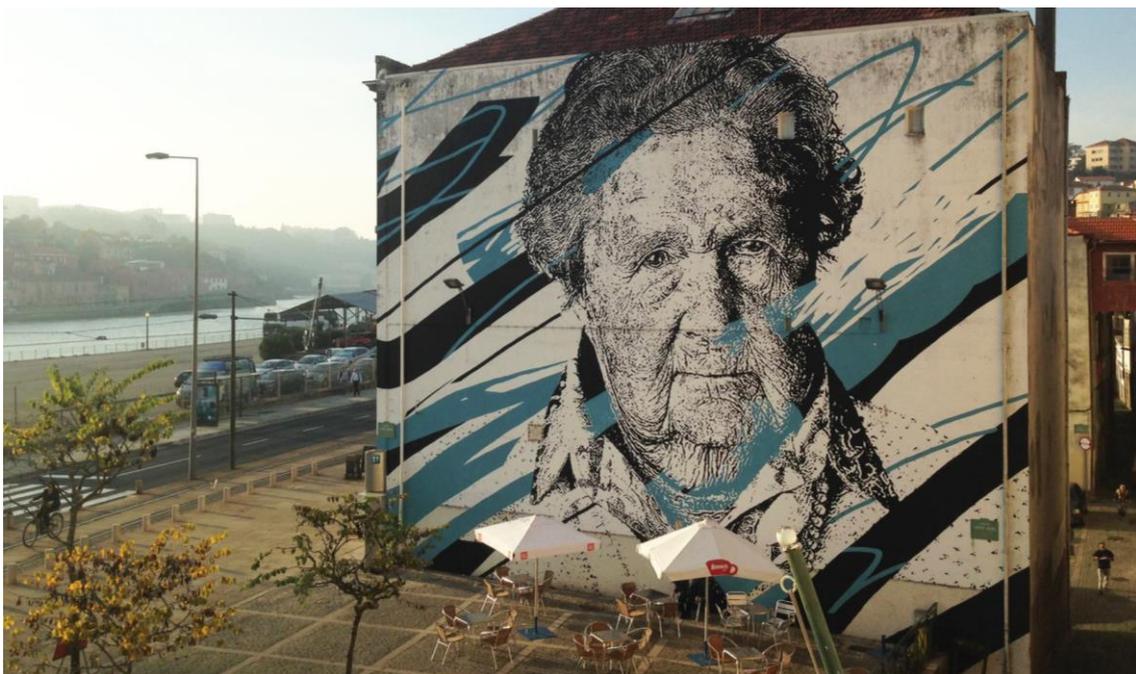


Figura 26| "Mira", obra de Daniel Eime. Largo de Artur Arcos. Porto, Portugal



Figura 27| "Amália Rodrigues", obra de Vhils, Rua de São Tomé, Lisboa, Portugal

Embora se perceçione por via da sua dimensão física e concretas, o espaço público une-se aos seus valores intangíveis e abstratos, como os valores culturais, históricos, políticos, religiosos sociais etc. que permitem distingui-lo e atribuir-lhe uma identidade urbana.

O espaço partilhado urbano é o território coletivo da cidade e é no seu contexto social que encontra a sua razão de ser. Neste seguimento o espaço público desempenha o papel principal e essencial na socialização entre seres, possibilitando a comunicação e a relação, que constituem um conjunto de fatores vitais e fundamentais para a qualidade da vida quotidiana dos habitantes, que cada vez mais vivem uma vida solitária e frequentam os "não-lugares". Por esta razão ações de criação, planeamento, manutenção e a reabilitação do espaço público podem melhorar a vida dos habitantes e a forma como estes convivem e se relacionam.

Sendo assim é na forma como o espaço público é utilizado e vivenciado pelos "atores sociais" que se encontra a essência destes espaços. No entanto estas formas de utilização e apropriação do espaço estão limitadas e são influenciadas pela capacidade que o espaço tem para as alojar. A própria morfologia espacial pode muitas vezes condicionar a inibição ou o favorecimento de certas práticas nos espaços. Como afirma Kevin Lynch (2007) o espaço propõe uma ação enquanto que a limita.

São os indivíduos que utilizam o espaço público que os definem e determinam as experiências urbanas (Fig.28). Estes espaços são então o reflexo da população que o utiliza e que deste se apropria. Utilização que é variada e é feita tendo em conta as suas características físicas.

O espaço público é muitas vezes adaptado e reinventado, alterando as suas funções, na tentativa de comportar novas atividades sociais. Logo existe a necessidade de uma disponibilização de espaços públicos versáteis e suscetíveis a possíveis transformações ao longo do seu tempo de vida.



Figura 28 | "Wrocław Multimedia Fountain". Breslávia, Polónia.

Existem formas de categorizar e dividir os tipos de espaços públicos em duas tipologias espaciais genéricas, os espaços de permanência e os de circulação. Ao mencionarmos espaços de permanência (Fig.29) estamos a referir-nos a espaços que se definem como cenários de atividade que estimulam ações, atitudes participativas e a relação entre as partes pertencentes ao espaço. E nestes espaços onde se assiste ao encontro e vivências quotidianas. Os espaços de circulação (Fig.30) consistem nos percursos da cidade, que permite uma mobilidade e a deslocação de um ponto para outro, de acordo com o interesse do transeunte, podendo ser para peões ou para veículos.



Figura 29| "Espaço de Permanência". Varsóvia, Polónia.



Figura 30| "Espaço de Circulação". Varsóvia, Polónia.

Existe uma forte relação entre as formas físicas do espaço público (formas do edificado e não edificado) e os comportamentos sociais. Isto significa que os comportamentos, relações sociais e as atividades praticadas nestes espaços, são influenciadas constantemente pelas características funcionais e formais do espaço público. E tal como o ambiente envolvente influencia e altera a vivência social, também os indivíduos, como um ser ativo, o altera também.

Esta relação torna-se assim num processo de duplo sentido em que um lado afeta e modifica o outro. As pessoas criam e modificam o espaço enquanto estão sendo influenciadas de várias formas por ele. Desse modo, ao projetar ou alterar um espaço público urbano estamos a influenciar os padrões da atividade humana nesse espaço e conseqüentemente a vida social da cidade.

As características físicas não são necessariamente uma influência dominante na vida e no comportamento do ser humano, mas podem estimular e limitar as suas ações no espaço. O ambiente visual, enquanto particularidade material do espaço público, pode ser um fator que condiciona e incentiva a população a interagir com o espaço.

2.1. Ambiente Visual

A dimensão visual e perceptiva é uma característica importante do espaço público, sendo que “corresponde às imagens mentais que o indivíduo constrói acerca da cidade”.⁸ É esta imagem que deposita nos espaços da cidade uma carga emocional e simbólica para o indivíduo/grupo que observa e absorve os seus traços físicos. A visibilidade que representa outra dimensão característica do espaço público corresponde ao modo como o espaço público, mais precisamente as suas características físicas, são observadas e reconhecidas não só pelas comunidades locais, pelos habitantes da cidade, mas também pelos indivíduos que lhe são extrínsecos como é o caso dos turistas. Esta visibilidade e reconhecimento mais abrangente permite atrair um maior e mais variado número de utilizadores, podendo assim aumentar o seu carácter público e dinamismo coletivo.

Os atributos estéticos e a forma como estes ajudam a projetar os espaços públicos a áreas mais alargadas, tem sido um fator importante e predominante no alcance da popularidade, permitindo assim atribuir um maior protagonismo ao espaço público. É o papel do espaço público projetar uma imagem que lhe atribuirá uma identidade (Fig.31). A transformação e melhoria a nível estético e físico da esfera pública da cidade permite atribuir uma identidade e uma melhoria no reconhecimento desse espaço pela sociedade interna e externa deste, podendo aumentar a quantidade de utilizadores desse espaço.

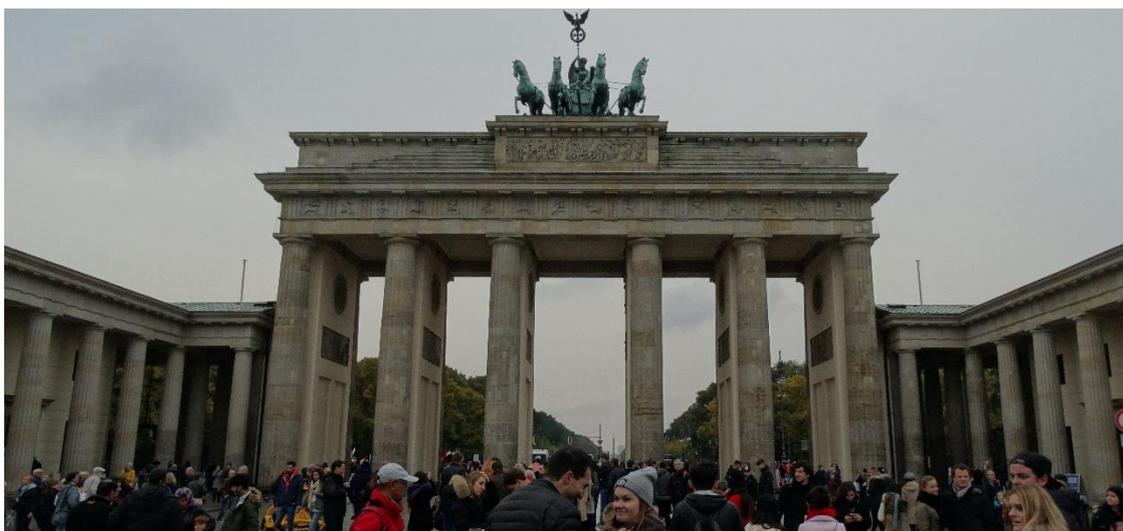


Figura 31 | "Brandenburger Tor". Berlim, Alemanha.

⁸ Sousa, F. (2013). *As imagens do espaço público urbano: Uma abordagem ao impacto do metro do porto na imagem da cidade consolidada*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, Porto, Portugal. p.41

De acordo com o arquiteto Norberg-Schulz (1980) o lugar é mais do que um espaço abstrato e impalpável, é um conjunto complexo de características tangíveis e visíveis como materialidade, cor e forma, que segundo ele são a essência de um lugar. É então necessário que o espaço constitua um conjunto de imagens que estimule e oriente, de uma forma positiva, o utilizador.

Os lugares que fazem parte da cidade despertam nas pessoas comportamentos que são consequências dos estímulos produzidos da relação das mesmas com o espaço.

“É esta infinidade de estímulos produzidos pela cidade, quando percorrida e vivenciada pelos transeuntes -seja ela de forma mais ou menos consciente- que apuram os sentidos dos indivíduos e são capazes de despertar nestes emoções, reações e reflexões que remetem para o carácter urbano afetivo, intelectual e fantasioso de uma cidade- para o seu imaginário.”⁹

Diariamente o indivíduo que percorre o espaço público e a cidade é alvo de estímulos sensoriais, cognitivos e emocionais transmitidos e manipulados pela dimensão visual e preceptiva dos espaços, sendo que existe uma forte influência do carácter físico e imagético deste em todos os que o percorrem, frequentam e observam (Fig.32). O ser humano deixa-se influenciar pelo que o rodeia sofrendo com as alterações do mesmo. Estas reações diferem de pessoa para pessoa, dependendo do modo como foi percecionado e da ligação estabelecida com o espaço e com a sua imagem.



Figura 32| "Wrocław Multimedia Fountain". Breslávia, Polónia.

⁹ Sousa, F. (2013). *As imagens do espaço público urbano: Uma abordagem ao impacto do metro do porto na imagem da cidade consolidada*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, Porto, Portugal. p.41

2.2. Imagem do Espaço Público

A definição do conceito de imagem é complexa e difícil, devido a globalidade de significados de imagem provenientes da sua multiplicidade de produções culturais, intelectuais e artísticas. Nos dias de hoje a cidade esta repleta de imagens, como cartazes publicitários, *graffitis* entre outros que ocupando parte do território livre e perceptível, sendo assim comum mencionar que vivemos na era da imagem. A imagem enquanto conceito, polimórfico e de difícil definição, engloba uma variedade de sentidos, como cultural, social e histórico que representa a forma como estas imagens são produzidas, utilizadas e compreendidas pelo ser humano. Normalmente a imagem está associada a referências que se baseiam principalmente na sua presença material, física e visual. Contudo muitas vezes a imagem é utilizada para criar um objeto distinto do real, existindo exclusivamente na mente de cada indivíduo, denominada de imagem mental.

O estudo da imagem do espaço urbano pode ser entendido por duas formas diferentes. Em primeiro existem imagens como índice de realidade, material e física tal como objetos da arquitetura (Fig.33), do urbanismo, da publicidade (Fig.34) e arte urbana (Fig.35) presente e manifestados na superfície perceptível e concreta da cidade que visam, à partida, provocar um certo efeito, sentimento ou emoção sobre o observador. Em segundo, temos as imagens mentais, que sucedem de um processo intelectual da memorização, da contemplação e interpretação das imagens reais, mencionadas anteriormente, sendo criadas através do experimento real e visível que gera imagens elaboradas e produzidas mentalmente.



Figura 33| Edifício Dynamic, projeto de M Ventura & Partners, Avenida Robert Smith. Braga, Portugal.



Figura 34| Paineis Publicitários, Avenida João Paulo II. Braga, Portugal



Figura 35| "Toca a Pintar" obras de vários artistas (Utopia, Márcio Baía, etc.), Rua Conde de Agrolongo. Braga, Portugal.

O espaço urbano afigura-se a um ambiente onde o visível e perceptível, a imagem, adquire uma forte presença e importância na maneira como nos relacionamos socialmente, como nos apercebemos e entendemos o território que nos rodeia e na forma como nos orientamos nele. O espaço público é o lugar principal de consumo e do desenvolvimento de produção de imagens que caracterizam e moldam o panorama visual urbano e contribuem também para a forma como os "protagonistas sociais" agem sobre o espaço e o representam mentalmente (Sousa, 2013).

Elementos como a arquitetura, a arte urbana e o vandalismo entre outros são alguns exemplos desta expressão imagética que está cada vez mais presente no nosso quotidiano e distribuído pela cidade. Este conjunto de imagens contribuem para a criação de uma "cultura visual urbana", originando e transformando a paisagem do espaço urbano atribuindo-lhe identidade e um ambiente único que se projeta sobre os indivíduos.

A cidade consiste numa paisagem onde se incorpora diversas e distintas realidades, sendo que a sua imagem é o retrato e o espelho da sociedade onde se insere.

Grande parte da informação que assimilamos diariamente e que mobiliza a nossa atenção é apresentado visualmente no espaço urbano. Portanto a cidade e a sociedade que nela se incorpora, vivem embebidos de informação não verbal, apresentada e comunicada na forma de “código visual”. Este conjunto de elementos imagéticos que nos rodeia, adquire um papel ativo no nosso dia-a-dia estimulando os nossos sentidos e a forma como percebemos o espaço. Nesta complexa e variada afluência visual reside a essência do “poder comunicativo das grandes urbes”, o que suscita e possibilita no observador a criação de imagens mentais do espaço urbano. Estas imagens presentes no espaço público da cidade, independentemente das suas características ou tipo, dispõem de um grande poder, influenciando e agindo emocionalmente sobre os habitantes sendo assimiladas, compreendidas, decodificadas e muitas vezes memorizadas através da visão.

Como imagem entende-se uma variedade de objetos, meios e acontecimentos que se associam à criação de matéria de comunicação visual. No espaço urbano da cidade o conceito de imagem surge nos em ambas as formas e significados, tanto como imagem material como imaterial. Esta versão da imagem material, esta associada a uma realidade constituída por elementos imagéticos concretos que, autonomamente a existência do observador, existe e toma lugar no espaço físico e real. No fundo estas imagens materiais são visualizadas na superfície palpável e perceptível do espaço urbano com a finalidade de serem vistas e comunicar com o espectador. Ao contrário destas, as imagens imateriais são o resultado da interpretação e reflexão do real, adquirindo a forma de memórias e ideias, correspondendo à imagem mental que cada sujeito cria para si próprio.

Kevin Lynch (2000) argumenta que nada pode ser vivenciado de forma independente e individual, mas sim em relação ao que lhe envolve e onde se insere. Por esse motivo elementos idênticos, contudo inseridos em diferentes contextos, podem assumir diferentes significados.

Os habitantes desempenham um papel tao importante na criação da imagem do espaço urbano como os elementos fixos que o constituem, sendo que a sua perceção não resulta exclusivamente da perceção das formas físicas e perenes deste, mas também dos indivíduos e das práticas que estes desenvolvem dentro do espaço. Mais do que um mero observador passivo do “espetáculo quotidiano” que decorre na cidade o indivíduo é parte ativa dele, exercendo o papel de “agente e ator observador e produtor do espaço urbano agindo sobre a imagem visual que lhe esta associada”¹⁰. A imagem do espaço público é, para além dos seus elementos físicos e imoveis, criada e caracterizada a partir dos indivíduos e das relações que estes estabelecem com a envolvente.

A imagem da cidade é apreendida através de todos os sentidos do individuo e desenvolve-se à medida que esta experiência e percorre os espaços da mesma. A visão serial, como define Gordon Cullen (2006), refere-se à sequência de acontecimentos que surgem ao indivíduo ao percorre os espaços da cidade, uma sequência de revelações e surpresas que intensificam e estimulam o percurso (Fig.36).



Figura 36 | Arte Urbana. Lisboa, Portugal.

¹⁰ Sousa, F. (2013). *As imagens do espaço público urbano: Uma abordagem ao impacto do metro do porto na imagem da cidade consolidada*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, Porto, Portugal. p.74

A visão é, segundo os mais variados estudos, o sentido que mais informação e detalhes fornece ao ser humano sendo-lhe atribuído grande importância e destaque na forma como o mundo é experimentado e qualificado.

“Uma observação mais atenta da atividade humana e da forma como interagimos com o mundo perceptível, leva-nos, invariavelmente, à conclusão de que a nossa espécie é, primordialmente visio-orientada. A visão é de facto o mais nobre dos sentidos”¹¹.

A imagem, como objeto, é criada com a finalidade de ser apreendida através da visão, procurando comunicar com o observador visualmente na sua forma física. É através da sua observação que a imagem pode influenciar, estimular e emocionar quem a contempla. Contudo Kevin Lynch (2000) defende que certas imagens e informações podem ser entendidas e assimiladas de uma forma mais intensa dependendo do interesse afetivo do observador assim como a sua situação emocional deste.

Nos seus estudos, Edward T. Hall (1986), aponta a importância dos sentidos na forma como nos relacionamos com o espaço, como construímos a sua noção e como nele nos movimentamos.

Lynch (2000) defende que a imagem do meio urbano é o resultado de um processo recíproco entre o observador e o meio. Sendo que “o meio ambiente sugere distinções e relações, e o observador - com grande adaptação e à luz dos seus objetivos próprios- seleciona, organiza e dota de sentido aquilo que vê”¹². A relação entre os elementos físicos do espaço urbano (Fig.37) e os seus significados depende do indivíduo, logo fatores como a consciência, a memória e a imaginação adquirem grande importância nessa ligação.

¹¹ Castro, P. (2008). *Neuropsicologia do sistema visual, ao processo de (meta)construção imagética do cérebro humano*. Revista Dédalo (pp.4-6). Porto. p. 4

¹² Sousa, F. (2013). *As imagens do espaço público urbano: Uma abordagem ao impacto do metro do porto na imagem da cidade consolidada*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, Porto, Portugal. p.80



Figura 37| "The Meeting Between Past and Present", obra de Coletivo Licuado para o festival Muro Lx2017 em Marvila, Bairro Quinta do Marquês de Abrantes. Lisboa, Portugal.

Uma imagem perceptível e distinta do espaço urbano não só proporciona um sentimento de segurança e pertença a quem habita o espaço, mas também favorece o desenvolvimento de uma experiência urbana mais intensa e viva que promove uma relação mais harmoniosa entre o sujeito e a sua envolvente.

As constantes e numerosas transformações da imagem do espaço público da cidade a nível urbano, arquitetónico e imagético etc. alteram o espaço e a forma como os indivíduos se relacionam, vivem e visualizam o espaço modificado. Estes espaços incentivam o olhar do transeunte, consciente ou inconsciente, que é capaz de projetar nele sensações que afetam a forma como o percorre e atua sobre ele. Um espaço carregado de informação visual, estimula os nossos sentidos, mais precisamente a visão, e transforma e intensificando a experiência de nos movermos dentro da cidade (Fig.38).



Figura 38| "Entrenchments", obra de MAR para o festival Muro Lx2017 em Marvila, Bairro Quinta dos Salgados. Lisboa, Portugal.

O olhar do homem é desafiado e as suas ações afetadas e influenciadas constantemente pela existência de imagens que se espalham pelo espaço público (Fig.39). A percepção do espaço ao ser estimulada por imagens e particularidades urbanas apura os sentidos e potencia a produção de imagens mentais. Imagens mentais que estão associadas a estímulos emocionais, relacionais e afetivos entre o observador e o espaço capazes de ultrapassar a própria experiência real e física do espaço. Este processo, que envolve indivíduo, a imagem e o espaço serve para intensificar e melhorar as relações entre as partes envolvidas, afetando a forma de reconhecer, de agir e vivenciar o espaço urbano da cidade.



Figura 39| "Mural da Trindade", obras de MrDheo e Hazul, Rua de Alferes Malheiro. Porto, Portugal.

2.3. Identidade do Espaço Público

O carácter identitário de um espaço urbano, que permite a sua diferenciação dos restantes, resulta da união de inúmeros fatores materiais e imateriais. Esta identidade pode ser representada pela apropriação dos indivíduos e da relação que estes constroem com o espaço e com os elementos introduzidos nesse. A relação entre os ecossistemas que fazem parte do espaço origina um modo de o vivenciar e utilizar, que configura e caracteriza a sua paisagem urbana e a torna única. Um lugar identitário é aquele em que as pessoas se relacionam com o "ecossistema" e se apropriam do espaço, pois encontram no neste qualidades e oportunidades para desenvolver ações que alimentam a sua identidade social, pessoal e espacial (Fontainhas, 2015).

A identidade de um espaço público é também influenciada e caracterizada por elementos físicos e biofísicos bem como fatores humanos (sociais, culturais, económicos históricos e ambientais). Características do espaço como a arquitetura, os referentes urbanos, o valor patrimonial do local, elementos urbanos (mobiliário urbano etc.), a materialidade, a escala, a textura e a cor presentes no espaço público permitem a sua identificação. Alterações físicas aplicadas no espaço, como por exemplo a cor (Fig.40), transformam e modificam o visual do espaço público. Práticas como a arte urbana são, nos dias de hoje, um forte instrumento e método de identificação e diferenciação de espaços públicos (Seixas, 2015).

Atividades e intervenções artísticas são cada vez mais empregues, em espaços públicos, com a finalidade de produzir uma identidade ou substituir a previamente estabelecida dos locais onde estas são acolhidas.



Figura 40| Rynek. Breslávia, Polónia. - Espaço público caracterizado pela cor dos edifícios que o limitam.

“Incluem-se frequentemente nas obras do espaço público objetivos de qualificação estética e simbólica para a construção de uma nova imagem ou a valorização da sua identidade prévia, como uma espécie de *city beautiful*.”¹³

O movimento *City beautiful* surgiu, entre as décadas de 1890 e 1900, como reforma da arquitetura e do urbanismo americano que visava o embelezamento e a monumentalidade dos espaços urbanos da cidade. Os defensores deste movimento acreditavam que tais premissas poderiam resultar em melhorias sociais que conseqüentemente aumentariam a qualidade de vida na cidade. Não procuravam apenas a beleza, mas sim o que acreditam que ela é capaz de criar. Este movimento, assemelha-se às frequentes intervenções no espaço público porque ambas ambicionam dar uma nova imagem e identidade através da qualificação estética do preexistente.

A identidade de um espaço urbano revela-se através de muitas particularidades, que surgem e marcam fisicamente e simbolicamente o local, atribuindo-lhe individualidade, destaque e reconhecimento.

Um lugar que se torna marcante para a cidade, pode também ser definido pelas pessoas e pela forma como estas usam o mesmo. Kevin Lynch (2000) afirma que os elementos variáveis e móveis de um espaço urbano, mais precisamente as pessoas e suas práticas, são igualmente importantes como as suas partes fixas e inertes. As características e atividades dos utilizadores de um espaço público urbano contribuem para a criação e intensificação do carácter identitário desse espaço.

O espaço público apresenta-se como um importante e ativo protagonista na criação e alteração da identidade de uma sociedade bem como da imagem mental que cada indivíduo forma desse espaço, impulsionando e estimulando sentimentos, comportamentos e atitudes para com o mesmo (Pedrosa, 2010).

Pedro Brandão (2010) reconhece que os traços identitários de um lugar resultam da forma como as pessoas se relacionam, emocionalmente e fisicamente, com esse mesmo lugar. Concordando com o autor, Trigueiros (2012) afirma que os “lugares têm a particularidade de serem vividos por

¹³ Trigueiros, C. (2012). *Componentes da Identidade e Simbolismo, Arte Pública e eventos no Espaço Público de Vila Franca de Xira*. Dissertação de Mestrado, Instituto Superior Técnico da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, Portugal. p. 15 e 16

cada pessoa de maneira diferente, gerando uma recordação de um momento e por acumulação de várias vivências e memórias recorrentes criam sentimentos de pertença e identificação.”¹⁴

A memória é um importante impulsionador da identificação de um espaço urbano. Para além das memórias individuais e coletivas que são estabelecidas com o lugar, também existem memórias associadas à história desse. Esta memória histórica surge, por exemplo, através de um determinado evento ou acontecimento realizado num local. Um exemplo desta afirmação é o caso do Bairro Quinta do Mocho, em Loures, onde se realizou o festival “O Bairro i o Mundo” (Fig.41). Festival que marcou o bairro, a população e todo o município, conferindo-lhe uma identidade facilmente recordada e distinguida.



Figura 41 | Execução do Mural para o Festival "O Bairro i o Mundo" no Bairro Quinta do Mocho em Loures. Lisboa, Portugal.

Um local memorável é um espaço que traduz um equilíbrio na interação entre o meio e o indivíduo ao mesmo tempo que ostenta uma identidade ímpar que é reconhecida facilmente pelas pessoas (Fontainhas, 2015).

Segundo Trigueiros (2012) os espaços urbanos necessitam de se promover para que sejam mais apelativos para quem os habita ou visita. De tal modo devem contar com qualidades e particularidades, que sendo positivas, suscitam a identificação e o interesse. Determinado espaço, seja ele marcado com obras arquitetónicas e arte pública permite a distinção dos restantes espaços, atribuindo-lhe identidade própria.

¹⁴ Trigueiros, C. (2012). *Componentes da Identidade e Simbolismo, Arte Pública e eventos no Espaço Público de Vila Franca de Xira*. Dissertação de Mestrado, Instituto Superior Técnico da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, Portugal. p. 17

Outra forma de diferenciação de espaços, consiste no processo de comparação destes, permitindo a criação de uma identidade com base das suas diferenças. Isto significa que através da análise comparativa entre diferentes espaços urbanos, podemos facilmente identificar determinado lugar bem como aferir as suas principais particularidades. É então necessário que estes espaços possuam uma identidade compreensível, claramente perceptível, memorável, reconhecível e que atraia a atenção dos indivíduos para que estes o possam diferenciar de outros espaços públicos.

De acordo com Brandão (2008) conceitos como memória coletiva, uso e apropriação do espaço, espírito de lugar e a organização simbólica do espaço estão relacionados com o parâmetro da identidade urbana. Organização simbólica do espaço, por exemplo, consiste na criação de identidade através de elementos físicos simbólicos e marcantes para um determinado espaço, como obras arquitetónicas ou obras de arte inseridas nesse.

2.3.1. Uso e Apropriação

“Outra ideia associada à identidade dos lugares é a que depende da continuidade do uso, o afeiçoamento dos utentes a um lugar e reciprocamente a boa adaptação do espaço ao uso”¹⁵.

Contrariamente ao conceito de alienação, a apropriação possui a capacidade de impulsionar o desenvolvimento social. Desenvolvido não só através da relação de “encontro, proximidade, vizinhança entre diferentes grupos que integram a comunidade”¹⁶ como também da relação diária entre as várias atividades e funções presentes no local. Funções como as de permanência, circulação e atividades de grande impacto e abrangência social, como artísticas, religiosas, culturais, políticas e desportivas.

Mesmo carregado de simbolismo e significado, é sempre possível alterar ou acrescentar novos significados/símbolos a um lugar permitindo caracterizá-lo e identificá-lo. Este processo pode ser consequência da introdução de novos usos, apropriações e comportamentos no quotidiano do espaço (Fig.42). Os lugares públicos da cidade são submetidos a um processo contínuo de transformação pelo homem, que com ele se relaciona e se identifica. A identidade de um lugar é por isso um processo contínuo de transformação e construção.



Figuras 42| Apropriação do espaço público pelos moradores do bairro Quinta do Mocho em Loures. Lisboa, Portugal.

¹⁵ Sousa, F. (2013). *As imagens do espaço público urbano: Uma abordagem ao impacto do metro do porto na imagem da cidade consolidada*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, Porto, Portugal. p. 47

¹⁶ Ibidem. p. 47

A identidade, individualmente, é entendida através do sentimento de pertença e das apropriações “numa coerente relação entre as narrativas e a experiência pessoal do lugar – individual ou social”. A atividade de apropriação remete assim para os distintos graus de relação com o espaço.

O uso dos espaços urbanos está diretamente relacionado com a sua conservação, manutenção e preservação, sendo que um desprimoroso ou reduzido uso destes, pode conduzir ao seu abandono e desinteresse seguido do seu desgaste e destruição.

2.4. Qualidade do Espaço Público

O conceito de qualidade consiste no grau que determinado serviço ou objeto concreto possui de modo a satisfazer as necessidades dos seus utilizadores. Isto significa, que no âmbito da qualidade no espaço público, entendesse que a qualidade se refere às suas características físicas, morfológicas e tipológicas bem como a capacidade de albergar e oferecer as mais diversas atividades sociais, culturais e económicas incentivando a sua utilização.

Na avaliação da qualidade de um espaço público, é importante considerar a abordagem cognitiva e perceptiva bem como a análise da qualidade dos elementos construídos. Existe uma forte relação entre a qualidade do espaço com a avaliação positiva do seu desempenho (Reis & Lay, 2006).

A abordagem perceptiva supracitada está relacionada com a interação entre os utilizadores e o espaço através dos seus sentidos e ainda através de outros fatores como a memória e a cultura. A maioria das relações entre o homem e os espaços resulta dos estímulos sensoriais por este provocados. Existe, no entanto, uma diferenciação entre a experiência unicamente sensorial e a experiência cognitiva na qualificação e avaliação dos espaços públicos urbanos.

Fernandes (2012) afirma que, segundo Piaget, a cognição corresponde “ao processo de construção de sentido na mente, cumulativo, da experiência quotidiana, complementar à percepção sensorial, sendo através dela que as sensações adquirem valores, significados, formando o conhecimento do indivíduo e envolvendo reconhecimento, memória e pensamento, logo, gerando expectativas sobre a envolvente o que se traduz em atitudes e comportamentos dos indivíduos”¹⁷. A aproximação cognitiva, é o resultado da maneira como espaço público é utilizado, experimentado e vivido, dependendo principalmente da intensidade com que as suas formas e características físicas são recordadas e lembradas, sendo o ambiente urbano orientador e impulsionador do comportamento dos indivíduos.

Espaços públicos de boa qualidade, bem projetados e bem geridos desempenham um papel importante e crucial na promoção do bem-estar de cada utilizador ou visitante. Locais públicos de boa qualidade contribuem também, numa área mais abrangente, para a melhoria da qualidade de vida nas cidades em termos sociais, económicos, culturais e ambientais.

¹⁷ Fernandes, A. C. (2012). *Metodologias de avaliação da qualidade dos espaços públicos*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, Porto, Portugal. p. 18

Assegurar a existência de espaços públicos com qualidade, torna-se primordial para a cidade, melhorando-a não só a nível físico e estético, mas também a nível social, sendo que o espaço público, enquanto palco de socialização, é um fator impulsionador e intensificador da relação e da vivência dos habitantes.

Os locais que são autênticos para as pessoas, são aqueles que convidam, estimulam e encorajam o seu uso ao mesmo tempo que recompensam os seus utilizadores tanto a nível intelectual como emocional, permitindo assim uma conexão psicológica destes com o espaço.

Sendo assim o sucesso de um lugar, reside não só número de pessoas que, de forma livre e consciente, decidem frequentá-los e utilizá-los, mas também na qualidade das experiências por este impulsionadas (Carmona et al, 2010).

Jan Gehl (2006) refere que os espaços públicos de baixa qualidade apenas influenciam e incentivam a realização das atividades que são estritamente necessárias, enquanto que os espaços de grande qualidade, para além de impulsionar as mesmas atividades indispensáveis a vida humana, potenciam ainda o acontecimento de outras (Fig.43).



Figura 43| "Fonte Monumental", Alameda D. Afonso Henriques. Lisboa, Portugal. - A utilização da fonte para banhos, revela a capacidade deste elemento do espaço público para estimular novas atividades/utilizações.

A estética, o uso e a estrutura são as principais categorias definidoras da qualidade do espaço público. Estas categorias são consideradas por muitos especialistas como fundamentais na qualificação do ambiente urbano. Nesse sentido o espaço público deve então possuir uma imagem

apelativa e atraente, utilidade e uma conexão adequada com os demais espaços urbanos, para que possam corresponder as necessidades individuais e coletivas do público (Fernandes,2012).

Uma forma de avaliar a qualidade de um espaço público, de acordo com Mora (2009), parte pela intensidade e quantidade de relações sociais que o espaço oferece e possibilita, bem como pela sua capacidade de acolher e agrupar e abrigar diferentes pessoas e comportamentos (Fig.44).



Figura 44| Relações Sociais no Espaço Público, Alameda D. Afonso Henriques. Lisboa, Portugal.

Para a autora a qualidade do ambiente urbano onde se desenvolve a vida coletiva apoia-se em três fundamentos base, a “satisfação dos habitantes, participação nas decisões e conciliação entre os interesses individuais e coletivos”¹⁸. De acordo com a mesma, aspetos como socioculturais, físicos, naturais, urbanos e arquitetónicos servem também como referência para a avaliação e análise da qualidade do espaço público.

Brandão (2002) apresenta um conjunto de critérios de avaliação do espaço público, que segundo o autor são de grande importância e que devem fazer parte da metodologia base da criação e melhoria destes espaços. Fatores como a identidade, a continuidade/permeabilidade, a segurança/conforto/aprazibilidade, a mobilidade/acessibilidade, a legibilidade, a diversidade/adaptabilidade, a resistência/durabilidade, a sustentabilidade e a inclusão/coesão social. A inclusão e coesão social, por exemplo, que consiste no controlo da privatização do espaço e na integração de qualquer indivíduo ou grupo, independentemente das suas características físicas, culturais ou sociais, é um critério de grande importância pois, segundo Brandão (2002),

¹⁸ Fernandes, A. C. (2012). *Metodologias de avaliação da qualidade dos espaços públicos*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, Porto, Portugal. p. 20

os espaços públicos, são locais de encontro e de convívio entre pessoas, sendo necessário potenciar e incentivar a união e as relações humanas.

Espaços públicos com qualidade são espaços mais funcionais, atraentes e favoráveis a convivência que incentivam e convidam os habitantes à sua utilização e participação. A criação, a transformação e a reabilitação destes espaços deve garantir e melhorar as características de agradabilidade, atratividade, funcionalidade e segurança, entre outras que impulsionam e motivam a sua utilização voluntária. Deste modo, a imagem e a estética podem contribuir para o desenvolvimento de espaços públicos urbanos de qualidade, atribuindo-lhes características identitárias, aprazíveis e estimulantes.

A existência de um espaço público de qualidade acarreta inúmeros benefícios para a sociedade e para cidade que o abriga, como por exemplo o apoio a economias locais, a atração turística (Fig.45), o aumento da segurança, a melhoria da autoestima e do sentido de pertença dos seus utilizadores e a promoção de novas atividades e apropriações.



Figura 45] "Turistas", Bairro Quinta do Mocho em Loures. Lisboa, Portugal. - Grupo de turistas a contemplar a obra do artista urbano Utopia realizada para o festival "O Bairro i o Mundo".

II - Arte como forma de Reabilitação Urbana de Bairros Sociais

1. Reabilitação Urbana

A reabilitação urbana é considerada como uma iniciativa de intervenção sobre o espaço da cidade, na qual se procede a uma transformação de um local onde o “património urbanístico e imobiliário é mantido, no todo ou em parte substancial, e modernizado através da realização de obras de remodelação ou beneficiação dos sistemas de infraestruturas urbanas, dos equipamentos e dos espaços urbanos ou verdes de utilização coletiva e de obras de construção, reconstrução, ampliação, alteração, conservação ou demolição dos edifícios”¹⁹.

Incidindo sobre os tecidos urbanizados, as estratégias de reabilitação urbana, procuram a reabilitação, recuperação e beneficiação arquitetónica, tanto do edificado como dos espaços exteriores urbanos, nomeadamente os de utilização pública. No entanto de forma a assegurar a dinamização do tecido social e económico, estas intervenções também procuram uma revitalização e reestruturação da estrutura funcional e uma reapropriação social e cultural destas áreas (Portas 1985).

O termo reabilitação urbana, anteriormente mais direcionado a um contexto mais físico, atualmente está associado a um método de atuação que deve “equacionar numa perspetiva ampla e integrada, as diversas dimensões - urbanística, social, económica e cultural - que constituem o todo da cidade, afigurando-se como uma oportunidade fundamental de (re)equilibrar o processo de desenvolvimento do tecido urbano e da respectiva comunidade.”²⁰

A reabilitação é um método de regeneração ou de revitalização, com o objetivo de aumentar a qualidade do espaço urbano e da vida da respetiva população, por meio de uma abordagem integrada de políticas urbanas (Roth, 2004).

É necessário, numa ação de reabilitação urbana, intervir de forma integrada e abrangente, englobando fatores culturais, sociais, ambientais e económicas de maneira a melhorar significativamente a qualidade de vida dos indivíduos e estimular o desenvolvimento socioeconómico dos espaços da cidade. Para isso é também fundamental a elaboração de estudos

¹⁹ Lopes, A. C. (2014). *O Papel da Arte na Reabilitação Urbana, Uma Análise Comparativa*. Dissertação de doutoramento. Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal. p. 41

²⁰ Pedrosa, C. (2010). *Da Cidade ao Indivíduo: O papel da requalificação urbana de conjuntos de habitação de interesse social*. Dissertação de Mestrado, Instituto Superior Técnico da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, Portugal. p. 37

e estratégias interdisciplinares que compreendam todos os domínios urbanos referidos anteriormente de modo a conseguir lidar com todos os problemas e adversidades. Antes da realização de uma obra de reabilitação esta deve passar por um processo de análise e reflexões de modo a oferecer uma solução eficiente e adequada às funções desejadas. Cada intervenção possui características e metodologias únicas e ajustadas para uma determinada funcionalidade urbana.

Um projeto de reabilitação urbana não deve somente se preocupar com o desenho dos espaços e com a solução de problemas físicos e funcionais, mas também com a criação de ambientes estimulantes, afetivos e convidativos para a população, procurando promover a satisfação residencial e o seu bem-estar. Em todas as fases, a intervenção em questão, deve ser enquadrada na ótica do interesse coletivo enquanto ato otimizador e potenciador da identidade e de atratividade dos espaços públicos urbanos.

“[...] a reabilitação significa a substituição da estima pública. Sendo o seu objectivo criar condições para que as pessoas não só possam viver e sobreviver em condições consideradas adequadas, mas, também, criar condições de maneira a que estes núcleos ou essas cidades constituam núcleos estimados pela sociedade e a colectividade”²¹

Para além de procurar combater as problemáticas da degradação física do edificado é também necessário intervir sobre o problema da escassez e do desaparecimento de elementos de atração (perda de atratividade do local) de zonas urbanas, de forma a oferecer um espaço com qualidade, agradável e dinâmico que incentive o seu uso e que recompense de forma significativa os seus utilizadores.

A implantação e a valorização de ações artísticas, culturais e recreativas bem como outros tipos de impulsionadores e fatores de animação local devem ser assegurados e apoiados para a criação de espaços públicos de qualidade e para o seu bom funcionamento (Ribeiro, 2015).

²¹ Soutinho, A. (1998). 2º Encontro dos Programas Urban e Reabilitação Urbana. apud Tavares, J. (2008). *As Sociedades de Reabilitação Urbana e as Novas Perspectivas na Requalificação de Centros Históricos*. Dissertação de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal. p.19

Reconhecendo que os problemas dos espaços urbanos não se resolvem apenas intervindo a nível físico, esta noção não lhe retira a devida importância em processos de requalificação urbana. Na prática o processo de requalificação física do espaço público urbano desempenha uma estratégia relevante na alteração da imagem e identidade dos espaços, auxiliando o combate à exclusão social.

Um espaço reabilitado a nível físico possibilita a atenuação de problemas sociais e estimula o sentimento de orgulho, de autoestima e de identificação dos habitantes. Entendesse a reabilitação urbana como o processo no qual se promove um conjunto de medidas, que adequadamente estruturadas, possibilitem a transformação, a evolução e a cimentação dos valores urbanos, impulsionando uma valorização do espaço urbano aos olhos da cidade e principalmente dos seus habitantes. É necessário dentro de um processo de reabilitação urbana satisfazer parâmetros de estética e de aparência onde o tratamento da fachada e do espaço público adquirem a mesma importância, uma vez que o exterior de um edifício, a sua fachada, é tão público como o espaço exterior público.

Tal como outras formas de intervenção urbana, a reabilitação urbana possui o objetivo genérico e intrínseco que consiste no desenvolvimento de métodos e mecanismos para a qualificação dos espaços públicos, visando a melhoria da qualidade de vida dos indivíduos e a criação de elementos de vivacidade e dinamismo da vida coletiva, num intento de reanimar e adaptar um conjunto urbano as novas necessidades da vida social e económica.

A reabilitação urbana tem consequências diretas no território e possui a capacidade de envolver inúmeros agentes e de alcançar resultados que transcendem o físico e o estrutural. Ademais de promover um aumento da qualidade do ambiente urbano, este tipo de intervenção pode ter um forte impacto nas condições socioeconómicas e na qualidade de vida dos espaços e dos seus habitantes. A nível social, esta pode promover a coerência e a inclusão social, incutir o sentimento de identidade, combater ideias negativas preconcebidas, estimular a socialização e promover eventos de carácter público. Economicamente, a reabilitação urbana pode não só incentivar e estimular a instalação de novas infraestruturas e serviços, mas também promover um aumento da atividade económica, que pode gerar um aumento na oferta de emprego e na capacidade de atrair mais investimentos. Pode ocasionalmente originar uma valorização imobiliária (Lopes, 2014).

O desenvolvimento de um projeto de reabilitação urbana deve, na perspetiva de inúmeros autores, ter sempre como foco as pessoas procurando influenciar positivamente o seu quotidiano enquanto promove os espaços da cidade e possibilita atender aos propósitos da coesão económica, territorial e social de competitividade, desenvolvimento e sustentabilidade. Acima de tudo a reabilitação urbana é um ato filantrópico que procura o melhor para a população.

De modo a atender à maioria das necessidades, e criar um impacto positivo na comunidade é necessário a participação da mesma no processo de reabilitação urbana. Participação que deve começar desde a fase embrionária da intervenção, onde deve existir uma transparência sobre todo o processo devendo as entidades responsáveis divulgar e esclarecer toda a informação relativa ao projeto. Qualquer intervenção será mais eficiente e inclusiva se enquadrar e envolver os habitantes tanto nas tomadas de decisões como no próprio desenvolvimento da intervenção (Ribeiro, 2015).

Diferentes áreas necessitam de diferentes tipos de intervenções urbanas, os bairros sociais por exemplo, são locais com características e necessidades específicas.

2. Bairro Social

A construção de conjuntos habitacionais de interesse social, intitulados por bairros sociais, surgiram como uma forma de solução rápida ao problema da carência habitacional de famílias com dificuldades financeiras que viviam em condições precárias e desumanas. Maioritariamente, estes bairros foram contruídos nas periferias das cidades (Fig.46), devido não só ao seu reduzido custo, mas também por estas serem capazes de alojar rápidas e numerosas construções. Ao longo das últimas décadas esta solução e a promoção de habitações de interesse social de arrendamento a preço reduzido surgiu como uma resposta, aparentemente eficaz, ao problema relativo ao défice habitacional. Contudo a solução do realojamento destes indivíduos não se deve basear apenas em oferecer uma habitação, mas esta deve também assumir um papel relevante como meio de suporte ao desenvolvimento pessoal, familiar e social, fator pouco presente nestes projetos e que tem inúmeras consequências para os habitantes e para toda a cidade (Coelho, A. & Coelho, P. 2009).



Figura 46| Bairro Social Quinta do Mocho em Loures. Lisboa, Portugal. - Contruído na zona periférica da cidade de Lisboa.

Apesar de existirem numerosos casos exemplares de bairros sociais qualificados, planeados e integrados no tecido urbano da cidade, isto não se verifica na totalidade dos casos. O carácter de urgência e a ausência de poder financeiro levou a optar por uma construção em massa de projetos onde são ignorados parâmetros e se ultrapassam fases necessárias, como o seu planeamento urbano e a realização de um projeto arquitetónico qualificado, tanto do edificado como dos espaços

públicos. São em muitos casos realizados “projetos-tipo para pessoas-tipo” nos quais não se recorre a nenhuma análise ou estudo prévio que possibilita uma adequação e a criação de uma melhor solução para os futuros residentes. Esta forma estandardizada e desinteressada de realojamento levou à criação de construções descaracterizadas onde dificilmente os habitantes se veem identificados. Apesar de existir vantagens de viver em melhores condições, existe nestes espaços residenciais uma carência de sociabilidades e do sentimento de identificação que leva ao aumento de conflitos e apatia que apressa o processo de degradação do edificado e dos seus espaços públicos (Fig.47). Estes bairros, pela combinação de fatores sociais, económicos e urbanísticos, são usualmente caracterizados por situações de exclusão e isolamento perante o resto da cidade (Pedrosa, 2010).



Figuras 47| Bairro Social Quinta da Fonte em Loures. Lisboa, Portugal.

A implantação destes conjuntos habitacionais na periferia das cidades e a inexistência de tentativas de inserção destes no seu funcionamento ou de oferecer condições de continuidade urbana, são consideradas como a origem dos vários problemas que os bairros sociais apresentam. Este “desligar” da cidade sujeita a população a uma situação de enclavização que condiciona a sua integração na respetiva sociedade e conseqüentemente a sua qualidade de vida.

A configuração e a qualidade do espaço público são entendidas como parâmetros importantes no estímulo do sentimento de satisfação residencial e de uma apropriação positiva, no entanto quando estes são inexistentes, como em casos de conjuntos de habitação social negativos, o espaço público afigura-se como um elemento enfraquecedor das relações que lhe são caracterizantes. Assistiu-se em muitos casos a criação de espaços públicos sem intenção de serem caracterizados pela desorganização e desqualificação, onde o espaço livre de construção não era criado como um elemento de coesão do conjunto apresentando-se como espaços vazios, sem identidade e sem funcionalidade.

Estes problemas por sua vez limitam e influenciam a forma como os habitantes utilizam estes espaços públicos. Resultando muitas vezes em situações de abandono ou apropriações indevidas, que são agravadas pela incompetente gestão e manutenção destes espaços e pela “atitude passiva (ou mesmo negativa) por parte dos habitantes face à sua preservação”²² (Fig. 48).



Figura 48| Bairro Social Quinta da Fonte em Loures. Lisboa, Portugal.

Este conjunto de patologias configuram espaços que restringe de forma significativa o convívio e a vitalidade do conjunto habitacional, dificultando as relações sociais e a integração no espaço e na comunidade.

Dentro destes bairros é possível sentir uma carência da vida urbana que acontece não exclusivamente pela falta de serviços e equipamentos, mas também pela escassez de espaços públicos de qualidade, apropriáveis, vivos e dinâmicos. Adversidades que aliadas a uma situação de fragilidade económica e social das famílias realojadas impossibilitam que estas novas habitações realmente melhorem as suas condições de vida e de inclusão social.

²² Pedrosa, C. (2010). *Da Cidade ao Indivíduo: O papel da requalificação urbana de conjuntos de habitação de interesse social*. Dissertação de Mestrado, Instituto Superior Técnico da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, Portugal. p. 35

“Considerando o espaço público residencial como o ‘espelho’ onde se revêm os seus habitantes, a imagem desvalorizada do bairro é interiorizada com uma grande carga negativa por parte dos mesmos”²³. Isto desperta nos seus habitantes sentimentos de baixa autoestima e de desinteresse perante o espaço que habitam, sentindo-se abandonados e excluídos pela sociedade. Situação que afeta a difícil condição social e psicológica, marcada pela insatisfação económica e social, produzindo um clima de negatividade onde os habitantes do bairro se sentem desiguais e em desvantagem perante o resto da cidade.

Uma imagem de degradação e desqualificação de um bairro, prejudica e influencia a forma como este é visto e julgado pelo resto da cidade, induzindo nesta uma conotação negativa dos residentes. Esta estigmatização do termo “bairro social” e a vinculação depreciativa dessa designação, intensifica o efeito de gueto, de isolamento e segregação social e urbanística. Imersos por uma dinâmica social negativa, estes ambientes urbanos são propícios e motivam regularmente atos de revolta, vandalismo e criminalidade que prejudicam não só o próprio espaço do conjunto residencial como toda a sua envolvente.

Este panorama não se apresenta de forma generalizada em território português, contudo está fortemente presente nas cidades como Porto (Fig.49) e Lisboa (Fig.50). Estes bairros problemáticos são atualmente alvos prioritários de projetos de reabilitação urbana, nos quais a melhoria física e social do espaço público desempenha um papel importante, considerado essencial.



Figura 49| Bairro do Aleixo. Porto, Portugal.



Figura 50| Bairro do Zambujal. Lisboa, Portugal.

²³ Pedrosa, C. (2010). *Da Cidade ao Indivíduo: O papel da requalificação urbana de conjuntos de habitação de interesse social*. Dissertação de Mestrado, Instituto Superior Técnico da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, Portugal. p. 35

2.1. Reabilitação Urbana de um Bairro Social

Na generalidade das grandes cidades mundiais estes conjuntos habitacionais apresentam um contraste na qualidade de vida oferecida aos seus residentes em comparação ao resto da cidade, não só devido ao modo como estes se inserem na malha urbana , mas também pela falta de qualidade a nível físico e social. Observam-se atualmente problemas de segregação urbana destes bairros sociais aos quais se aliam edifícios e espaços públicos residenciais desqualificados e descaracterizados, que condicionam integração social e o habitar dos seus residentes. Situação que é agravada não só pela árdua situação financeira como também por estigmas e olhares negativos que a cidade e os seus habitantes criam sobre estes espaços residenciais (Pedrosa 2010).

Com o objetivo de diminuir os efeitos de degradação, renovar os espaços públicos e melhorar de forma significativa a qualidade de vida dos residentes, as intervenções urbanas de reabilitação em inícios do séc. XXI alastram-se dos centros históricos para os bairros de interesse social que se encontravam marginalizados e segregados. Reabilitação que possui um papel de grande relevância e como instrumento de combate e de redução das disparidades sociais económicas e urbanísticas anteriormente referidas e como meio de promover o desenvolvimento harmonioso e estável da cidade e dos seus habitantes.

Dentro de todo o processo de reabilitação urbana de bairros sociais, existem métodos de solucionar as mais diversas adversidades presentes nesses espaços, tanto de carácter social, cultural e económico como problemas físicos e urbanísticos. Estratégias como por exemplo, a reabilitação de habitações e de espaços públicos residenciais, a criação de equipamentos de lazer e culturais, a implantação e manutenção de mobiliário urbano, a melhoria das acessibilidades, etc. Todavia, se estas técnicas forem aliadas, por exemplo, à criação de eventos e atividades de cariz social e artístico, como são exemplo os festivais de arte urbana, podem reforçar e intensificar o solucionamento das problemáticas inerentes a essas áreas. A melhoria e a requalificação da estrutura social das áreas reabilitadas podem também ser enriquecidas através de uma regeneração cultural dos espaços e de uma revitalização dos espaços comerciais de consumo e de lazer existentes nesses espaços (Ribeiro,2015).

Estas intervenções urbanas em bairros sociais complicados podem contribuir para a criação de uma cidade mais humanizada, melhor habitada e mais integrada. A humanização do habitar da cidade é uma necessidade e implica pensar mais do que meros números e quantidades, é necessário pensar nas pessoas e na qualidade que o espaço urbano lhes oferece. Devendo existir uma constante e reforçada atenção, em qualquer processo de reabilitação urbana, para certos fatores concretos (espaço público e a sua imagem) e abstratos (sentimentos da população).

2.1.1. Vida Pública

“E se as mudanças dos modos de vida transformaram muitas casas em espaços de solidão, a vida urbana é cada vez mais fundamental para se viver com diversidade e estímulo”²⁴.

No caso de intervenção em bairros sociais desfavorecidos estamos a lidar com situações e grupos socialmente mais sensíveis para os quais o espaço público assume grande importância.

É então necessário entender o habitar numa perspetiva mais ampla, pois este acontece tanto no espaço interior doméstico como no exterior partilhado destinados ao uso público. Nestas situações de carência financeira e precariedade social esta amplitude de intervenção adquire elevada importância não só por auxiliar no combate dos problemas sociais e urbanísticos, mas por oferecer aos habitantes uma base e um reforço de socialização na sua vizinhança.

A reabilitação urbana do espaço público destes bairros “constitui uma oportunidade de inverter a dinâmica negativa que envolve estes espaços urbanos e suas populações e, assim, promover um ambiente urbano e social globalmente coeso e equilibrado na respetiva cidade”²⁵. Logo é através deste processo de reabilitação do espaço público residencial que o arquiteto, enquanto entidade humanitária, desempenha um papel importante na melhoria das condições da vida pública e consequentemente da vida privada dos habitantes (Fig.51 e 52).

O espaço público possui o dever de beneficiar as pessoas ao mesmo tempo que atende aos princípios de conforto na utilização e assim encorajar atitudes proativas e de apropriação espontâneas, favoráveis e proficuas ao fruir desse lugar.

²⁴ Coelho, A. (2009). *Entre Casa e Cidade, A Humanização do Habitar*. Opúsculo nº18. Porto: Dafne Editora. p.3

²⁵ Pedrosa, C. (2010). *Da Cidade ao Indivíduo: O papel da requalificação urbana de conjuntos de habitação de interesse social*. Dissertação de Mestrado, Instituto Superior Técnico da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, Portugal. p. 3



Figura 51| Reabilitação urbana do Espaço Público no Bairro Social Beja II, Beja, Alentejo, Portugal.



Figura 52| Reabilitação urbana do espaço público e edificado do Bairro da Quinta do Guarda Livros em Vila Nova de Gaia, projeto do Arq. Paulo Alzamora (2001). Porto, Portugal.

Deve-se procurar, enquanto entidade responsável pela intervenção de um bairro fragilizado, proporcionar à população um habitar humanizado que vise sempre o melhor para os seus habitantes. Um habitar humanizado aborda as duas escalas da vida na cidade, a privada e a pública, e caracteriza-se como um habitar singular, agradável, estimulante, integrado socialmente e fisicamente e enriquecido com uma paisagem e imagem urbana adequada, equilibrada e agradável.

“[...] o processo de planificação da casa e do lugar deve ser conjunto, havendo a mesma consideração do desenho de cada metro quadrado de espaço interior e exterior.”²⁶ .

Uma solução residencial humanizada “é muito mais do que uma dimensão quantificável, constitui-se como uma forma de comunicação e de sociabilização onde se desenvolvem dimensões metafísicas”²⁷. O espaço residencial humanizado é uma área especial que se torna singular e com o qual nos identificamos podendo até marcar de forma positiva a nossa vida, a maneira como

²⁶ Pedrosa, C. (2010). *Da Cidade ao Indivíduo: O papel da requalificação urbana de conjuntos de habitação de interesse social*. Dissertação de Mestrado, Instituto Superior Técnico da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, Portugal. p. 39

²⁷ Coelho, A. (2009). *Entre Casa e Cidade, A Humanização do Habitar*. Opúsculo nº18. Porto: Dafne Editora. p.10

vivemos e convivemos, podendo ser “um lugar com potencial para dialogar com o nosso ser mais genuíno, um lugar que seja como que um suplemento de alma”²⁸.

Apenas a realização de soluções integradas que visam a melhoria dos dois domínios da vida na cidade, o doméstico e o público, permite a criação de um habitar que invade as vizinhanças originando uma vida cidadina mais dinâmica e estimulante. Esta amplitude do sentido de habitar adquire grande importância e é ainda mais determinante quando se aborda situações de populações que vivem com dificuldades e deficiências a nível social e económico, isto porque lhes oferece a possibilidade de viver uma vida urbana mais enriquecedora e intensa a nível individual e coletivo.

²⁸ Coelho, A. (2009). *Entre Casa e Cidade, A Humanização do Habitar*. Opúsculo nº18. Porto: Dafne Editora. p.10

2.1.2. Estética

A existência de um espaço exterior urbano vívido e animado é significativo e indispensável para a vida nesse espaço, quer pela disponibilização de ambientes ricos e estimulantes a nível social e cultural, quer pela complementaridade da vida solitária de muitos habitantes ou até pela caracterização, individualização e dinamização do habitar esses espaços.

Ao estimular os residentes a usufruir do espaço exterior podemos melhorar a sua vida e a qualidade do próprio espaço. No entanto para que seja possível a criação de uma autêntica vida pública, é necessário favorecer, incentivar e assegurar uma utilização qualificada, segura e recompensadora. É então fundamental a elaboração de soluções que pretendam tornar os espaços em lugares únicos, irrepetíveis, afetuosos e joviais. Soluções que passam por criar espaços urbanos humanizados e enriquecedores, abastecidos com as mais variadas atividades e experiências sensoriais, estimulantes e criativas, onde é possível desfrutar de ambientes ricos e diversificados que despertam o deleite e o bem-estar nos utilizadores (Coelho, 2009).

A organização *Project for Public Spaces* (2000), salienta nas suas análises que o conforto e a imagem são qualidades essenciais para o sucesso de qualquer espaço público urbano e que estes necessitam de ser agradáveis. Agradabilidade que, segundo Brandão (2002), potencia a sua utilização e o combate de espaços inanimados e ermos. Este carácter atrativo e inspirador dos espaços públicos residenciais, é em muitos casos assegurado por intervenções a nível imagético e visual (Fig.53) bem como pela realização de atividades de animação urbana que atribuem um carácter mais lúdico e apelativo ao local.



Figura 53| "NIERIKA", obra do grupo Boa Mistura na Colonia Infonavit Independencia, Guadalajara. Jalisco, México.

A paisagem e a imagem urbana são fatores de grande importância que devem ser uma premissa subjacente a todos os tipos de intervenções realizadas no exterior residencial. Intervir na dimensão visual do espaço público de um bairro permite valorizá-lo e aumentar a seu encanto o que consequentemente pode despertar nos seus residentes sentimentos de autoestima, de identificação e de afinidade. Este enobrecimento, visual e perceptivo, de conjuntos habitacionais em crise deve abranger tanto o espaço como as fachadas do edificado, de modo a aumentar a eficácia e o impacto da solução (Pedrosa 2010).

2.1.3. Interdisciplinaridade e participação

De modo a garantir o sucesso de qualquer reabilitação destes espaços residenciais carenciados é necessário ter atenção e não menosprezar determinados fatores impalpáveis que podem condicionar o seu resultado. Apesar reconhecida a importância e os benefícios de reabilitar o edificado e os espaços partilhados de um bairro social, sentimentos como o de satisfação e estima da população em relação à sua residência, não se alcançam apenas analisando e intervindo a nível físico, mas sim através de uma intervenção abrangente e interdisciplinar (Coelho, 2009).

“A satisfação residencial é, então, um conceito que depende da junção de diversas variáveis que extravasam o domínio do meio físico, mas que, ainda assim, se reflectem na relação dos habitantes com os respectivos espaços de residência”²⁹.

Intervenções como a de reabilitação de um bairro social não possui métodos genéricos nem soluções tipo, existindo uma necessidade de adaptar cada proposta. Ao intervir num conjunto habitacional e no seu espaço partilhado estamos a mexer com matérias sensíveis e de grande valor que podem ter grande influência na qualidade de vida das comunidades. Cada bairro apresenta diferentes características físicas, sociais, económicas e culturais e abriga diferentes populações com distintos modos de vida, métodos de apropriação do espaço público, especificidades e necessidades que condicionam e devem sempre ser analisadas quando se elabora uma solução para qualquer tipo de intervenção.

A proposta deve sempre tentar encontrar concordância entre as possibilidades mais apropriadas e favoráveis para os residentes e para o contexto urbano, numa combinação de conhecimentos e de contributos de variadas áreas de conhecimento, pertinentes e importantes para a conceção e eficácia do plano de intervenção. Como solução para a complexidade deste tipo de operação é necessária uma abordagem interdisciplinar, através da qual seja possível responder às mais variadas exigências e necessidades (Pedrosa, 2010). Reconhecendo que o arquiteto deve contribuir com o seu conhecimento e partilhar saberes na procura da solução com outros intervenientes da área das humanidades, das Ciências Sociais e outros intervenientes políticos e sociais, como as organizações governamentais, os moradores entre outros.

²⁹ Pedrosa, C. (2010). *Da Cidade ao Indivíduo: O papel da requalificação urbana de conjuntos de habitação de interesse social*. Dissertação de Mestrado, Instituto Superior Técnico da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, Portugal. p. 43

Um fator de grande importância para um projeto de reabilitação consiste numa pertinente e propícia inclusão dos residentes no processo de conceção e implementação do projeto. Esta inclusão é conseguida por meio da discussão, da divulgação e, ocasionalmente, da participação nas intervenções que se irão realizar. Esta introdução dos residentes, tanto na fase de desenvolvimento de projeto como na fase da realização da intervenção, em conjunto com o ato de os sensibilizar e esclarecer de todas as decisões tomadas e objetivos desejados, é uma condição para o sucesso da intervenção.

“[...] é essencial que as acções reais sejam antecipadas, acompanhadas e reforçadas por uma acção de divulgação que, por um lado, sirva eficazmente o desenrolar da operação e que, simultaneamente, seja capaz de influenciar fortemente as tão desejáveis mudanças de atitude e de perspectiva relativamente ao sítio onde se mora”³⁰.

A realização de reuniões com o objetivo de discutir e de expor ideias e propostas de intervenção com o público alvo pode ocasionar ajustes e mudanças que podem contribuir para que a solução seja a mais adequada e a mais eficiente na resposta às problemáticas e necessidades exposta pelos cidadãos.

O envolvimento da população no processo de reabilitação, oferece a estes a chance de integrarem, de se sentirem mais próximos de todo o processo e “de se apropriarem do projecto e o sentirem como seu”³¹. Isto acaba por ter resultados sobre a forma como os habitantes se sentem em relação ao espaço, intensificando o sentimento de pertença e aumentando a responsabilidade para com o lugar, na forma como o utilizam, o tratam e o preservam. O facto de possibilitar a participação, a apresentação e a discussão do projeto de intervenção aos habitantes é um procedimento positivo e de grande importância sendo que o que mais importa, em projetos deste género, é a população, devendo esta ser o foco principal (Fig.54 e 55).

³⁰ Coelho, A. Baptista, Cabrita, A. Reis e Freitas, M.J. (1999). *Gestão Integrada de Parques Habitacionais de Arrendamento Público*. Lisboa: LNEC. p. 194, apud Pedrosa, C. (2010). *Da Cidade ao Indivíduo: O papel da requalificação urbana de conjuntos de habitação de interesse social*. Dissertação de Mestrado, Instituto Superior Técnico da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, Portugal. p. 46

³¹ Pedrosa, C. (2010). *Da Cidade ao Indivíduo: O papel da requalificação urbana de conjuntos de habitação de interesse social*. Dissertação de Mestrado, Instituto Superior Técnico da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, Portugal. p. 46

“Com essa participação é possível desenvolver a identidade local e um positivo sentido comunitário de modo a propiciar a criação de conjuntos residenciais que sejam, simultaneamente, bons elementos urbanos e estímulos de qualificação social.”³².



Figura 54| "CORRIENTES", projeto do grupo Boa Mistura na Área Residencial de Miramar. Antofagasta, Chile. - Trabalho realizado no âmbito do programa "Pinturas Participativas", que visa trabalhar lado a lado com o grupo de artistas locais e com os moradores. Projeto cooperativo e participativo que resultou num total de 136 casas pintadas, distribuídas por 6 ruas.

Figura 55| "DESIERTO FLORIDO", projeto do grupo Boa Mistura na Área Residencial de Corvallis. Antofagasta, Chile. - Trabalho realizado no âmbito do programa "Pinturas Participativas", que resultou num total de 153 casas pintadas, distribuídas por 8 ruas.

³² Coelho, A. (2009). *Entre Casa e Cidade, A Humanização do Habitar*. Opúsculo n°18. Porto: Dafne Editora. p.7

Estes critérios de reabilitação urbana, acima referidos aliados a outras de questões de salubridade, habitação, morfologia e estrutura urbana são fatores indispensáveis na qualidade arquitetónica deste tipo de intervenções. Qualidade arquitetónica “que só o será, de facto, se compatibilizar exigências fortíssimas de funcionalidade e durabilidade com uma imagem humanizada, estimável e apropriável”³³.

Ao assegurar que todas estas vontades são conciliadas e existentes num projeto de reabilitação e requalificação urbana é garantir um forte instrumento promotor da satisfação residencial dos habitantes. Sentimento que é constantemente criado e estimulado pelas várias dimensões que integram a relação entre o habitante e o meio físico e social onde este reside.

³³ Pedrosa, C. (2010). *Da Cidade ao Indivíduo: O papel da requalificação urbana de conjuntos de habitação de interesse social*. Dissertação de Mestrado, Instituto Superior Técnico da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, Portugal. p. 42

3. Reabilitar através da arte



Figura 56| "LUZ NAS VIELAS", projeto do grupo Boa Mistura na favela Vila Brasilândia. São Paulo, Brasil.

Atualmente a arte e a cultura são consideradas como potenciais e estimulantes estratégias para as zonas em decadência e alienação. Sendo que introdução da arte urbana e iniciativas de arte participativa no processo de revitalização e reabilitação de locais degradados e descaracterizados, pode auxiliar, de forma eficaz e criativa, ao solucionamento de problemas existentes, mais precisamente problemas de cariz estético e social, contribuindo para a qualidade do espaço público e de vida da população (Fig.56).

A arte enquanto método de intervenção urbana pode proporcionar às comunidades e aos locais que habitam um conjunto diversificado de benefícios como a “melhoria da saúde e do bem-estar da população (...) maior coesão social e sentido de identidade da comunidade (...) revitalização da comunidade e renovação urbana (...) efeitos económicos positivos”³⁴.

A arte urbana sobre a forma de murais, considerados como a técnica mais característica e influente do movimento artístico, contribui de forma ativa para valorização, renovação e melhoria dos espaços públicos enquanto que possibilita o contacto dos habitantes com a cultura e arte de forma gratuita aumentando a atratividade e intensificando as relações dos indivíduos com o espaço.

Em áreas marcadas pela degradação e pelo abandono, a realização de obras de arte urbana pode criar ou intensificar, nos indivíduos, o sentimento de orgulho e de apreço, aumentando assim o interesse e a preocupação destes perante o ambiente construído. Desenvolvendo um sentimento de proteção e preocupação pelo espaço, combatendo assim o vandalismo e a degradação. A arte pode ser um potencial meio de substituir o desapego pela afeição e estima dos indivíduos em relação ao que os rodeia.

³⁴ Lopes, A. C. (2014). *O Papel da Arte na Reabilitação Urbana, Uma Análise Comparativa*. Dissertação de doutoramento. Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal. p. 34



Figura 57| "DIAMOND INSIDE", obra do grupo Boa Mistura. Cidade do Cabo, África do Sul.



Figura 58| "Pelea por tus sueños", obra do grupo Boa Mistura. Cidade do Cabo, África do Sul.

Marshall Berman (1986) afirma que o artista urbano possui a capacidade e a oportunidade de transformar antigos espaços degradados ou até mesmo destruídos em “espaços públicos extraordinários”³⁵. Artista que atua não só como criador das obras de arte no espaço público, mas como indivíduo devotado em disponibilizar e oferecer uma “cura” para as comunidades desfavorecidas e manchadas pela negatividade, desempenhando o papel de “dinamizador da transformação social do ambiente construído”³⁶. É através da obra de arte urbana que o seu autor e todas as entidades envolvidas no processo da realização destas intervenções procuram criar lugares com mais vida, animação e esteticamente mais agradáveis e apelativos sem nunca descartar e respeitando as características dos residentes.

A arte urbana, apresenta-se nos dias de hoje, como expressão visual com um vasto conjunto de qualidades e potencialidades a nível visual/estético, cultural, social e económico. Até mesmo os autores mais céticos e críticos sobre o valor da arte e da criatividade reconhecem que estas podem fornecer mais valias às comunidades e podem auxiliar inclusive o desenvolvimento urbano (Borén & Young, 2012).

³⁵ Berman, M. (1986). *Tudo que é sólido desmancha no ar, A aventura da Modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras. p.304

³⁶ Lopes, A. C. (2014). *O Papel da Arte na Reabilitação Urbana, Uma Análise Comparativa*. Dissertação de doutoramento. Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal. p. 4

3.1. Arte, uma mais valia para os espaços urbanos e para a população a nível:

3.1.1 Visual e estético

A arte introduzida nos espaços públicos da cidade, principalmente em espaços degradados ou abandonados, pode melhorar significativamente a sua imagem física, adicionando algo esplendido e belo aos aspetos estruturais e estéticos do espaço urbano.

Oferecendo um escape à monótona e monocromática vida na cidade, a arte intensifica e melhora a experiência visual, criando ambientes verdadeiramente únicos, gratificantes, convidativos e estimulantes. Obras de arte urbana podem também ser empregues como forma de combater a degradação visual dos espaços públicos, com o objetivo de animar e transformar estas áreas em lugares mais atrativos e aprazíveis enquanto que dota a paisagem de elementos diferenciadores de fácil reconhecimento que despertam o interesse do observador.

A introdução de uma dinâmica cultural e artística num espaço público pode, de uma forma ativa, ajudar a consolidar e corroborar as características identitárias das cidades, bem como o seu reconhecimento, as suas especificidades e qualidades, aumentar o seu encanto e prestígio.



Figura 59 | Obra de Atrapalharte no Bairro Quinta da Fonte em Loures. Lisboa, Portugal.

3.1.2. Económico

“As manifestações culturais artísticas têm, num período recente, vindo a ser utilizadas como uma ferramenta económica numa estratégia de atracção de turismo e lazer ‘cultural’, que tem associadas imagens do mundo do ócio [...]”³⁷.

A arte urbana permite, numa época de globalização e de homogeneização, criar espaços e experiências ímpares e cativantes com grande valor artístico e cultural que para além de valorizarem e enaltecem os espaços, melhoram a sua promoção e a sua competitividade territorial. Estas intervenções, de carácter artístico e cultural, apesar de atuar maioritariamente na melhoria da imagem do espaço público, podem também melhorar o espaço a nível económico. Lilian Vaz (2004) afirma que, segundo Peter Geoffrey Hall (2001), estamos perante uma nova economia, na qual a cultura e a criatividade desempenham um papel fulcral no seu desenvolvimento.

“As contribuições das artes e das indústrias culturais para a renovação urbana despertou o interesse pelas mais variadas razões. No sentido económico, estas geram riquezas diretamente através das vendas, da criação de empregos e das exportações bem como indiretamente através das indústrias de turismo e de tudo o que estas produzem.”³⁸.

Como forma de intervenção urbana, a arte, consiste num instrumento de “desenvolvimento económico” e funciona muitas vezes como método de identificar, diferenciar e publicitar o espaço urbano destacando-o dos restantes (Vaz, 2004). Espaços destacados pelo facto de apresentarem melhores condições de atrair movimento, investimento e mais pessoas, sejam elas moradores ou turistas.

³⁷ Nunes do Valle, S. (2008). *Cultura e Regeneração Urbana, Uso e Atividades Artísticas em zonas urbanas degradadas*. Dissertação de Mestrado, Instituto Superior Técnico da Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal. p. 65

³⁸ Tradução livre do autor de “The contribution of the arts and cultural industries to urban renewal has attracted interest for varied reasons. In an economic sense, they create wealth both directly through sales, jobs, exports, and indirectly because of the spinoffs for the tourism industry and retailing (...)”. Evans, R. (1996) *Liverpool's urban renewal initiatives and the arts: a review of policy development and strategic issues*. In Lorente, P. *The Role of Museums and the Arts in the Urban Regeneration of Liverpool* (pp. 11-25). Leicester: Centre for Urban History. University of Leicester. p. 13

O indivíduo que desempenha o papel de turista atual procura, ao visitar o espaço, experiências únicas, gratificantes e que possibilitem o desenvolvimento pessoal ao mesmo tempo que incentiva a aprendizagem e o conhecimento. Anseios que podem ser alcançados pela inserção de obras de arte urbana, que proporciona originais e animadas formas de experienciar o espaço. A arte é então um fator impulsionador e enriquecedor do turismo criativo e empírico (Fig.60).

Além de se afirmar como uma poderosa estratégia de reabilitação urbana, a arte transforma os espaços, muitas vezes obsoletos e degradados, em zonas chamativas que estimulam o aumento de transeuntes (residentes ou visitantes), resultando numa possível melhoria das atividades económicas existentes bem como numa atração de novos estabelecimentos de comércio e lazer, contribuindo de forma ativa para prosperidade económica do local.



Figura 60| Grupo de Turistas a visitar os murais de Arte Urbana no Bairro Quinta da Fonte em Loures. Lisboa, Portugal - Obras realizadas para a 1ª edição do festival "O Bairro é o Mundo".

3.1.3. A nível social

“Os murais podem atuar como catalisadores e tornar uma comunidade mais forte, mais visível (...)”³⁹.

Existem inúmeros estudos e investigações sobre a influência da arte e da cultura nas sociedades que apesar de possuírem as mais variadas e distintas conclusões, apontam parâmetros comuns no que refere aos benefícios que este tipo de ações oferecem às comunidades. No geral estas investigações apresentam conclusões e balanços positivos, principalmente a nível social (Lopes, 2014).

A arte no espaço público é um possível método de superação dos vários problemas e obstáculos sociais existentes nas cidades, podendo desempenhar um papel de moldar, estimular e alterar a sociedade. São elementos artísticos com uma forte ligação com o âmbito social e que se focam na criação e otimização de práticas e relações sociais. Ligação que transforma a arte urbana num excelente promotor de partilha e bem-estar coletivo, contribuindo de forma substancial para a melhoria do convívio, unindo e aproximando indivíduos enquanto que valoriza e qualifica a área construída (Stern & Seifert, Remesar & Ricart in Lopes, 2008).

Uma prática artística, criativa e cultural realizada no espaço público urbano, para além de criar “um impacto na melhoria da qualidade de vida de um local, devido ao seu valor social, educacional e de entretenimento”⁴⁰ contribui “para o desenvolvimento de uma sociedade saudável e democrática.”⁴¹

³⁹ Tradução livre do autor de “Murals can act as a catalyst, and make community stronger, more visible (...)” Cockcroft, E., Weber, J. & Cockcroft, J. (1998). *Toward a People's Art, The Contemporary Mural Movement*. Albuquerque: University of New Mexico Press. p. 72

⁴⁰ Nunes do Valle, S. (2008). *Cultura e Regeneração Urbana, Uso e Atividades Artísticas em zonas urbanas degradadas*. Dissertação de Mestrado, Instituto Superior Técnico da Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal. p. 50

⁴¹ Lopes, A. C. (2014). *O Papel da Arte na Reabilitação Urbana, Uma Análise Comparativa*. Dissertação de doutoramento. Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal. p. 4

A arte pode influenciar a sociedade, fomentando um sentimento de compromisso cívico e de tolerância na população, promovendo “a aproximação de grupos sociais, étnicos e raciais distintos.”⁴². É considerada como forma de incentivar relacionamentos afetivos e harmoniosos dentro das comunidades e sensibilizá-las para a proteção e preservação do património construído (Kleinhans et al in Lopes, 2012).

Intervenções artísticas, como obras de arte urbana, “estão física e intelectualmente acessíveis a todos”⁴³ beneficiando o público, uma vez que “propõe experiências sensoriais que relacionam as pessoas com os locais da cidade, estimulando a sua integração numa vida ativa; estimula o pensamento, a imaginação e a comunicação; promovem marcas de identificação cívica significantes; promovem a expressão de memórias coletivas através da animação dos espaços, tornando-os espaços de significado e pertença coletiva; desafiam percepções e preconceitos, intervindo na educação da sociedade”⁴⁴.

Em locais mais necessitados e excluídos, o reforço ou a renovação da sua identidade e imagem torna-se um fator importante e muito influente na vida dos habitantes cultivando e intensificando o sentimento de autoestima e de orgulho melhorando o seu bem-estar. Os habitantes de áreas intervencionadas pela arte, depositam nelas um forte valor sentimental criando fortes laços que podem alterar por completo o modo de estar, de ver e de se relacionar com o espaço. Alterar fisicamente a imagem de um espaço, anteriormente desagradável, pode ajudar a acabar com os preconceitos e ideias negativas associadas ao espaço e aos seus residentes, fomentando assim uma mudança na forma como são vistos e julgados pelo resto da cidade.

⁴² Lopes, A. C. (2014). *O Papel da Arte na Reabilitação Urbana, Uma Análise Comparativa*. Dissertação de doutoramento. Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal. p. 31

⁴³ Caixado, M. Q. (2017). *Arte urbana: estratégias de revitalização dos espaços públicos degradados*. Dissertação de Mestrado, Universidade Lusíada, Lisboa, Portugal. p.57

⁴⁴ *Ibidem*.

Juntamente com os benefícios anteriormente referidos a arte e a cultura podem também beneficiar as camadas jovens das comunidades, principalmente as mais fragilizadas que se encontram diariamente expostas a situações de risco. O desenvolvimento de programas artísticos e criativos dirigidas para as crianças, consiste numa iniciativa que oferece a oportunidade de adquirir e desenvolver aptidões e que em simultâneo permite “desenvolver um sentido de autoconhecimento, bem-estar e pertença.”⁴⁵ Pode, em ambientes mais problemáticos, incentivar nas crianças uma mudança perspéctica em relação a vida, estimulando uma nova forma, mais positiva e construtiva, de olhar para ela e de procurar novas formas de abordar e enfrentar os problemas com que são confrontadas. A arte pode então ser considerada como um eficiente método para o incremento e enriquecimento pessoal, essencial desde as primeiras fases da vida (Fig.61).



Figura 61 | "LUZ NAS VIELAS", projeto do grupo Boa Mistura na favela Vila Brasilândia. São Paulo, Brasil.- Grupo de Crianças que participaram no projeto juntamente com os artistas e outros moradores.

Intervenções urbanas que englobam a arte e a criatividade apresentam uma “correlação positiva entre a participação no programa em causa e o desenvolvimento cognitivo, interesse na aprendizagem, motivação, organização, auto percepção e resiliência”⁴⁶. A arte, principalmente de cariz participativo, pode aproximar a população e oferecer espaços imparciais que incentivam a união e a cooperação.

⁴⁵ Lopes, A. C. (2014). *O Papel da Arte na Reabilitação Urbana, Uma Análise Comparativa*. Dissertação de doutoramento. Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal. p. 52

⁴⁶ Ibidem.

Esta forma de arte, contribui para a coesão social através da promoção de uma transigência intercultural. É também salientado, em estudos sobre este tema, que iniciativas participativas possibilitam a redução do medo relativo à violência, aos crimes e ao vandalismo enquanto que promove o sentimento de segurança (Matarasso, 1997).

Projetos participativos envolvendo a arte e a cultura proporcionam o desenvolvimento de um sentido de comunidade e de espaços urbanos mais saudáveis, compreensivos, abrangente e integrantes (Lowe, 2001).

São projetos que se apresentam como “ferramenta importante na evolução do capital social”⁴⁷ que permitem e incentivam os habitantes a participar ativamente e empaticamente dentro da sua comunidade. Na utilização do termo capital social Hanifan (1916) não se refere a bens materiais ou físicos, mas ao “que na vida tende a tornar essas substancias tangíveis contarem mais nas vidas quotidianas das pessoas, nomeadamente, boa vontade, amizade, solidariedade mutua e relações sociais entre um grupo de indivíduos e famílias que formam uma unidade social”⁴⁸.

“Transformando espaços em lugares”⁴⁹.

⁴⁷ Lopes, A. C. (2014). *O Papel da Arte na Reabilitação Urbana, Uma Análise Comparativa*. Dissertação de doutoramento. Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal. p. 53

⁴⁸ Hanifan, L. J. (1916). The Rural School Community Center. *Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 67, 130–138. apud Lopes, A. C. (2014). *O Papel da Arte na Reabilitação Urbana, Uma Análise Comparativa*. Dissertação de doutoramento. Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal. p. 54

⁴⁹ Tradução livre do autor de “Turning spaces into places.” Waclawek, A. (2011). *Graffiti and Street Art*. Londres: Thames & Hudson Ltd. p. 123

3.2. Exemplos de reabilitação pela Arte

Lopes (2014) afirma que a arte possui um poder disruptivo e estimulador sendo que esta, ao ser aplicada em edifícios abandonados ou degradados, permite não só reabilitar o património edificado como também melhorar o ambiente social e urbano circundante. Segundo a autora esta metodologia de intervenção consiste numa “mais-valia” para o processo de reabilitação de espaços urbanos e edificado devolutos, não só devido aos seus resultados benéficos a níveis ambientais, sociais, económicos e institucionais como pela inovação e originalidade de todo o processo.

Após uma análise comparativa e qualitativa da autora sobre quatro casos nos quais foram aplicadas estratégias de reabilitação através da arte, esta concluiu que intervenções artísticas e culturais podem influenciar o “tecido social local”, estimulando a criação de novas experiências e dinâmicas que promovem a proximidade e a utilização do espaço pelos cidadãos. No entanto, este resultado depende muito de dois fatores, do seu objetivo primordial e do contexto de inserção da intervenção. Estes tipos de iniciativas apresentam uma influência significativa a nível social local quando o seu principal propósito passa por promover, integrar e desenvolver socialmente o espaço e quando são inseridas em locais mais habitacionais e com maior densidade populacional.

Para além de produzir efeitos positivos e de relevância a nível da reabilitação do edificado e urbana, a utilização da arte e da cultura contribuem para a criação de valor e para o desenvolvimento do turismo local. Lopes (2014) salienta que, como se verificou nos casos de estudo, a utilização da arte urbana como meio de reabilitar edifícios e espaços, permite não só valorizar os mesmos como a sua inserção em roteiros turísticos acerca do tema. Para concluir, enumera como fatores condicionantes dos efeitos de intervenções semelhantes “a forma como a apropriação foi feita, o local onde os casos estão implantados (...) [e] a forma como estes são geridos”⁵⁰.

Apesar de a arte urbana ser considerada por muitos indivíduos e entidades governamentais como atividade marginal e destrutiva e de menosprezarem o seu potencial, esta já é reconhecida como uma potencial ferramenta para dinamizar e melhorar significativamente os espaços onde são inseridas. Legitimado e aplicado não só por muitas autarquias e instituições, mas também por críticos e especialista como urbanistas, sociólogos e arquitetos, esta metodologia de intervenções

⁵⁰ Lopes, A. C. (2014). *O Papel da Arte na Reabilitação Urbana, Uma Análise Comparativa*. Dissertação de doutoramento. Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal. p. 199

urbanas através da arte urbana foi recentemente aplicada em muitos casos tanto nacionais como internacionais que comprovam os benefícios e as qualidades que estas oferecem tanto aos habitantes como às próprias cidades. Em território nacional temos assistido a um aumento deste tipo de iniciativas, não só como resultado do aumento da sensibilidade da população perante o tema, mas essencialmente pela necessidade de reabilitar os espaços públicos devolutos e degradados (Pereira in Lopes, 2012).

Como método de reabilitação, a arte urbana, tem vindo a ser também aplicada com êxito a nível mundial existindo desde simples intervenções artísticas e eventos, até projetos mais ambiciosos e complexos que resultam num impacto positivo não só na cidade onde se realizam, mas também mundialmente. Dois grandes exemplos surgem espalhados pelo mundo, desde favelas brasileiras (Fig.62) até bairros mexicanos (Fig.63).



Figura 62| "Praça Cantão", favela Santa Marta. Rio de Janeiro, Brasil.



Figura 63| "Las Palmitas". Pachuca do soto, México.

3.2.1. Favela Painting

As obras da iniciativa *Favela Painting* estão localizadas no Rio de Janeiro, Brasil, mais precisamente nas favelas Santa Marta (bairro Botafogo) e Vila Cruzeiro (bairro da Penha) (Fig.64). Ambas as zonas são consideradas muito perigosas e caracterizadas por um ambiente de extrema violência, onde os seus espaços exteriores são o palco para as constantes guerras entre polícia e traficantes, assistindo-se assim a uma erradicação total do cariz social destas comunidades.

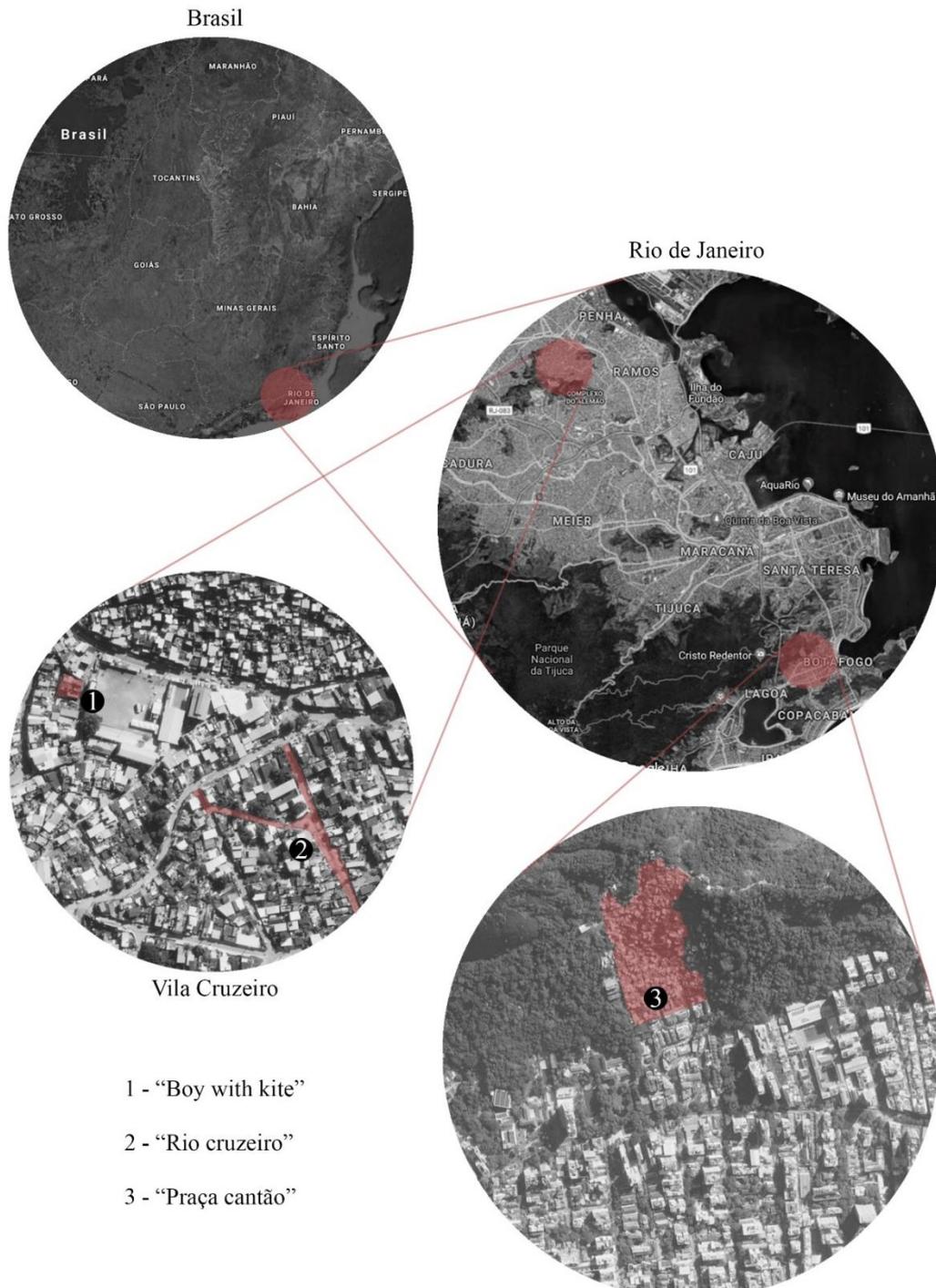


Figura 64| Localização das favelas Vila Cruzeiro e Santa Marta.

Para além de uma elevada taxa de criminalidade e pobreza, estes locais são caracterizados por construções precárias, agrupadas de forma desorganizada e densamente povoadas. Estas características tornam as favelas em espaços temidos, discriminados e identificados como prejudiciais para os restantes cidadãos, que por esse motivo evitam frequentar os seus espaços e estabelecer qualquer tipo de relação com os seus habitantes. Esta situação cria uma onda de negatividade dentro da cidade, onde os “favelados” são excluídos e visto como criminosos, alimentando o ódio dentro das comunidades e transformando o espaço público num espaço descaracterizado, sem valor e dinâmica social.

Foi na filmagem de um documentário, em 2005, sobre a vida nas favelas que dois artistas holandeses, Jeroen Koolhaas e Dre Urhahn, tiveram a percepção de todas as dificuldades que os habitantes enfrentavam diariamente. Esta realidade, que chocou os dois artistas, despertou nestes a ideia de pintar toda a favela. Deram então início à iniciativa com a pintura “*boy with kite*” no interior da favela Vila Cruzeiro, uma das mais perigosas do Rio de Janeiro. A pintura, finalizada em 2007, coloriu 3 habitações (Fig.65) agradando a população e atraindo muita atenção positiva, principalmente dos meios de comunicação social nacionais e internacionais. No mesmo ano os artistas voltaram a Vila Cruzeiro e, com a ajuda do tatuador holandês Rob Admiral e dos habitantes, pintaram e transformaram uma rua inteira da favela num rio estilo japonês (Fig.66).



Figura 65| "Boy with kite", projeto de Jeroen Koolhaas e Dre Urhahn na favela Vila Cruzeiro do bairro da Penha. Rio de Janeiro, Brasil.



Figura 66| "Rio Cruzeiro", projeto de Jeroen Koolhaas, Dre Urhahn e Rob Admiral na favela Vila Cruzeiro do bairro da Penha. Rio de Janeiro, Brasil.- Neste projeto os artistas contaram com a ajuda de alguns moradores que quiseram participar.

A terceira e a mais ambiciosa intervenção artística do projeto *Favela Painting* em solo brasileiro foi a pintura da Praça Cantão (Fig.67), na Favela Santa Marta em 2010. Para a sua realização, os artistas holandeses recrutaram e treinaram 25 habitantes de modo a cooperar e a participar na pintura de cerca de 7000 m². Foram ao todo pintadas 34 casas que formam a praça com faixas coloridas que as percorrem diagonalmente, criando um efeito perspetivo que acentua a sua desorganização construtiva.



Figura 67| "Praça Cantão", projeto de Jeroen Koolhaas e Dre Urhahn, na favela Santa Marta do bairro Botafogo. Rio de Janeiro, Brasil.

“O objetivo principal consistia em criar uma enorme peça de arte comunitária que servisse como catalisador de melhorias nas habitações e no bairro. Ao fortalecer e trazer cor e alegria a essas pessoas, esperamos [Jeroen Koolhaas e Dre Urhahn] provocar uma mudança individual e social a todos os níveis.”⁵¹.

O principal objetivo destes dois artistas, com as suas obras, consistia na mobilização dos habitantes para a transformação e melhoria das suas comunidades como forma de combater a discriminação e os conflitos sociais, que são uma constante no seu dia a dia. Ao dinamizar e melhorar fisicamente o espaço público da favela, os artistas, procuraram também atrair um olhar positivo do exterior desta e gerar mais oportunidades sociais e económicas.

Reabilitar e revitalizar o espaço teve sempre como objetivo o tecido social e uma mudança da imagem negativa das favelas. Mostrando que não é só o crime que existe nas favelas, mas sim toda uma comunidade com uma grande vontade de melhorar e possuir uma vida social digna de qualquer ser humano.

Foi por ação das intervenções artísticas, desenvolvidas pelos artistas holandeses, que os habitantes se afirmaram e enfrentaram os estereótipos sobre quem são, como vivem e onde

⁵¹ Tradução livre do autor de “*The main objective was to create a huge piece of community art that serves as a catalyst for the improvement of housing and neighbourhoods. By empowering and bringing colour and joy to these people, we hoped to ignite personal and societal change on all levels*”. Favela Painting Foundation (n.d.). Praça Cantão. Disponível em <https://favelapainting.com/PRACA-CANTAO-FP>

habitam. Foi esta iniciativa criativa, socialmente transformadora e emancipatória que levou a cor às comunidades frágeis e marginalizadas do Rio de Janeiro, transformando o espaço precário num criativo e alegre espaço para viver.

“Principalmente, [a iniciativa de arte colaborativa] estimulou as pessoas a começar a questionar as suas suposições acerca das favelas, o que estas representam e acima de tudo, interagir com elas em vez de as excluir.”⁵².

O facto de existir um forte envolvimento da população da favela nas obras realizadas (Fig.68), construiu-se um intenso sentimento de pertença, afeição e orgulho tanto pela obra como pelo lugar, que até então era desprezado inclusive pelos próprios residentes. Agora estimado e respeitado, o espaço público ganhou um novo significado emocional para os seus residentes que agora cuidam e o protegem como se da sua própria casa se tratasse. Edimar Marcelinho Franco, que ajudou a pintar as 34 casas, afirma que esta obra “Dá vida à comunidade [...]”⁵³, acrescentando que quem visita a favela fica surpreso e com outra imagem do que é uma favela.



Figura 68| Participação dos moradores na pintura da Praça Cantão. Rio de Janeiro, Brasil.

⁵² Tradução livre do autor de “*Principally, it stimulated people to start questioning their assumptions of what favelas are, what they represent and, above all, to engage with them rather than to exclude them.*” Imas, J. M. (2014). *Favela Painting: Building community, social change and emancipation through an OrgansparkZ/Art installation*. The London School of Economics and Political Science. Disponível em <http://blogs.lse.ac.uk/favelasatlse/2014/10/22/favela-painting/>

⁵³ Tradução livre do autor: “It gives the community life!”. Darlington, S. (2010). Rio slum transformed into canvas bursting with color. CNN. Disponível em <http://edition.cnn.com/2010/WORLD/americas/11/17/brazil.beautiful.favela/index.html>

O projeto *Favela Painting* permitiu melhorar a vivência do espaço público dentro das favelas bem como embelezar a sua dimensão visual e perceptível, incentivando a criação de relações saudáveis e criativas.

Os espaços resultantes de toda a iniciativa formam um conjunto de ambientes propícios para o convívio e para o desenvolvimento de práticas sociais. Espaços caracterizados por uma imagem e paisagem urbana mais atrativa (Fig.69), que seduz e encoraja o seu atravessamento e utilização.

O projeto provou ter um forte impacto transformador dentro da comunidade e ser mais do que um simples melhoramento estético através da arte. Este deu, não só uma voz aos habitantes para desafiar e pôr fim aos preconceitos, como também deu vida ao espaço e à população. A inclusão social da população “favelada” é um dos resultados com mais destaque destas intervenções, quebrando as barreiras entre exterior e interior das favelas.



Figura 69| "Praça Cantão", projeto de Jeroen Koolhaas e Dre Urhahn, na favela Santa Marta do bairro Botafogo. Rio de Janeiro, Brasil.

3.2.2. Macromural de Pachuca

Localizado na zona periférica da cidade Mexicana de *Pachuca do Soto*, o bairro *Las Palmitas* (Fig.70) encontrava-se num estado de elevada degradação que transmitia uma imagem repleta de negatividade e tristeza. Apontado como um bairro problemático, perigoso e instável era um espaço a evitar, onde não existiam laços entre os habitantes nem a vontade destes de se relacionarem. O convívio e o sentido de comunidade eram inexistentes perdendo assim os princípios base que definem o espaço público, situação que necessitava de uma solução urgente.

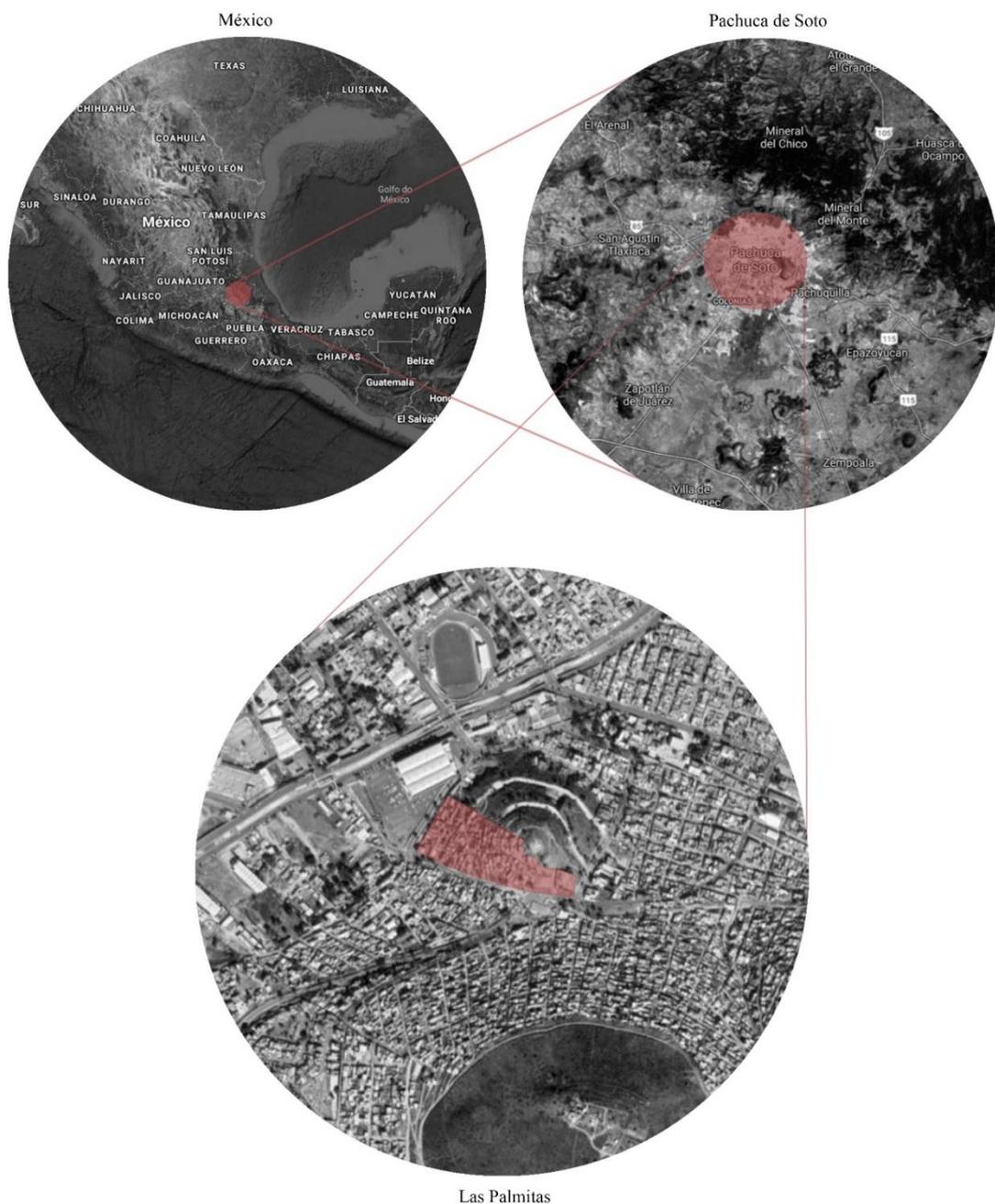


Figura 70| Localização do bairro Las Palmitas

Foi então que o governo mexicano em 2014, preocupado e com intenção de por fim à degradação e à violência que caracterizava o bairro *Las Palmitas*, deu início, com recurso a arte urbana, a um projeto de revitalização e reabilitação do bairro. Para a sua realização o governo convidou um grupo de artistas mexicanos, os *German Crew*, criado e dirigido por Gomez, ex-traficante e agora artista urbano. Este grupo, de um modo obstinado, abraçou o projeto no qual foram pintadas 209 habitações, aproximadamente 20mil m², envolvendo os seus habitantes, num processo de trabalho cooperativo e participativo (Fig.71). O resultado foi inaugurado a 31 de agosto de 2015.



Figura 71 | "Macromural de Pachuca", projeto do grupo de artistas German Crew no bairro Las Palmitas. Pachuca do Soto, México.

Com o objetivo de requalificar esteticamente, alterar a reputação negativa, promover a integração, combater os problemas sociais e acabar com o ambiente de violência e hostilidade, principalmente entre os habitantes, esta intervenção foi dividida em 3 fases. A primeira fase foi a “*Socialización*” (Fig.72), que consistia na fase inicial do projeto onde foi transmitido aos habitantes, através de palestras, o projeto de modo a que estes aceitassem cooperar na sua realização.

A segunda fase foi denominada “*Blanco: todos somos iguales*” (Fig.73) na qual as habitações foram pintadas de branco com o objetivo de uniformizar a “tela” e de simbolizar a igualdade entre habitantes. Foi na última fase, com o nome “*Nacimiento del color*” (Fig.74), que as habitações do bairro foram pintadas com cores vivas e alegres, inspiradas na cultura mexicana, formando um efeito ótico, uma anamorfose, resultando no maior e mais colorido mural pintado no mundo.



Figura 72| “Socialización”, 1ª fase do projeto “Macromural de Pachuca”, do grupo de artistas German Crew no bairro Las Palmitas. Pachuca do Soto, México.



Figura 73| “Blanco: todos somos iguales”, 2ª fase do projeto “Macromural de Pachuca”, do grupo de artistas German Crew no bairro Las Palmitas. Pachuca do Soto, México.



Figura 74| “Nacimiento del color”, 3ª e última fase do projeto “Macromural de Pachuca”, do grupo de artistas German Crew no bairro Las Palmitas. Pachuca do Soto, México.

Durante toda a concretização do projeto foi possível assistir a uma mudança, principalmente nas relações entre residentes que começaram a interagir, a conviver e a criar laços de vizinhança. Até mesmo nos espaços exteriores das habitações, que eram evitados e abandonados, foi possível observar uma maior adesão, principalmente das camadas mais jovens, que agora nestes recreiam.

“Antes, ele [Gomez] disse, que *Las Palmitas* era uma área insegura na qual as pessoas evitavam sair depois do anoitecer ou interagir umas com as outras. Contudo à medida que o projeto se aproximava da sua fase final, vocês viam as pessoas a conversar e as crianças a passear pelas escadas íngremes que atravessam o bairro.”⁵⁴.

Para além de esta obra trazer a harmonia ao espaço, segundo a Secretaria de *Planeación y Evaluación del Ayuntamiento de Pachuca*, durante o seu período de realização, o bairro de *Las Palmitas* sofreu uma diminuição da taxa de criminalidade e violência, tendo sofrido reduções consideráveis tanto a nível de roubos como de confrontos e casos violentos.

O mural também influenciou a economia do local, gerando mais emprego com novos postos de trabalho e um aumento do fluxo turístico. Assistimos a um reforço do espírito de comunidade e uma maior preocupação dos habitantes pelo espaço que habitam, ambicionando o melhor e lutando para manter o bairro seguro e em boas condições.

“Honestamente, o que mais me surpreendeu [Gomez] foi as pessoas estarem realmente a mudar... Elas estão a crescer – há mais espírito de comunidade. As pessoas estão a tratar da segurança do seu bairro pelas suas próprias mãos.”⁵⁵.

⁵⁴ Tradução livre do autor de “*Before, he said, Las Palmitas was a sketchy area where people avoided going out after dark or interacting with each other. But as the project neared its final stages, you saw people talking to each other more and children hanging out on the steep stairways that cut through the neighborhood*”. Associated Press (2015). Artists in Mexico turn low-income neighborhood into one giant mural. The Guardian. Disponível em <https://www.theguardian.com/world/2015/aug/01/mexico-pachuca-mural-las-palmitas-public-art>

⁵⁵ Tradução livre do autor de “*Honestly, what surprises me the most is that people are really changing... They are growing – there is more community spirit. People are taking the security of their neighborhood into their own hands*” Associated Press (2015). Artists in Mexico turn low-income neighborhood into one giant mural. The Guardian. Disponível em <https://www.theguardian.com/world/2015/aug/01/mexico-pachuca-mural-las-palmitas-public-art>

O projeto *Macromural de Pachuca* (Fig.75) provou que a arte urbana “pode funcionar ao serviço da humanidade, unindo-a e embelezando-a, exercendo um forte poder na vida das pessoas”⁵⁶. Devido aos seus efeitos positivos e a sua aceitação, este tipo de intervenções desencadeou um grande interesse nacional e internacional neste tipo de obras.

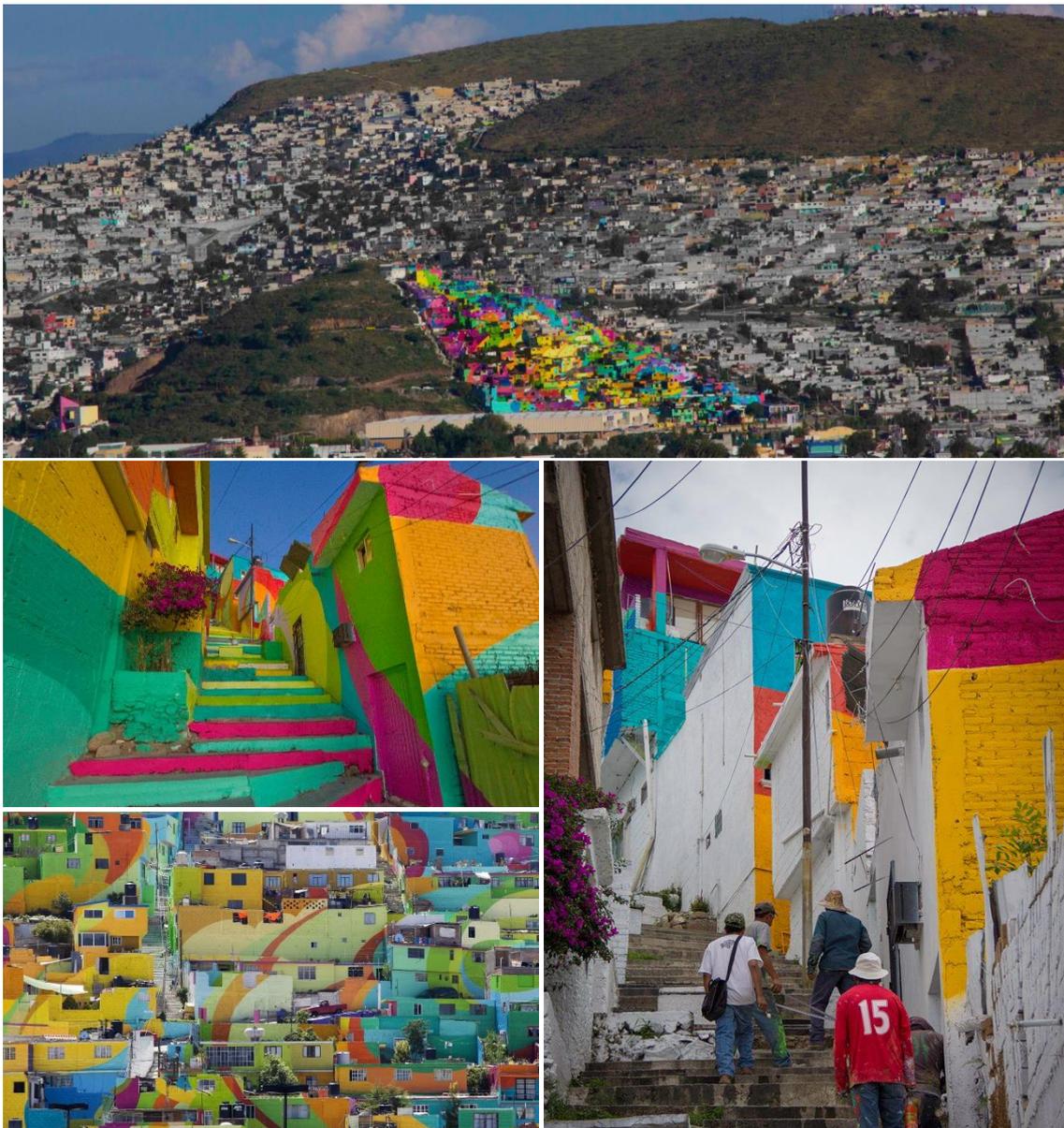


Figura 75| "Macromural de Pachuca", projeto do grupo de artistas German Crew no bairro Las Palmitas. Pachuca do Soto, México.

⁵⁶ Caixado, M. Q. (2017). *Arte urbana: estratégias de revitalização dos espaços públicos degradados*. Dissertação de Mestrado, Universidade Lusitana, Lisboa, Portugal. p. 93

III - Arte no Bairro Quinta do Mocho

1. O Realojamento

Assistiu-se nos anos 70 a um acentuado crescimento demográfico (Fig.76) nas zonas periféricas das cidades portuguesas, principalmente na área Metropolitana de Lisboa, devido principalmente ao fim da guerra colonial, que levou ao regresso de muitos cidadãos portugueses que viviam nas colónias, e a elevada taxa de imigração de cidadãos africanos que procuravam melhores condições de vida.

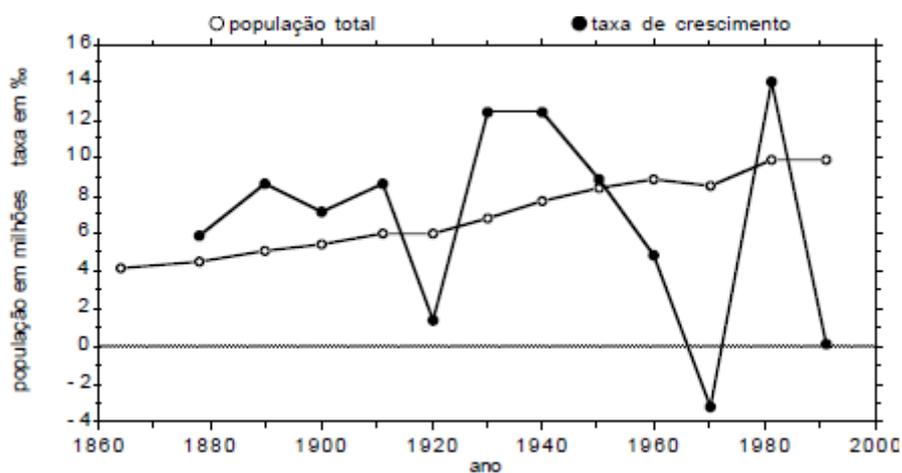


Figura 76| Gráfico do crescimento da população portuguesa entre 1980 e 1990

A população mais necessitada e sem qualquer poder económico, é incapaz de acompanhar o mercado imobiliário, que a impossibilita de adquirir uma habitação e a leva a procurar alojamento em bairros abarracados ou de baixo custo, onde predomina a escassez de equipamentos, serviços públicos e condições de vida. Esta situação gera uma proliferação de bairros ilegais e sem condições de salubridade ou infraestruturas básicas.

O governo é incapaz de responder de forma eficaz a este afluxo populacional, o que leva a população mais desfavorecida a construir os seus próprios abrigos, por estar impossibilitado de adquirir habitação, gerando construções marginais e desqualificadas, como bairros de barracas. Perante esta situação o governo português decide dar prioridade à extinção das barracas e bairros ilegais, realojando a população residente, que vive em situações caracterizadas pela precariedade. São então criados dois programas de eliminação dos conjuntos habitacionais abarracados, com o objetivo de criar zonas urbanas de cariz social munidas de novas e melhoradas acessibilidades, espaços exteriores arranjados, apelativos e providos de equipamentos, serviços e infraestruturas necessários. Programas que apoiam financeiramente os municípios de modo a sustentar o realojamento dos seus habitantes.

Surge então, dentro desse conjunto de programas, no ano 1993, o Programa Especial de Realojamento (PER) com o objetivo de resolver os problemas habitacionais, do qual resulta a criação do bairro Quinta do Mocho. Estes programas apesar de apresentarem melhorias significativas a nível habitacional, não foram pensados como uma “estratégia de promoção e inserção social, pelo contrário, a construção de habitação social vai-se fazer por meio da edificação de pequenos bairros, no geral localizados periféricamente em relação ao centro urbano”⁵⁷. Com o objetivo de integrar as populações carenciadas no contexto e na funcionalidade da cidade, estes programas resultaram em efeitos contrários aos desejados. Mesmo após os realojamentos, mantiveram-se as imagens negativas do tempo em que viviam nas “barracas”, o que influenciou a forma como estas novas zonas habitacionais são apropriadas, vividas, transformadas e a forma como os seus residentes são avaliados pelo resto da cidade.

As relações de vizinhança existentes nos bairros de barracas são trocadas por espaços que não estimulam o convívio e o relacionamento social, resultando na segregação e no isolamento das famílias. O bairro Quinta do Mocho, do concelho de Loures, apresenta-se como um exemplo, de um resultado considerado negativo, destes programas de realojamento, onde estes aspetos pejorativos são visíveis e diariamente apresentam-se como um obstáculo para a vida dos seus ocupantes.

“Os bairros sociais que teriam como objectivo realojar as pessoas e criar uma situação nova de habitabilidade, na realidade mantêm o estigma da pobreza, da marginalidade, de pessoas que pertencem a diferentes classes sociais, presente nos bairros de barracas que substituiu.”⁵⁸.

⁵⁷ Martins, J. (2015). *A forma como elemento estruturante do espaço social, O equipamento e espaços públicos como elementos (re)qualificadores do bairro Quinta do Mocho*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal. p. 34

⁵⁸ *Ibidem*. p. 37



Figura 77| Torres Inacabadas em Loures. Lisboa Portugal. - Atualmente inexistentes (demolição ocorreu no ano 1999).

A origem do bairro Quinta do Mocho remota a meados da década de 1980, com a criação de um conjunto edificado de habitação coletiva que pouco tempo depois viria a ser abandonado por parte da construtora (Fig.77). Ergueu-se assim, uma imagem de degradação e abandono, caracterizada por dezenas de torres inacabadas com espaços públicos desqualificados e sem qualquer equipamento e serviço público.

Estas urbanizações abandonadas, localizadas onde atualmente está construída a Urbanização Terraços da Ponte, apesar de não oferecerem as condições mínimas de habitabilidade e higiene, foram apropriadas, transformando-se no lar de muitas famílias imigrantes sem poder económico para adquirir outras habitações. Famílias provenientes maioritariamente do continente Africano (Fig.78).

De forma ilegal estas construções, inacabadas, foram ocupadas, e com o sucessivo aumento da população, estas foram incapazes de responder às necessidades e de albergar o crescente número de novos residentes. Como forma de solucionar estes problemas a população iniciou a construção de barracas em redor das torres, nascendo assim o bairro abarracado.



Figura 78| Condições de vida das famílias que se apropriaram das torres abandonadas pela construtora em Loures. Lisboa, Portugal.

Ao abrigo do anteriormente mencionado Programa Especial de Realojamento (PER), em 1997 foi realizado um recenseamento com o objetivo de aferir o número de pessoas que residiam nas construções clandestinas e barracas, de modo a posteriormente iniciar o processo de realojamento para habitações com melhores condições.

A primeira ação de realojamento, datada do ano de 1999, iniciou-se com a demolição das áreas abarracadas e das torres que até então alojavam a população do bairro e que daria lugar ao novo bairro social. O processo ficou concluído em 2001, nascendo assim o atual bairro Quinta do Mocho (Fig.79 e 80). Um bairro que foi caracterizado por possuir “Poucos pontos de acessibilidade e mobilidade colectivas; Espaços públicos obsoletos; Deficiente ligação urbana com a sua envolvente; Défice de equipamentos colectivos; Falta de tratamento público na estrutura verde; Carência de espaços verdes de utilização colectiva; Carência de espaços públicos qualificados; Falta de Manutenção exterior do edificado.”⁵⁹.

Atualmente o bairro é denominado oficialmente por Urbanização Municipal Terraços da Ponte, nome do bairro vizinho.



Figura 79| Bairro social Quinta do Mocho em Loures. Lisboa, Portugal.



Figura 80| Bairro social Quinta do Mocho em Loures. Lisboa, Portugal.

⁵⁹ Martins, J. (2015). *A forma como elemento estruturante do espaço social, O equipamento e espaços públicos como elementos (re)qualificadores do bairro Quinta do Mocho*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal. p. 41

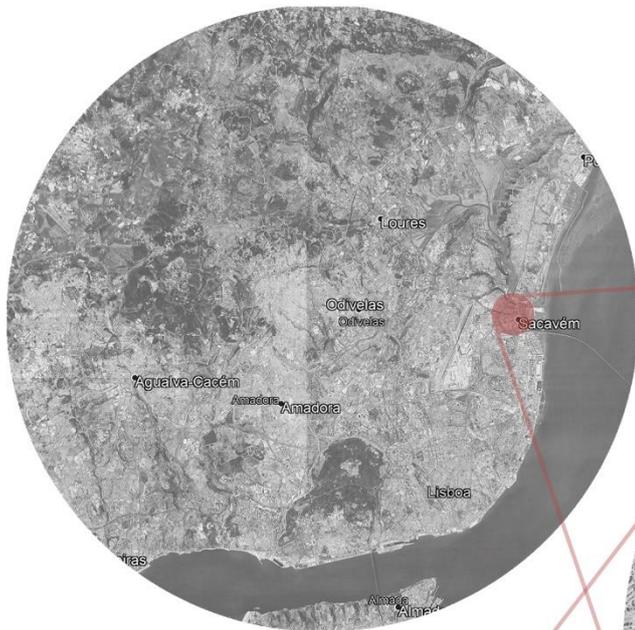
2. Bairro Quinta do Mocho

2.1. Localização

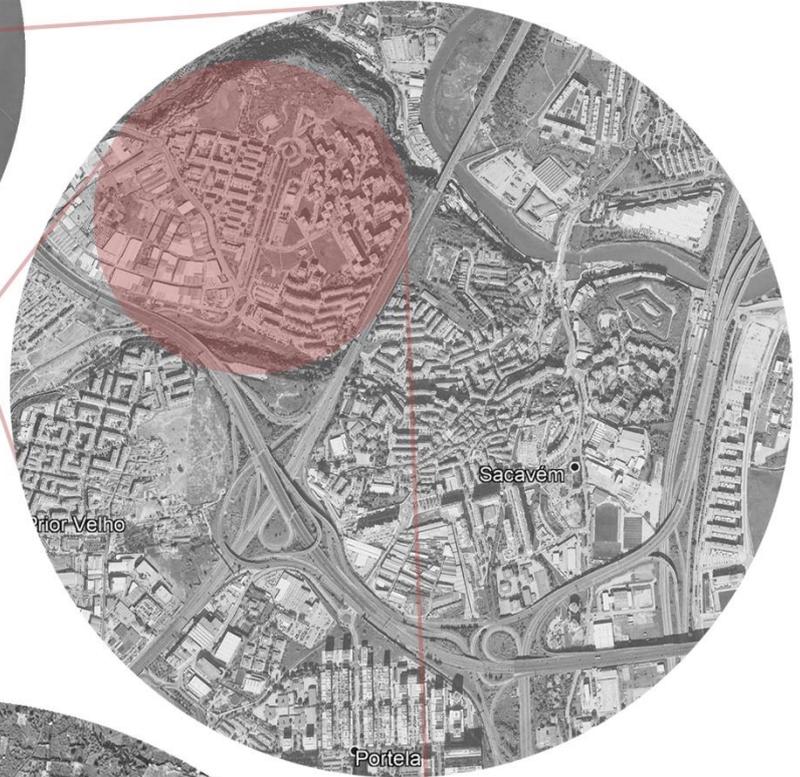
O bairro social Quinta do Mocho, localiza-se no concelho de Loures, distrito de Lisboa, na freguesia de Sacavém e possui como envolvente próxima uma zona de armazéns industriais e a Urbanização Municipal Terraços da Ponte (atualmente nome oficial do bairro em estudo) (Fig.81 e 82).



Figura 81 | Vista aérea do bairro social Quinta do Mocho em Loures. Lisboa, Portugal.



Lisboa



Sacavém



- 1- Bairro Social Quinta do Mocho
- 2- Zona de Armazéns industriais
- 3- Urbanização Municipal Terraços da Ponte

Figura 82| Localização e Envolvente próxima do bairro social Quinta do Mocho em Loures. Lisboa, Portugal.

2.2. Edificado

É um conjunto de habitação de interesse social constituído por um conjunto de 91 edificações com aproximadamente 680 habitações, projetados ortogonalmente sobre o tecido urbano (Fig.85). Este bairro é composto por edifícios com quatro pisos, nos quais o primeiro piso, que se encontra em contacto com o solo, é destinado tanto para comércio e serviços como para habitação. Os três pisos restantes são então ocupados na totalidade pelos fogos (Fig.83).

Transparecendo o seu carácter de urgência e o seu custo reduzido, o edificado do bairro, é caracterizado por uma fraca qualidade construtiva, que se comprovou pela sua acelerada e visível degradação (Fig.84).





Figura 85| Edifício do bairro social Quinta do Mocho em Loures. Lisboa, Portugal.

- Edificado - Eixos da Construção

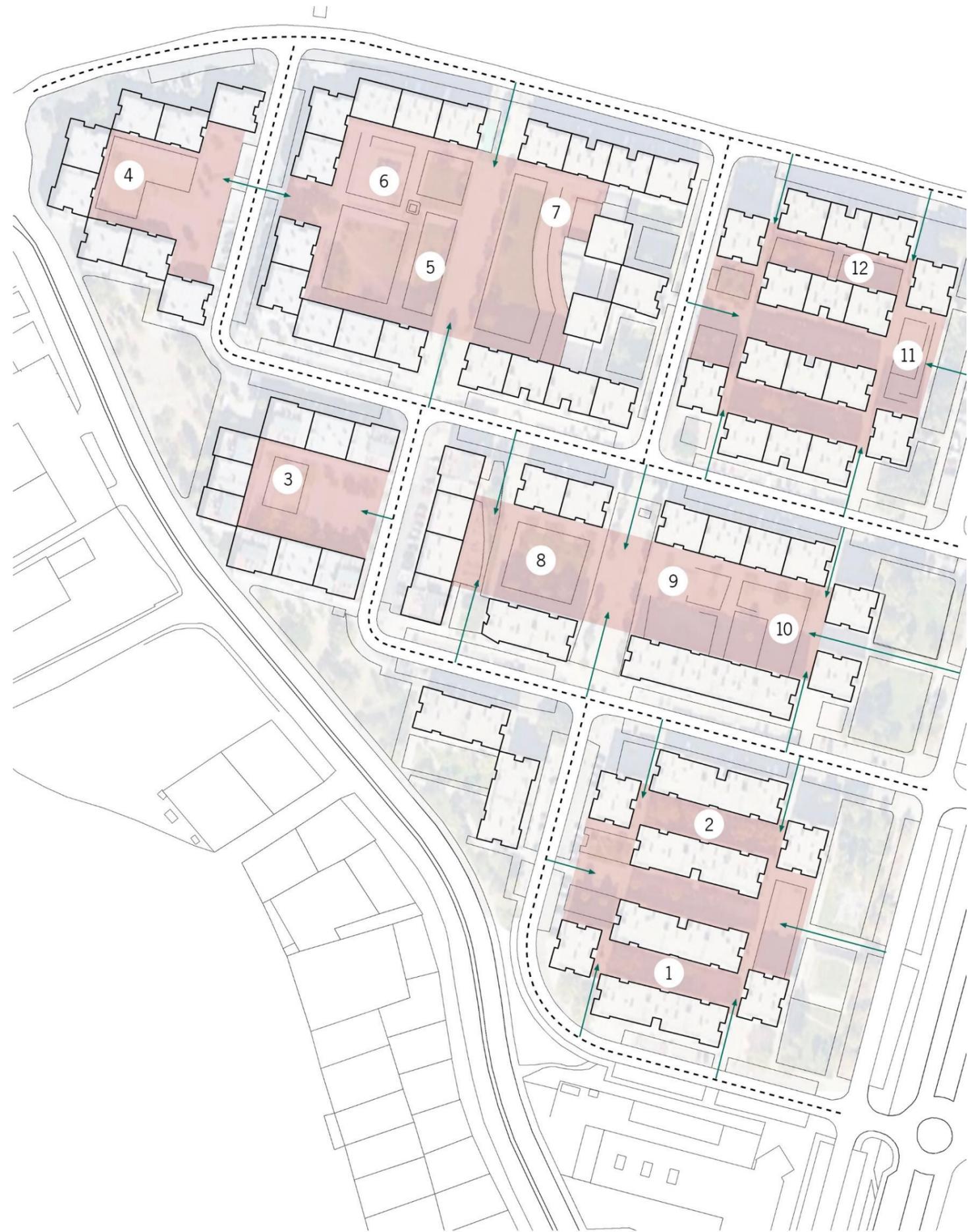
2.3. Espaço público

A distribuição e o desenho dos volumes arquitetónicos criam um conjunto de pátios de uso comum em contacto com as traseiras dos mesmos, transformando estas áreas, com forte potencial e adequadas para o desenvolvimento de práticas e atividades sociais, em locais caídos no desuso com pouco ou nenhum movimento, desaproveitados e sem vida pública. O espaço público nasce desvinculado da ação quotidiana de habitar o bairro, onde o ato de entrada é feito pelo lado oposto aos pátios e a relação pedonal e viária com os espaços se apresenta periférica e independente.

São espaços desenhados com a finalidade de albergarem práticas sociais, no entanto, são espaços sem vida, localizados nas traseiras do edificado e desprovidos de uma lógica de relação social entre moradores. Onde a maior parte dos residentes não nutrem qualquer sentimento de orgulho e pertença, resultando no seu abandono e consequente destruição (Fig.86).

O processo de realojamento, como o caso do bairro Quinta do Mocho, ofereceram “espaços públicos obsoletos que não incentivam a integração, sociabilidade e a troca”⁶⁰. Espaços onde se assistia a uma despreocupação por parte das entidades públicas responsáveis e até mesmo pelos próprios habitantes que destes se desvincularam. Contrariamente às suas antigas zonas habitacionais, as barracas e os espaços públicos dos novos realojamentos carecem de relações sociais e de características que as incentivem, resultando em ambientes que não fomentam qualquer forma de sociabilidade. Esta situação levou ao isolamento e à consequente individualização das famílias do bairro.

⁶⁰ Martins, J. (2015). *A forma como elemento estruturante do espaço social, O equipamento e espaços públicos como elementos (re)qualificadores do bairro Quinta do Mocho*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal. p. 15



0 10 20 30 40 50 60 70

Figura 86| Espaços exteriores públicos do bairro social Quinta do Mocho em Loures. Lisboa, Portugal.

- Espaço Público - Acessos - Fluxo de Distribuição

2.4. População e Segregação

“Os conflitos sociais devem-se, sobretudo, ao baixo nível cultural, de educação, aos elevados níveis de desemprego, aos problemas de inclusão [...]”⁶¹.

Este bairro de habitação social aloja aproximadamente 2600 pessoas oriundas maioritariamente dos PALOP, como Angola, Cabo-Verde, Moçambique, etc. Estas famílias que habitam o bairro, apresentam geralmente características económicas e sociais frágeis bem como um elevado número de pessoas desempregadas ou com trabalhos precários e um baixo nível de escolaridade.

As situações de marginalização social e desemprego que se vivem no bairro, levam a um aumento da criminalidade e delinquência, prejudicando a imagem do bairro e dos seus moradores contribuindo para a sua estigmatização. Alguns moradores afirmam que só o facto de se apresentarem como habitantes do bairro Quinta do Mocho, dificultava a sua empregabilidade e a sua inserção numa vida social ativa, optando em muitos casos por omitir essa informação, procurando dissociar-se do estigma criado em relação à sua morada.

“A mudança de designação [para Urbanização Municipal Terraços da Ponte] pretendia ultrapassar o estigma associado à "marca" Quinta do Mocho, que, testemunham os habitantes, os impedia de ser bem atendidos em repartições públicas ou aceder a muitos empregos.”⁶².

São habitantes vulneráveis e carenciados que, apesar das melhorias nas condições da habitação, foram realojadas num ambiente de tensão e de exclusão, causador de segregação social e de conflitos sociais com a cidade.

⁶¹ Lusa (2008). *Construção de bairros “tipo guetos” potência conflitos sociais*. Açoriano Oriental. Disponível em <https://www.acorianooriental.pt/noticia/construcao-de-bairros-tipo-guetos-potencia-conflitos-sociais-174219>

⁶² Garcia, L. (2008). *Quinta do Mocho combate estigma*. Jornal de Notícias. Disponível em <https://www.in.pt/local/noticias/lisboa/loures/interior/quinta-do-mocho-combate-estigma-1019157.html>

“Efetivamente, a vida quotidiana da generalidade dos moradores não sofreu alterações significativas e os baixos salários, o desemprego, a precariedade e a exclusão social, a falta de recursos e oportunidades, bem como a estigmatização territorial, foram apenas transferidos para uma nova localização. Tal como noutros bairros de realojamento, paulatinamente, a Quinta do Mocho passou a ser marcada pelo isolamento sócio espacial dos seus residentes e pelo aumento da conflitualidade e das disfuncionalidades sócio espaciais internas, contribuindo para a criação de um sentimento de insegurança e para a interiorização de uma imagem negativa, estigmatizante e violenta”⁶³.



Figura 87| Moradores do bairro social Quinta do Mocho em Loures. Lisboa, Portugal.

⁶³ Carmo, A. (2017). *Por uma outra cidade criativa, a Galeria de Arte Pública da Quinta do Mocho enquanto experiência de inovação social*. Medi@ções Vol.5, n.º2, 35-53. Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal. Consultado em novembro 2, 2018, em <http://mediacoes.esse.ips.pt/index.php/mediacoesonline/article/view/158/pdf>. p. 46

2.5. Meios de Comunicação Social

O bairro Quinta do Mocho é visto como um cenário sensível de “pobreza, conflitos étnicos e criminalidade”⁶⁴ (Fig.88), marcado no decorrer do tempo, por problemas como a marginalização, exclusão, estigmatização e marginalização dos residentes que o transformaram numa área temida e evitada pela restante população. Esta perceção, de um bairro problemático e violento, é agravada pela visibilidade mediática e discursos noticiosos. São expostas notícias que reforçam e promovem sentimentos negativos, como o medo, a tristeza e angústia de uma população que convive diariamente com situações de conflito e criminalidade.



Figura 88 | Forte presença da polícia no bairro social Quinta do Mocho em Loures. Lisboa, Portugal.

⁶⁴ Tomás, H. (2015). *A Gestão Pública como instrumento de combate à estigmatização e sentimento de (in)segurança nos Bairros Sociais, Estudo de Caso: Bairro de Habitação Social “Quinta do Mocho”*. Dissertação de Mestrado. Instituto Superior de Gestão, Lisboa, Portugal. p.70

“Percecionado como sendo um território associado à delinquência e criminalidade, carrega este estigma em grande parte devido à forma mediática como são relatadas situações relacionadas com crime e delinquência ocorridas neste Bairro, agudizando a perceção de isolamento desta comunidade.”⁶⁵.

Os meios de comunicação social e a sua cobertura noticiosa desempenharam um papel relevante na criação e sustento de estereótipos do bairro Quinta do Mocho. Frequentemente estas notícias, relatam, de uma forma sensacionalista, casos de criminalidade e violência dentro do bairro, que não só devido ao seu conteúdo, mas também à forma como este é transmitido, prejudicam a imagem e identidade do bairro.



Detido suspeito de homicídio na Quinta do Mocho



Dez detidos na operação da PSP na Quinta do Mocho

Diário de Notícias

Um morto e um ferido grave na Quinta do Mocho



Morre esfaqueado na Quinta do Mocho

Diário de Notícias

4 feridos na Quinta do Mocho, entre eles há um polícia



Um jovem morto e cinco feridos em tiroteio na Quinta do Mocho



Homem de 29 anos encontrado a esvaír-se em sangue junto à Quinta do Mocho



Jovem de 20 anos esfaqueado nas costas na Quinta do Mocho



Disparos de caçadeira ferem três adultos e uma criança na Quinta do Mocho

Figura 89| Títulos de Notícias sobre o bairro social Quinta do Mocho em Loures. Lisboa, Portugal.

Noticias como as apresentadas (Fig.89) criam barreiras na relação e inclusão dos seus residentes, transformando o bairro numa área excluída e a evitar pelo resto da população, que o perceciona como um “[...] «palco» de crimes, violência, medo e insegurança.”⁶⁶.

⁶⁵ Tomás, H. (2015). *A Gestão Pública como instrumento de combate à estigmatização e sentimento de (in)segurança nos Bairros Sociais, Estudo de Caso: Bairro de Habitação Social “Quinta do Mocho”*. Dissertação de Mestrado. Instituto Superior de Gestão, Lisboa, Portugal. p.69

⁶⁶ Ibidem.

3. “O Bairro i o Mundo”

“Só o nome do bairro suscitava apreensão em muitos, desconfiança em alguns. Como uma nuvem negra, há um estigma associado ao bairro de Sacavém: crimes, drogas, violência. Os taxistas recusavam-se a entrar no bairro, os moradores escondiam a sua residência quando procuravam emprego. Esteve abandonado à mercê das más notícias e a intervenção da Câmara era quase nula. Hoje, a Quinta do Mocho tem uma alma nova. A criação do festival de arte urbana O Bairro i o Mundo – feito com dezenas de pinturas nos prédios de habitação – foi um ponto de reviravolta na história da Quinta do Mocho.”⁶⁷.

Como referido anteriormente, o bairro Quinta do Mocho (Urbanização Municipal Terraços da Ponte) estava constantemente associado a casos de violência e criminalidade, sendo considerado como um bairro problemático e um local a evitar. Um bairro onde os residentes se sentiam marginalizados, estigmatizados e excluídos. Situação que era agravada pela má imagem do conjunto habitacional, sem qualquer tipo de tratamento ou manutenção e pela inexistência de espaços públicos qualificados e estimulantes.

Um bairro fechado sobre si próprio, esquecido e percecionado como um espaço problemático e cenário de pobreza, conflitos e criminalidade. Com o passar do tempo, esta situação, aparentava ser imutável, apresentando barreiras intransponíveis, até que, em 2014, surgiu um projeto ambicioso e revolucionário que viria a mudar a imagem do bairro e a vida dos seus habitantes.

⁶⁷ Silva, C. (2015). *Como um bairro problemático se transformou numa galeria de arte pública*. Público. Consultado em novembro 17, 2018, em <https://www.publico.pt/2015/12/06/local/noticia/quinta-do-mocho-como-um-bairro-problematico-se-transformou-numa-galeria-de-arte-publica-1716490>

3.1. O Festival

Foi no ano 2014, nos dias 2,3 e 4 de outubro, que se realizou, a partir de uma cooperação entre a Câmara Municipal de Loures e a associação criativa Teatro Ibisco (Teatro Inter Bairros para a Inclusão Social e Cultura do Otimismo), a 2ª edição do festival “O Bairro i o Mundo” no bairro Quinta do Mocho (Fig.92). Festival que, inspirado na sua 1ª edição que se realizou em junho de 2013 no bairro Quinta da Fonte (Fig.91), surgiu como uma medida municipal de “[...] inclusão social através da arte.”⁶⁸.



Figura 90| Logótipo do festival "O Bairro i o Mundo".



Figura 91| Bairro Quinta da Fonte na Apelação (Loures). Lisboa, Portugal. - Local onde se realizou a 1ª edição (2013) do festival "O Bairro i o Mundo".



Figura 92| Bairro Quinta do Mocho em Sacavém (Loures). Lisboa, Portugal. - Local onde se realizou a 2ª edição (2014) do festival "O Bairro i o Mundo".

⁶⁸ Canceiro, F. (2015). *Bairro de Loures transforma-se em galeria de arte ao ar livre*. Consultado em novembro 5, 2018, em <https://www.sapo.pt/noticias/bairro-de-loures-transforma-se-em-galeria-de-54ce0c36e8e7ac4c2fdf2ae5>

Desenvolvido para funcionar como uma OPA (Ocupação Pública Artística) “O Bairro i o Mundo“, procurava, não só através da qualificação artística do edificado (Fig.93) (pintura de murais entre outras intervenções artísticas), mas também através da reabilitação do espaço público e dos equipamentos coletivos, alcançar objetivos como:

- Desenvolver um sentimento de pertença na comunidade;
- Estimular uma alteração comportamental nos moradores, principalmente no modo como estes se apropriam da habitação, do património coletivo e dos espaços públicos;
- Alterar, realçando os aspetos positivos do bairro, a imagem de um território manchado pelo estigma, criminalidade e violência, procurando combater a exclusão social e eliminar preconceitos e estereótipos;
- Desenvolver atividades artísticas e interculturais.



Figura 93| Obras de Arte Urbana (Murais) realizadas no bairro social Quinta do Mocho (Loures) no âmbito do festival "O Bairro i o Mundo". Lisboa, Portugal. – Obras de vários artistas: Bordalo II, Manoel Jack, Vespa, Mar e Odeith.

O festival “O Bairro i o Mundo” foi um sucesso internacional, marcando presença, como um dos cinco finalistas, no concurso promovido pelo Concelho da Europa, *Diversity Advantage Challenge*, que “pretende eleger o projeto europeu que apresente os melhores resultados a nível de desenvolvimento e eficiência numa empresa, organização ou comunidade, utilizando como base de trabalho os benefícios resultantes da diversidade e da interculturalidade existentes.”⁶⁹. O festival ocupou o segundo lugar do concurso, contudo, apesar de não ter vencido, o reconhecimento e distinção internacional, encheram de orgulho e autoestima tanto os moradores do bairro Quinta do Mocho como a própria Câmara Municipal de Loures.

⁶⁹ Câmara Municipal de Loures (2015). *Diversity Advantage Challenge, O Bairro i o Mundo é finalista*. Consultado em novembro 22, 2018, em <http://www.cm-loures.pt/Conteudo.aspx?DisplayId=666>

3.2. Galeria de Arte Pública

Financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian (PARTIS), pelo Barclays Bank e pelo Concelho Europa (*Projeto C4I- Communication for Integration*) e com o lema de “mostrar o bairro ao mundo e trazer o mundo ao bairro”⁷⁰, o festival “O Bairro i o Mundo” envolveu uma programação cultural e artística diversificada e eclética que contava com a participação de artistas internacionais e locais. Programas que englobaram workshops, teatro, música, cinema, atividades para crianças e obras de arte urbana, tendo sido esta última manifestação artística a mais notória e com maior destaque e sucesso do festival.

O êxito alcançado pela componente da arte urbana do festival suscitou a vontade de prolongar a intervenção de modo a reforçar os laços com a comunidade, resultando na criação da Galeria de Arte Pública (GAP) por parte das entidades responsáveis. Após a realização do festival, o número de artistas que queriam participar aumentou drasticamente, existindo uma alargada lista de espera com mais de trinta artistas que queriam encher de tinta as fachadas do bairro. O que começou com apenas seis obras de arte urbana apresenta agora, quatro anos após o seu início, um total de 86 murais de artistas de renome como Vhils, Bordalo II, Utopia, Odeith etc. que fazem parte da GAP, entre outras intervenções artísticas de menores dimensões, totalizando mais de uma centena de obras existentes.

“Na altura, foram seis pinturas que inauguraram a iniciativa e o sucesso foi imediato. A partir desse ano, começaram a notar-se diferenças na maneira como as pessoas viam o bairro”⁷¹.

⁷⁰ Silva, C. (2015). *Como um bairro problemático se transformou numa galeria de arte pública*. Público. Consultado em novembro 17, 2018, em <https://www.publico.pt/2015/12/06/local/noticia/quinta-do-mocho-como-um-bairro-problematico-se-transformou-numa-galeria-de-arte-publica-1716490>

⁷¹ Ibidem.

A GAP, considerada como um dos resultados mais visíveis e transformadores do festival, surgiu como forma de “tornar mais permanente a lógica de transformação do território através da arte subjacente ao festival.”⁷². É uma galeria de arte a céu aberto, onde as obras são expostas nas paredes do edificado e que englobam uma variedade de estilos e temáticas, desde questões sociais, como a discriminação e racismo, representações de mochos (como elemento identitário do bairro) até moradores e figuras reconhecidas por eles (Fig.95). São obras “que têm enchido de orgulho os moradores do Mocho e despertado a curiosidade de muitos visitantes, que outrora evitavam passar dentro do bairro.”⁷³.

“Estas obras de arte expõem a nossa história”⁷⁴.



Figura 94 | Kally, morador do bairro social Quinta do Mocho e guia das visitas a GAP.

⁷² Carmo, A. (2017). *Por uma outra cidade criativa, a Galeria de Arte Pública da Quinta do Mocho enquanto experiência de inovação social*. Medi@ções Vol.5, nº2, 35-53. Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal. Consultado em novembro 2, 2018, em <http://mediacoes.esse.ips.pt/index.php/mediacoesonline/article/view/158/pdf>. p. 47-48

⁷³ Canceiro, F. (2015). *Bairro de Loures transforma-se em galeria de arte ao ar livre*. Consultado em novembro 5, 2018, em <https://www.sapo.pt/noticias/bairro-de-loures-transforma-se-em-galeria-de-54ce0c36e8e7ac4c2fdf2ae5>

⁷⁴ Tradução livre do autor de “*This artwork shows our story*”. Kally (morador do bairro) na entrevista para o jornal The Independent. Bateman, J. (2018). *Quinta do Mocho: How this crime-plagued Lisbon Estate became the city's coolest open air gallery*. *The Independent*. Consultado em novembro 30, 2018, em <https://www.independent.co.uk/travel/europe/quinta-do-mocho-lisbon-estate-street-art-festival-gallery-portugal-immigration-crime-a8484161.html>



40 anos 40 murais



Nomen



Tamara Alves



Slap



Mar



Odeith



Zabou



Projeto Matilha



Smile



Vhils



Ram



Utopia



Pantónio



Glam



MTO



Huarli



Vinie Graffiti



Mateus Bailon



Bordallo II



Vespa



Manoel Jack



Coletivo Rua



Raf



Styler



Adres



Miguel Brum



Ozeary



Hugo Lucas



Óje



Edis I



Cena 7



Nark



Zezar



Charquipunk



Noé



Hazul



Moami



Tarsila Shubert



L7M



Astro



Eva Bracamontes



David Petroni



Pablo Machioli



Aleix



Acer



Thiago Mazza



Obed Osório



Pokras Lampas



Projeto Vira Lata Rafael Bertolacini



Werens Puig



Skio



Stew



Theo Lopez



Untay



SKRAN



HOPARE



Astro



Coletivo Licuado



Fio Silva



Alegria del Prado



Vitô Julião



Edis One



Dish2795



MAYE

Figura 95 | Localização e autores das obras até à data realizadas no bairro social Quinta do Mocho em Loures, Lisboa, Portugal.

Atualmente a GAP é considerada como a maior galeria de arte urbana a nível nacional e uma das maiores a nível europeu, estando presente nas principais rotas turísticas mundiais de arte urbana. É indiscutível o destaque e a importância que a GAP colocou sobre o bairro Quinta do Mocho, permitindo mostrá-lo ao mundo. Foram, a nível mundial, centenas as referências e artigos realizados nos média, durante e após o festival, que contribuíram de uma forma ativa para a transformação do bairro. Pela primeira vez, este bairro, foi alvo de uma projeção positiva por parte dos meios de comunicação social. Títulos como “O bairro onde ninguém queria entrar já «recebe mais visitas que os museus»”⁷⁵, “Como um bairro problemático se transformou numa galeria de arte pública”⁷⁶, “Havia um medo que se quebrou”⁷⁷, “Quinta do Mocho: Como esta área atormentada pelo crime se tornou na mais incrível galeria de arte a céu aberto da cidade de Lisboa.”⁷⁸ e “Foi-se o preconceito, venham os turistas”⁷⁹ são exemplos de referências positivas sobre o festival, a GAP e o próprio bairro expostas através dos média.

Foi com a GAP que o concelho de Loures concorreu e se apurou para a final do prémio “Município do ano, Portugal 2016”, organizado pela Universidade do Minho através da plataforma UM-cidades. Dos 93 candidatos, Loures foi nomeado como um dos 4 finalistas da Área Metropolitana de Lisboa de um concurso que “visa reconhecer as boas práticas de projetos implementados pelos municípios com impacto no território, na economia e na sociedade, promovendo o crescimento, a inclusão e a sustentabilidade.”⁸⁰. Apesar de não ter sido o premiado, a sua nomeação como um dos finalistas, revelou o valor e as potencialidades deste projeto.

⁷⁵ Borges, L. (2016). *O bairro onde ninguém queria entrar já «recebe mais visitas que os museus»*. Público. Consultado em novembro 27, 2018, em <https://www.publico.pt/2016/05/12/local/noticia/o-bairro-onde-ninguem-queria-entrar-ja-recebe-mais-visitas-do-que-os-museus-1731827>

⁷⁶ Silva, C. (2015). *Como um bairro problemático se transformou numa galeria de arte pública*. Público. Consultado em novembro 17, 2018, em <https://www.publico.pt/2015/12/06/local/noticia/quinta-do-mocho-como-um-bairro-problematico-se-transformou-numa-galeria-de-arte-publica-1716490>

⁷⁷ AbrilAbril (2017). *“Havia um medo que se quebrou”*. Consultado em novembro 27, 2018, em <https://www.abrilabril.pt/local/havia-um-medo-que-se-quebrou>

⁷⁸ Tradução livre do autor de “*How this crime-plagued Lisbon Estate became the city’s coolest open air gallery.*”. Bateman, J. (2018). *Quinta do Mocho: How this crime-plagued Lisbon Estate became the city’s coolest open air gallery. The Independent*. Consultado em novembro 30, 2018, em <https://www.independent.co.uk/travel/europe/quinta-do-mocho-lisbon-estate-street-art-festival-gallery-portugal-immigration-crime-a8484161.html>

⁷⁹ Pincha, J. (2018). *Foi-se o preconceito, venham os turistas*. Público. Consultado em novembro 30, 2018, em <https://www.publico.pt/2018/06/28/local/reportagem/foise-o-preconceito-venham-os-turistas-1836235>

⁸⁰ UMdicas (2018). *Prémios Município do Ano entregues a 16 de novembro em Guimarães*. Consultado em janeiro 25, 2018, em <https://www.dicas.sas.uminho.pt/noticias/academia/2018/10/premios-municipio-do-ano-entregues-a-16-de-novembro-em-guimaraes>

3.3. Projeto para a população e com a população

“Utilizado como fator de aproximação entre a população e o município, o festival foi o catalisador que permitiu ultrapassar afastamento do município relativamente à comunidade, através do envolvimento da população na sua preparação e concretização.”⁸¹.

No festival “O Bairro i o Mundo” assistiu-se a uma forte interação, participação e colaboração dos residentes, fator que se apresentou posteriormente como “essencial para o [seu] sucesso”⁸². Previamente à realização deste, segundo Rui Monteiro no artigo “Da exclusão à integração” publicado na Revista do Poder Local, “realizaram-se reuniões comunitárias, dentro do bairro, em espaço público, destinadas a auscultar a população sobre os objetivos e resultados esperados.”⁸³. Foi na presença de cerca de 150 moradores que “decidiram-se propostas, discutiram-se ideias, idealizou-se o programa do festival e distribuíram-se tarefas.”⁸⁴.

Foram assembleias que, como recorda Maria Eugénia Coelho, vereadora da Ação social e habitação da Câmara de Loures, “ainda com pouca confiança, mas com uma atitude por parte das pessoas que participaram nessas assembleias muito correcta, dizendo e assinalando os problemas que havia no bairro, as responsabilidades de cada um, não se pondo de fora de algumas dessas responsabilidades e, sobretudo, na vontade imensa de que era preciso transformar e que precisavam da ajuda da Câmara, mas também que estavam disponíveis para participar.”⁸⁵.

⁸¹ Monteiro, R (2015). *Da exclusão à integração*. Revista Poder Local. Consultado em novembro 16, 2018, em <http://revistapoderlocal.pt/index.php/artigos/42-reabilitacao-urbana/147-da-exclusao-a-integracao-a-intervencao-municipal-na-quinta-do-mocho-em-loures>

⁸² Tomás, H. (2015). *A Gestão Pública como instrumento de combate à estigmatização e sentimento de (in)segurança nos Bairros Sociais, Estudo de Caso: Bairro de Habitação Social “Quinta do Mocho”*. Dissertação de Mestrado. Instituto Superior de Gestão, Lisboa, Portugal. p.71

⁸³ Monteiro, R (2015), op.cit.

⁸⁴ Monteiro, R (2015), op.cit.

⁸⁵ Maria Eugénia Coelho (vereadora da Ação social e habitação da Câmara de Loures) na entrevista para a AbrilAbril. AbrilAbril (2017). “*Havia um medo que se quebrou*”. Consultado em novembro 27, 2018, em <https://www.abrilabril.pt/local/havia-um-medo-que-se-quebrou>

A participação que se assistiu antes do arranque da iniciativa prolongou-se, de uma forma inesperada, durante e após a sua realização. Os moradores, munidos de uma forte vontade de participar e ajudar na melhoria do seu habitat, juntavam-se aos artistas que pintavam suas casas. Ambicionando fazer parte do processo e contribuir para a sua concretização, os moradores davam suas opiniões e ajudavam os artistas de modo a criar obras que relatassem uma realidade. Como recorda, Hugo Cardoso da casa da Cultura de Sacavém, “As pessoas viam as pinturas e davam ideias. O Utopia costumava estar na grua com os miúdos, a pintar”⁸⁶ (Fig. 96).



Figura 96 | Jovens e crianças do bairro a interagir e a pintar com os artistas urbanos que realizavam as obras no bairro social Quinta do Mocho em Loures. Lisboa, Portugal.

Os residentes não querendo ficar indiferentes à mudança positiva que o bairro estava a viver, começaram a pintar as suas habitações, nomeadamente as entradas comuns, de modo a ficar em conformidade com os murais (Fig.97).

⁸⁶ Hugo Cardoso (Casa da Cultura de Sacavém) na entrevista para a revista Sábado. Riso, L (2015). *A Quinta do Mocho é uma galeria de arte*. Sábado. Consultado em novembro 27, 2018, em <https://www.sabado.pt/vida/detalhe/a-quinta-do-mocho-e-uma-galeria-de-arte>



Figura 97| Moradores do bairro social Quinta do Mocho a colorir as entradas das suas casas. Lisboa, Portugal.

4. Resultados

Após a realização do festival “O Bairro i o Mundo” e da criação da GAP, o bairro Quinta do Mocho nunca mais foi o mesmo. Foram iniciativas responsáveis por uma melhoria da imagem do bairro (Fig.98) que resultaram também em mudanças positivas a nível comportamental e sentimental dos residentes e de todo o concelho, despoletando inúmeras mudanças e benefícios como:

- Uma maior interação com indivíduos exteriores ao bairro, através da realização de visitas guiadas mensais pela GAP;
- Disponibilização de uma nova forma de deslocação dos residentes, através da criação da Carreira nº300 da Rodoviária de Lisboa;
- Início do Loures Arte Pública (LAP), que colocou a GAP e o bairro como o marco principal de roteiros turísticos de arte urbana pelo concelho;
- Melhoria a nível social interna e externa em relação ao conjunto habitacional.



Figura 98| Antes e Depois da realização das obras de Arte Urbana (Murais) no bairro social Quinta do Mocho em Loures. Lisboa, Portugal.

4.1. Visitas guiadas pelo Mocho

Foi a partir do dia 28 de fevereiro de 2015 que, de forma gratuita e para todos os interessados, se iniciaram visitas guiadas pelo interior do bairro Quinta do Mocho. Visitas que se realizam no último sábado de cada mês e que são orientadas por moradores e artistas do bairro. Kally, Kedy, Deydey e Giovani são os quatro guias voluntários que coordenam as visitas à GAP.

A visita tem início na casa da cultura de Sacavém, onde se realiza, pela voz de um representante da autarquia, uma pequena introdução. Somos, enquanto visitantes, apresentados à antiga história do bairro e convidados a viajar no tempo, até antes da arte fazer parte do quotidiano deste e dos seus moradores (Fig.99).



Figura 99| Discurso introdutório da visita guiada à GAP, pela voz de Maria Eugénia Coelho na casa da Cultura de Sacavém. Lisboa, Portugal.



Figura 100| Saída da Casa da Cultura de Sacavém em direção ao bairro Quinta do Mocho, para dar início à visita guiada à GAP. Lisboa, Portugal.

São visitas, de duração média de duas horas, onde percorremos as ruas e os espaços públicos do bairro enquanto que nos deixamos contagiar pela tinta colocada nas paredes e pelas histórias por de trás de cada obra. Cada obra conta uma história e possui um significado que nos é explicado, com orgulho, pelos guias. Guias que falam “com paixão de cada uma das obras”⁸⁷. São mais do que peças de arte numa fachada, são representações e marcas de uma mudança. O que outrora era omitido, hoje é mostrado com orgulho e apego.

No fim de cada visita somos, enquanto participantes, convidados a frequentar um dos três restaurantes do bairro, onde podemos provar pratos típicos africanos como muamba e cachupa, confeccionados por cozinheiros locais. Este convite surge como forma de inovar e enriquecer a experiência de visitar o bairro.

Na primeira visita (Fig.101), o bairro recebeu cerca de 130 pessoas, número que apresenta um crescimento consistente com o passar do tempo. Segundo Kally, um dos quatro guias e morador do bairro, garante que nas suas visitas estão presentes em média cerca de 100 pessoas, contudo este número já atingiu os 150. Acrescem a estes participantes das visitas guiadas muitos outros visitantes, que diariamente e de forma espontânea, vão conhecer as obras da GAP.

Estas visitas possibilitam e promovem o contacto, não só com as obras de arte, mas também com os habitantes do bairro “[...] desde as crianças que brincam na rua, à senhora que assa e vende chouriças, ao jovem escritor Osvaldo de Sousa [...]”⁸⁸.

⁸⁷ Borges, L. (2016). *O bairro onde ninguém queria entrar já «recebe mais visitas que os museus»*. Público. Consultado em novembro 27, 2018, em <https://www.publico.pt/2016/05/12/local/noticia/o-bairro-onde-ninguem-queria-entrar-ja-recebe-mais-visitas-do-que-os-museus-1731827>

⁸⁸ Silva, C. (2015). *Como um bairro problemático se transformou numa galeria de arte pública*. Público. Consultado em novembro 17, 2018, em <https://www.publico.pt/2015/12/06/local/noticia/quinta-do-mocho-como-um-bairro-problematico-se-transformou-numa-galeria-de-arte-publica-1716490>



Figura 101 | Primeira visita guiada à GAP, no bairro social Quinta do Mocho em Loures. Lisboa, Portugal.

Transformado num ponto turístico e de referência no âmbito da arte urbana, o bairro Quinta do Mocho, sofreu um maior afluxo de pessoas que tem vindo a estimular e a dinamizar a atividade económica existente, bem como a abertura de novos espaços comerciais, como cafés, restaurantes e minimercados. Segundo afirma Maria Eugénia Coelho, algumas lojas locais “que estavam fechadas abriram, alguns restaurantes ganharam nova dinâmica”⁸⁹. A arte urbana transformou o bairro num “ponto de interesse turístico, que trouxe dinamismo ao comércio local e novas oportunidades para pequenos negócios”⁹⁰.

⁸⁹ Maria Eugénia Coelho (vereadora da Ação social e habitação da Câmara de Loures) na entrevista para o jornal Público. Pincha, J. (2018). *Foi-se o preconceito, venham os turistas*. Público. Consultado em novembro 30, 2018, em <https://www.publico.pt/2018/06/28/local/reportagem/foi-se-o-preconceito-venham-os-turistas-1836235>

⁹⁰ Jornal de Negócios (2017). *Arte urbana: uma arma poderosa para dar cor e nova vida às cidades*. Consultado em novembro 12, 2018, em <https://www.jornaldenegocios.pt/negocios-em-rede/reabilitacao-urbana-2017/detalhe/arte-urbana-uma-arma-poderosa-para-dar-cor-e-nova-vida-as-cidades>

São Visitas que, segundo Bernardino Soares, presidente da Câmara de Loures, recebem “mais visitantes do que a maioria dos museus”⁹¹ e que ajudaram a desmitificar as ideias preestabelecidas sobre o bairro. Foi, segundo o autarca, na arte urbana que o bairro social Quinta do Mocho encontrou “uma alavanca muito forte para a melhoria de uma série de condições em que vivia”⁹².



Figura 102 | Segunda visita guiada à GAP, no bairro social Quinta do Mocho em Loures. Lisboa, Portugal.

⁹¹ Bernardino Soares (Presidente da Câmara de Loures) na entrevista para o jornal Público. Borges, L. (2016). *O bairro onde ninguém queria entrar já «recebe mais visitas que os museus»*. Público. Consultado em novembro 27, 2018, em <https://www.publico.pt/2016/05/12/local/noticia/o-bairro-onde-ninguem-queria-entrar-ja-recebe-mais-visitas-do-que-os-museus-1731827>

⁹² Ibidem.

4.2. Transporte para os moradores

O bairro social Quinta do Mocho, segundo os moradores, era um território evitado não só pela população, mas também pelas empresas de transportes que ali não ousavam entrar. Estigmatizados e marcados pelo medo, por parte de quem trabalhava nesses serviços, os habitantes do bairro social eram obrigados, para se deslocarem aos trabalhos, a percorrer longas distâncias (mais de 1km) até ao bairro vizinho, onde circulavam táxis e se encontrava a paragem mais próxima.

“Há três anos não havia nem um táxi a entrar aqui”⁹³.

Foi a partir do dia 1 de julho de 2015, após a criação da GAP e de uma forte e duradoura reivindicação por parte dos moradores, que atualmente “apanhar o autocarro para a Quinta do Mocho é uma realidade”⁹⁴.



Figura 103 | Nova paragem no bairro social Quinta do Mocho em Loures. Lisboa, Portugal.



Figura 104 | Viagem inaugural da Carreira 300 da Rodoviária de Lisboa, com início no bairro social Quinta do Mocho em Loures. Lisboa,

⁹³ Deydey (morador do bairro) na entrevista para o jornal Público. Silva, C. (2015). *Como um bairro problemático se transformou numa galeria de arte pública*. Público. Consultado em novembro 17, 2018, em <https://www.publico.pt/2015/12/06/local/noticia/quinta-do-mocho-como-um-bairro-problematico-se-transformou-numa-galeria-de-arte-publica-1716490>

⁹⁴ AbrilAbril (2017). “*Havia um medo que se quebrou*”. Consultado em novembro 27, 2018, em <https://www.abrilabril.pt/local/havia-um-medo-que-se-quebrou>

Através de um acordo, estabelecido entre a Câmara Municipal de Loures e a Rodoviária de Lisboa (RL), o bairro social Quinta do Mocho passou a beneficiar da existência de um serviço de transportes coletivos com a disponibilização da Carreira n° 300 com passagem e paragem.



Figura 105| Novas Paragens e novo percurso da Carreira 300 no bairro social Quinta do Mocho em Loures. Lisboa, Portugal.

Carreira que serve de ligação entre o centro de Lisboa (Campo Grande) e Sacavém (Jardim) e que possui duas novas estações de paragem no bairro, uma perto do Centro de Saúde (Av. das Comunidades) e outra depois da rotunda da Casa da Cultura de Sacavém (Av. Amílcar Cabral) (Fig.105 e 106).

A criação da GAP e o sucesso que a procedeu, desempenharam um papel importante na melhoria da qualidade de vida e bem-estar dos residentes, fomentando, por parte dos serviços de transporte e dos seus trabalhadores, uma nova atitude relativamente ao bairro. A arte urbana foi o primeiro passo que estimulou as entidades responsáveis a responder às necessidades da população e a procurar as soluções que melhor a servia.

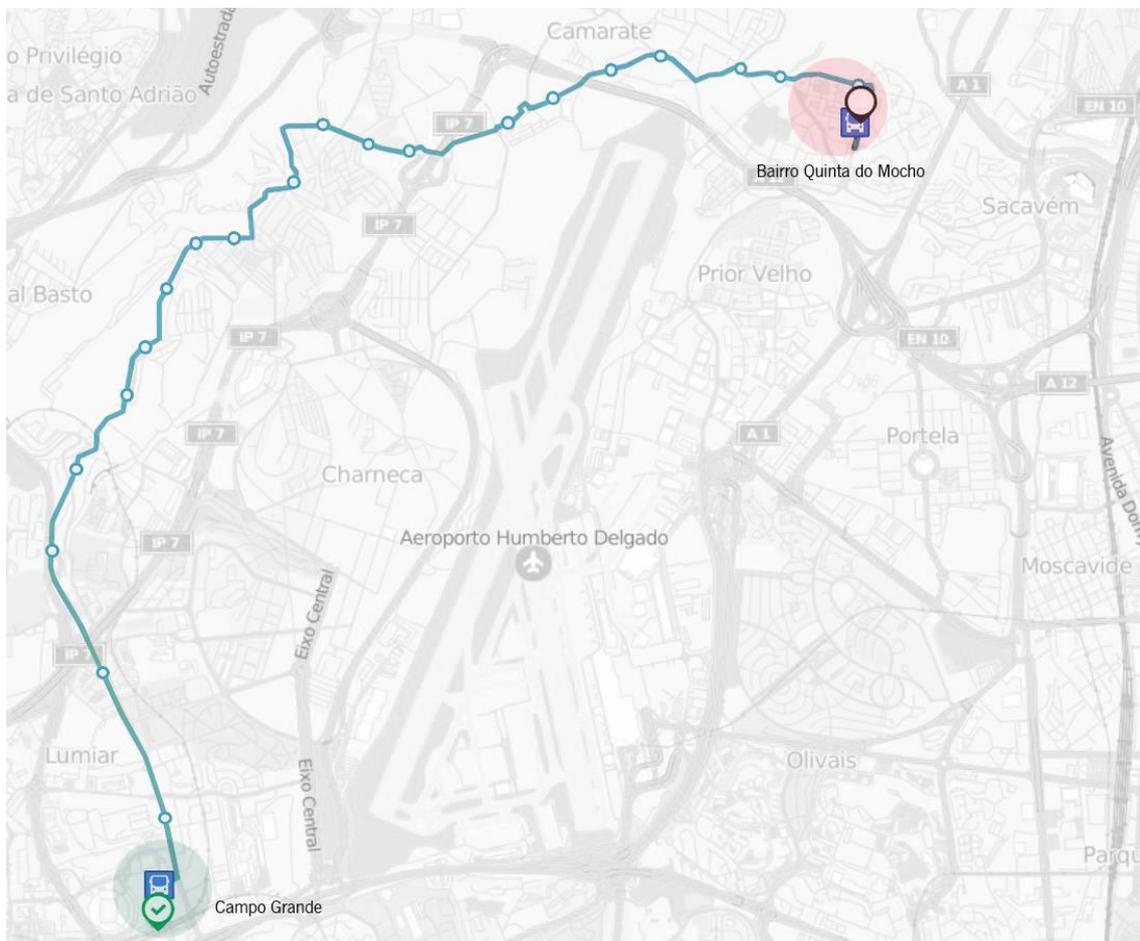


Figura 106 | Percurso da Carreira 300 (Rodoviária de Lisboa).

4.3. Arte no Concelho

“A arte urbana, na qual Loures se vem afirmando nos últimos anos como uma referência nacional e internacional, galgou as fronteiras do bairro da Quinta do Mocho e disseminou-se pelo concelho. Um pouco por todo o território, há agora empenas de prédios, muros de escolas, paredes de viadutos, depósitos de água, postos de transformação da EDP e autocarros que estão nas ruas, à vista de todos, mas bem podiam estar numa qualquer galeria ou museu.”⁹⁵.

Após o sucesso e a notoriedade alcançado pela GAP, a Câmara Municipal de Loures realizou, entre os dias 18 e 26 de junho de 2016, a 1ª edição do festival de arte urbana, o Loures Arte Pública. Com este festival a autarquia procurou, através da arte urbana, melhorar e renovar os espaços públicos enquanto que intensificava e difundia a presença deste tipo de manifestações artísticas pelo município, chegando a mais pessoas e reforçando a sua posição enquanto referência, nacional e internacional, no panorama da arte urbana.

De modo a expandir a arte urbana para fora dos limites do bairro social Quinta do Mocho, esta iniciativa contou com mais de uma centena de artistas provenientes de todo o mundo que, com os mais variados estilos e técnicas, transformaram a imagem de vários espaços públicos do concelho. O Loures Arte Pública, que teve como inspiração a criação da GAP, foi um festival que fortaleceu a posição do concelho como referência mundial de arte urbana, adotando esta cultura visual como a sua imagem de marca. “A arte urbana é já hoje uma das imagens de marca do concelho de Loures, tendo o seu ponto alto na Galeria de Arte Pública (GAP) da Quinta do Mocho, em Sacavém.”⁹⁶.

Partilhando os mesmos objetivos que o festival Loures Arte Pública realizado em 2016, a Câmara Municipal de Loures realizou entre os dias 17 e 25 de junho de 2017 a sua 2ª edição na qual contou com a participação de mais de 80 artistas de 12 países. Nessa data Loures voltou a ser a capital da arte urbana, dentro da qual nasceram dezenas de obras que ainda hoje se encontram nas ruas.

⁹⁵ Boaventura, I. (2016). *A arte urbana saltou da Quinta do Mocho e propagou-se a todo o concelho de Loures*. Público. Consultado em dezembro 2, 2018, em <https://www.publico.pt/2016/06/27/local/noticia/o-concentrado-de-arte-urbana-da-quinta-do-mocho-propagouse-a-todo-o-concelho-de-loures-1736236>

⁹⁶ Câmara Municipal de Loures (n.d.). *Loures Arte Pública*. Consultado em dezembro 2, 2018, em <https://www.cm-loures.pt/Media/Microsite/Artepublicaloures/index.html>



Figura 107 | Cartazes das 3 edições do festival "Loures Arte Pública" realizado dentro do concelho de Loures. Lisboa, Portugal.

Não ficando indiferente ao sucesso alcançado nessas duas edições a autarquia lançou uma nova edição (3ª edição) do festival, que se realizou entre os dias 23 de junho e 1 de julho de 2018 e que contou com o trabalho de mais de 100 artistas de 21 países, selecionados entre os cerca de 400 interessados a participar.

Os artistas, que participaram nesta 3ª edição do festival, adicionaram as suas obras às cerca de 330 existentes em Loures. Município que conta atualmente com um total de 450 peças de arte urbana espalhadas pelas suas ruas e espaços públicos (Fig.108).

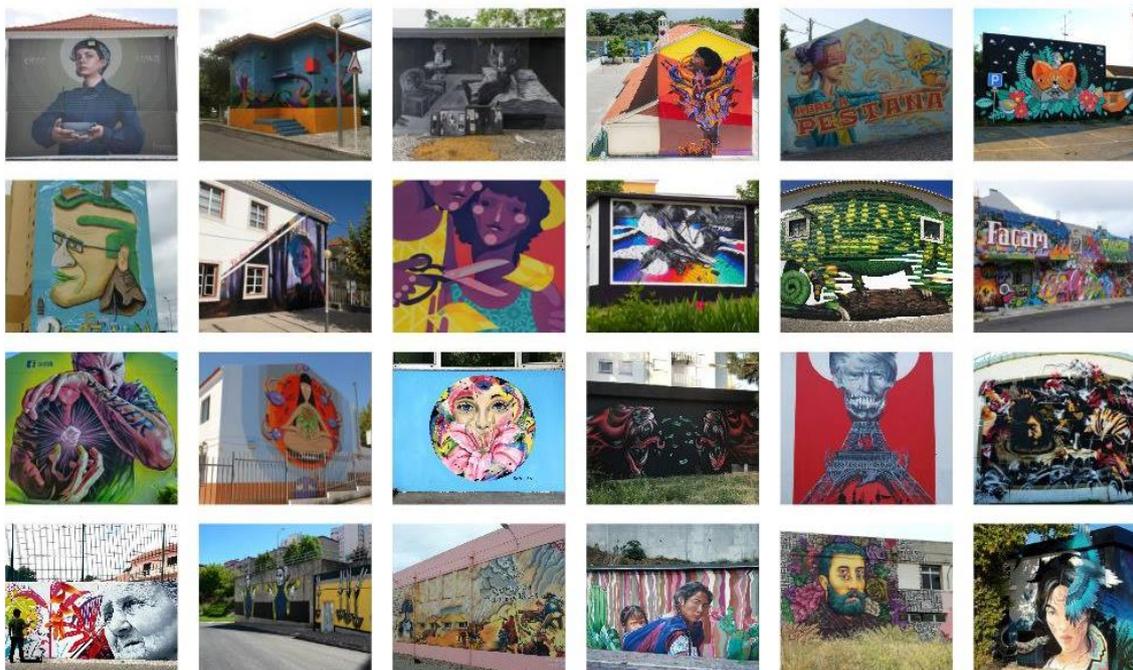


Figura 108 | Exemplos de algumas das obras de arte urbana distribuídas pelo concelho de Loures. Lisboa, Portugal.

4.4. Desenvolvimento social

“Permitiu retirar parte do estigma que o bairro tinha e contribuir para uma maior auto-estima dos habitantes, assim como para um muito maior respeito do resto da população em relação à Quinta do Mocho”⁹⁷.

Através da arte urbana, mais precisamente através do festival “O Bairro i o Mundo” e a criação da GAP, assistiu-se no bairro Quinta do Mocho a uma transformação social e a uma mudança na atitude por parte dos seus moradores e da população externa. Maria Eugénia Coelho, vereadora da Ação social e habitação da Câmara de Loures, afirma que os resultados superaram as expectativas e que para além da transformação física, a arte urbana, possibilitou uma mudança dos sentimentos, que os residentes tinham, em relação ao local que habitam.

Foi realizada uma transformação física através da arte urbana, que, como explica a vereadora, “contribui para que o bairro criasse uma nova imagem de si próprio e para os outros”⁹⁸. Assistiu-se então a uma “mudança comportamental de quem lá vive”⁹⁹.

⁹⁷ Maria Eugénia Coelho (vereadora da Ação social e habitação da Câmara de Loures) na entrevista para o jornal Público. Borges, L. (2016). *O bairro onde ninguém queria entrar já «recebe mais visitas que os museus»*. Público. Consultado em novembro 27, 2018, em <https://www.publico.pt/2016/05/12/local/noticia/o-bairro-onde-ninguem-queria-entrar-ja-recebe-mais-visitas-do-que-os-museus-1731827>

⁹⁸ Maria Eugénia Coelho (vereadora da Ação social e habitação da Câmara de Loures) na entrevista para o Jornal de Negócios. Jornal de Negócios (2017). *Arte urbana: uma arma poderosa para dar cor e nova vida às cidades*. Consultado em novembro 12, 2018, em <https://www.jornaldenegocios.pt/negocios-em-rede/reabilitacao-urbana-2017/detalhe/arte-urbana-uma-arma-poderosa-para-dar-core-nova-vida-as-cidades>

⁹⁹ AbrilAbril (2017). *“Havia um medo que se quebrou”*. Consultado em novembro 27, 2018, em <https://www.abrilabril.pt/local/havia-um-medo-que-se-quebrou>

4.4.1. Externo

“E antes, com a má fama que tínhamos, ninguém queria cá vir”¹⁰⁰.

Outrotra um bairro marcado pelo estigma e marginalização, considerado um espaço a evitar pela população, é agora um “bairro que tem uma alma nova”¹⁰¹ que “recebe visitas de pessoas de dentro e fora do concelho e com muita hospitalidade”¹⁰².

“Quebrámos a redoma que nos envolvia e o bairro deixou de ser cinzento”¹⁰³.

Kedy Santos (Fig.109), morador do bairro e guia das visitas à GAP, afirma que o bairro já não é mais o mesmo e que este sofreu uma “mudança para melhor”¹⁰⁴, principalmente no modo como olham para ele, assegurando que hoje em dia o bairro, “está mais acolhedor, mais afável.”¹⁰⁵.

Segundo Kedy, no bairro, “havia um medo que se quebrou”¹⁰⁶, um medo que estava enraizado no seu interior e exterior e que era alimentado por notícias e estereótipos negativos que o transformavam num local a evadir.

“Antigamente era impensável que as pessoas que não fossem do bairro aqui entrassem”¹⁰⁷.

Em tempos ninguém queria entrar no bairro, considerado como um dos mais problemáticos do país, associado ao crime e à violência mas atualmente, após a realização do festival e da criação da GAP, já não é mais só um “bairro problemático” mas sim uma galeria a céu aberto onde moram

¹⁰⁰ Kally (morador do bairro) na entrevista para a revista Visão. Maia, V. (2016). Arte urbana: Muros que aproximam. Visão. Consultado em novembro 27, 2018, em <http://visao.sapo.pt/iniciativas/por-um-bairro-melhor/2016-07-08-Arte-urbana-Muros-que-aproximam>

¹⁰¹ Maria Eugénia Coelho (vereadora da Ação social e habitação da Câmara de Loures) na entrevista para o jornal Público. Silva, C. (2015). *Como um bairro problemático se transformou numa galeria de arte pública*. Público. Consultado em novembro 17, 2018, em <https://www.publico.pt/2015/12/06/local/noticia/quinta-do-mocho-como-um-bairro-problematico-se-transformou-numa-galeria-de-arte-publica-1716490>

¹⁰² Ibidem.

¹⁰³ Kally (morador do bairro) na entrevista para a revista Visão. Maia, V. (2016). Arte urbana: Muros que aproximam. Visão. Consultado em novembro 27, 2018, em <http://visao.sapo.pt/iniciativas/por-um-bairro-melhor/2016-07-08-Arte-urbana-Muros-que-aproximam>

¹⁰⁴ Kedy Santos (morador do bairro) na entrevista para a Lusa. Canceiro, F. (2015). *Bairro de Loures transforma-se em galeria de arte ao ar livre*. Consultado em novembro 5, 2018, em <https://www.sapo.pt/noticias/bairro-de-loures-transforma-se-em-galeria-de-54ce0c36e8e7ac4c2fdf2ae5>

¹⁰⁵ Ibidem.

¹⁰⁶ Kedy Santos (morador do bairro) na entrevista para a AbrilAbril. AbrilAbril (2017). *“Havia um medo que se quebrou”*. Consultado em novembro 27, 2018, em <https://www.abrilabril.pt/local/havia-um-medo-que-se-quebrou>

¹⁰⁷ Kedy Santos (morador do bairro) na entrevista para o jornal Público. Borges, L. (2016). *O bairro onde ninguém queria entrar já «recebe mais visitas que os museus»*. Público. Consultado em novembro 27, 2018, em <https://www.publico.pt/2016/05/12/local/noticia/o-bairro-onde-ninguem-queria-entrar-ja-recebe-mais-visitas-do-que-os-museus-1731827>

peessoas como todas as outras, com trabalhos, famílias e com a necessidade de se sentirem integradas no espaço que habitam.

“Quando termina cada visita, o que eu mais oiço é que são pessoas que vivem aqui perto, mas tinham medo, e quando integram a visita ficam estupefactas pela normalidade e tranquilidade que encontram actualmente no bairro”¹⁰⁸ conta Kedy, sublinhando, que esta mudança de perspetiva e atitude por parte das pessoas de fora do bairro “são as coisas que mais nos [moradores] fazem ver a importância do trabalho realizado aqui [bairro Quinta do Mocho]”¹⁰⁹.



Figura 109 | Kedy Santos, morador e guia das visitas à GAP no bairro social Quinta do Mocho em Loures. Lisboa, Portugal.

A maioria dos moradores do bairro Quinta do Mocho reconhecem, que o seu bairro sofreu uma mudança positiva pela introdução da arte e que através dela foi possível combater a “má fama” que manchava o bairro e quem lá morava. Atualmente este bairro apresenta uma imagem que outrora era inimaginável, um bairro visualmente agradável, com uma nova identidade e onde os espaços públicos se enchem não só de moradores, mas de visitantes de todo o mundo.

“Nunca pensei que isto fosse possível no meu bairro”¹¹⁰.

¹⁰⁸ Kedy Santos (morador do bairro) na entrevista para a AbrilAbril. AbrilAbril (2017). “Havia um medo que se quebrou”. Consultado em novembro 27, 2018, em <https://www.abrilabril.pt/local/havia-um-medo-que-se-quebrou>

¹⁰⁹ Ibidem.

¹¹⁰ Adriano Pedro (morador do bairro) na entrevista para a AbrilAbril. AbrilAbril (2017). “Havia um medo que se quebrou”. Consultado em novembro 27, 2018, em <https://www.abrilabril.pt/local/havia-um-medo-que-se-quebrou>

Sem qualquer perspetiva de futuro positiva, os moradores nunca pensaram ser possível uma melhoria da sua situação social, no entanto, após a realização do festival “O Bairro i o Mundo”, tudo mudou, cobrindo o bairro de esperança e positivismo.

A arte urbana dinamizou socialmente o bairro transformando-o num local de interesse público que estimula a sua exploração e interação, criando no visitante uma vontade de conhecer e comunicar com os seus habitantes (Fig.110). Observa se atualmente um movimento nunca antes vivenciado pelos moradores, como testemunha o proprietário da churrasqueira local, afirmando que “são muitos os carros que agora passam aqui [bairro Quinta do Mocho] e param para tirar fotografias. Antigamente nem sequer passavam aqui.”¹¹¹.



Figura 110 | Convívio entre visitantes e moradores do bairro social Quinta do Mocho em Loures. Lisboa, Portugal

“O bairro foi mais valorizado: passou-se a ideia de que as pessoas podem vir cá [bairro Quinta do Mocho]. Antes nem entravam, havia esse preconceito”¹¹². Preconceito que foi vencido pela arte que transformou um local rejeitado, excluído e considerado como prejudicial por todo o concelho, na sua imagem de marca. Deydey, morador e guia das visitas à GAP, afirma que a arte veio provar que o “Mocho não é aquele monstro que as pessoas dizem que é”¹¹³.

¹¹¹ Fernando Mendinho (proprietário da churrasqueira do bairro) na entrevista para a Lusa. Canceiro, F. (2015). *Bairro de Loures transforma-se em galeria de arte ao ar livre*. Consultado em novembro 5, 2018, em <https://www.sapo.pt/noticias/bairro-de-loures-transforma-se-em-galeria-de-54ce0c36e8e7ac4c2fdf2ae5>

¹¹² Rui Monteiro (funcionário do gabinete da vereadora Eugénia Coelho) na entrevista para a revista Sábado. Riso, L (2015). *A Quinta do Mocho é uma galeria de arte*. Sábado. Consultado em novembro 27, 2018, em <https://www.sabado.pt/vida/detalhe/a-quinta-do-mocho-e-uma-galeria-de-arte>

¹¹³ Deydey (morador do bairro) na entrevista para o jornal Público. Silva, C. (2015). *Como um bairro problemático se transformou numa galeria de arte pública*. Público. Consultado em novembro 17, 2018, em <https://www.publico.pt/2015/12/06/local/noticia/quinta-do-mocho-como-um-bairro-problematico-se-transformou-numa-galeria-de-arte-publica-1716490>

A GAP, como confirma Patrícia Lopes, participante das visitas guiadas realizadas no bairro, “cria um motivo para as pessoas cá [bairro Quinta do Mocho] virem”¹¹⁴, oferecendo uma experiência única e diversificada que recompensa os seus visitantes e que estimula nestes a vontade de voltar, como afirma a visitante, “Ainda bem que vim, vou voltar [ao bairro] mais vezes”¹¹⁵. Patrícia acrescenta que o bairro Quinta do Mocho “está a ganhar vida” e a conseguir fazer com “que as pessoas não estejam fechadas e a desmitificar a má ideia que existe dos bairros sociais”¹¹⁶.

¹¹⁴ Patrícia Lopes (participante da visita guiada à GAP) na entrevista para a revista Sábado. Riso, L (2015). *A Quinta do Mocho é uma galeria de arte*. Sábado. Consultado em novembro 27, 2018, em <https://www.sabado.pt/vida/detalhe/a-quinta-do-mocho-e-uma-galeria-de-arte>

¹¹⁵ Ibidem.

¹¹⁶ Catarina Aidos (Teatro Ibisco) na entrevista para a revista Sábado. Riso, L (2015). *A Quinta do Mocho é uma galeria de arte*. Sábado. Consultado em novembro 27, 2018, em <https://www.sabado.pt/vida/detalhe/a-quinta-do-mocho-e-uma-galeria-de-arte>

4.4.2. Interno

“O bairro agora é uma obra de arte e isso engrandece-nos”¹¹⁷.

A arte urbana e todas as iniciativas realizadas no bairro desenvolveram e melhoraram, segundo Hugo Cardoso da Casa de Cultura de Sacavém, os “sentimentos de auto-estima e pertença”¹¹⁸ da sua população, que começaram a sentir orgulho e um maior apreço pelo local onde habitam. Sentimentos estes, despertados e estimulados pelo facto de os residentes do bairro social Quinta do Mocho se sentirem incluídos em algo grandioso e importante que transformou a sua morada, outrora manchada e reconhecida como um dos bairros mais problemáticos do país, associado ao crime, à violência e à pobreza, num local de prestígio para todo o concelho, identificado como uma das maiores galerias de arte urbana a céu aberto da Europa.

“Agora, as pessoas têm orgulho em dizer que são da Quinta do Mocho, o ambiente é muito mais tranquilo e os moradores sentem que o pesadíssimo estigma que tinham sobre si está a desvanecer-se”¹¹⁹.

Antes da realização de qualquer iniciativa os habitantes do bairro escondiam a sua morada, pois viviam num bairro estigmatizado e discriminado, contudo atualmente, após a realização do festival, “há um orgulho imenso em se ser do bairro”¹²⁰ como afirma o presidente da Câmara de Loures. Hoje em dia, os residentes do bairro Quinta do Mocho já não tem medo de dizer de onde vêm, mas muito pelo contrário, estes sentem se gratos e orgulhosos por habitar no “Mocho”, que se tornou numa parte positiva das suas vidas e algo digno de se expor e de se evidenciar (Fig.111).

¹¹⁷ Adriano Pedro (morador do bairro) na entrevista para a revista Visão. Maia, V. (2016). *Arte urbana: Muros que aproximam*. Visão. Consultado em novembro 27, 2018, em <http://visao.sapo.pt/iniciativas/por-um-bairro-melhor/2016-07-08-Arte-urbana-Muros-que-aproximam>

¹¹⁸ Hugo Cardoso (Casa da Cultura de Sacavém) na entrevista para a revista Sábado. Riso, L (2015). *A Quinta do Mocho é uma galeria de arte*. Sábado. Consultado em novembro 27, 2018, em <https://www.sabado.pt/vida/detalhe/a-quinta-do-mocho-e-uma-galeria-de-arte>

¹¹⁹ Maria Eugénia Coelho (vereadora da Ação social e habitação da Câmara de Loures) na entrevista para o jornal Público. Silva, C. (2015). *Como um bairro problemático se transformou numa galeria de arte pública*. Público. Consultado em novembro 17, 2018, em <https://www.publico.pt/2015/12/06/local/noticia/quinta-do-mocho-como-um-bairro-problematico-se-transformou-numa-galeria-de-arte-publica-1716490>

¹²⁰ Bernardino Soares (presidente da Câmara de Loures) na entrevista para o jornal Público. Borges, L. (2016). *O bairro onde ninguém queria entrar já «recebe mais visitas que os museus»*. Público. Consultado em novembro 27, 2018, em <https://www.publico.pt/2016/05/12/local/noticia/o-bairro-onde-ninguem-queria-entrar-ja-recebe-mais-visitas-do-que-os-museus-1731827>



Figura 111| Mural de Nomen no bairro social Quinta do Mocho em Loures. Lisboa, Portugal. – Mural que faz uma analogia ao estigma e discriminação associado aos residentes do Mocho, que antes deste tipo de intervenção, necessitavam de esconder de onde vinham

Tanto o festival como a criação da GAP permitiram, aos moradores, conhecer a palavra aceitação e inclusão, que resultou numa mudança comportamental e sentimental destes em relação ao exterior. As pessoas do bairro, tornaram-se não só “mais confiantes e abertas ao exterior”¹²¹, perdendo o medo de quem vem de fora, como também mais afáveis e acolhedores.

“Além de perderem o medo de novos visitantes, os habitantes do Mocho começaram a lidar com naturalidade com as máquinas fotográficas e câmaras de filmar que ali entram para retratar a arte que se cola às suas habitações.”¹²².

Existiu também uma mudança comportamental entre moradores que, como afirma Kedy, vivem atualmente numa paz e harmonia que torna mais saudável as relações. Paz que “tem sido uma das «armas» das pessoas do bairro, que tem contrastado com a ideia de que este era um bairro de conflitos e de violência.”¹²³.

¹²¹ Kedy Santos (morador do bairro) na entrevista para a AbrilAbril. AbrilAbril (2017). “*Havia um medo que se quebrou*”. Consultado em novembro 27, 2018, em <https://www.abrilabril.pt/local/havia-um-medo-que-se-quebrou>

¹²² Ibidem.

¹²³ Ibidem.

Todas as iniciativas realizadas no bairro Quinta do Mocho estimularam comportamentos e ações internas de combate aos estigmas e à exclusão. Kedy afirma que o processo aplicado no bairro resultou “na diminuição dos conflitos, tanto entre as pessoas do bairro, como destas com o exterior”¹²⁴, que levou a uma redução da violência e criminalidade no bairro.

Kedy indica também que para além das alterações sentidas no dia-a-dia do bairro, a estratégia aplicada pela autarquia “tem ajudado a aproximar as pessoas, incentivando-as a acreditar e a participar.”¹²⁵. Estratégias que, resultaram num aumento do interesse e vontade da população em resolver os problemas do bairro, procurando ter um papel ativo e relevante no processo de melhoria. Surgiu, nas pessoas, a partir da realização do festival “O Bairro i o Mundo” um sentimento de compromisso para com o bairro, uma vontade de querer fazer o melhor e não permitir que todo o esforço tivesse sido em vão, procurando preservar as obras e o espaço físico.

Segundo afirma o presidente da Câmara de Loures, todo o processo de melhoria do ambiente urbano e de combate a degradação a que o bairro foi submetido, gerou “um grande ambiente de protecção dos habitantes em relação ao seu espaço”¹²⁶, sublinhando que quanto “melhores condições as pessoas tiverem no seu ambiente urbano, melhor tratarão as suas casas e os equipamentos municipais”¹²⁷. Os comportamentos dos jovens do bairro também sofreram alterações, estes começaram a cuidar do bairro em vez de o destruir ou vandalizar.

“Antes, os miúdos aqui dos bairros faziam rabiscos na parede. Agora já respeitam os espaços e aprendem que isto pode ser uma forma de mudar o mundo”¹²⁸.

¹²⁴ Kedy Santos (morador do bairro) na entrevista para a AbrilAbril. AbrilAbril (2017). “*Havia um medo que se quebrou*”. Consultado em novembro 27, 2018, em <https://www.abrilabril.pt/local/havia-um-medo-que-se-quebrou>

¹²⁵ Ibidem.

¹²⁶ Bernardino Soares (presidente da Câmara de Loures) na entrevista para o jornal Público. Borges, L. (2016). *O bairro onde ninguém queria entrar já «recebe mais visitas que os museus»*. Público. Consultado em novembro 27, 2018, em <https://www.publico.pt/2016/05/12/local/noticia/o-bairro-onde-ninguem-queria-entrar-ja-recebe-mais-visitas-do-que-os-museus-1731827>

¹²⁷ Ibidem.

¹²⁸ Kedy Santos (morador do bairro) na entrevista para o jornal Público. Borges, L. (2016). *O bairro onde ninguém queria entrar já «recebe mais visitas que os museus»*. Público. Consultado em novembro 27, 2018, em <https://www.publico.pt/2016/05/12/local/noticia/o-bairro-onde-ninguem-queria-entrar-ja-recebe-mais-visitas-do-que-os-museus-1731827>

Segundo Kedy, os residentes “sentem que a Câmara encontrou uma ferramenta para os libertar de algum isolamento e de algum preconceito”¹²⁹ e que apesar de ainda existirem muitos problemas a resolver, principalmente a nível da habitação, a arte urbana e iniciativas como as realizadas no bairro Quinta do Mocho, podem funcionar como ponto de partida. Sendo que, para além de revolucionar a vida dos moradores e de fomentar a exposição do bairro ao mundo, esta iniciativa “tem o condão de chamar ainda mais a atenção para as situações que têm de ser melhoradas”¹³⁰.

Como defende a autarquia, ações como estas possibilitam não só uma melhoria do espaço público, como também estimulam uma apropriação do mesmo pela população, transformando o num local de “partilha, convívio [e] harmonia”¹³¹. “O Bairro i o Mundo” e a GAP provaram ser medidas que ultrapassaram o físico e material e se tornaram fortes ferramentas na transformação social de locais como o bairro Quinta do Mocho.

¹²⁹ Kedy Santos (morador do bairro) na entrevista para a AbrilAbril. AbrilAbril (2017). “*Havia um medo que se quebrou*”. Consultado em novembro 27, 2018, em <https://www.abrilabril.pt/local/havia-um-medo-que-se-quebrou>

¹³⁰ Ibidem.

¹³¹ Boaventura, I. (2016). *A arte urbana saltou da Quinta do Mocho e propagou-se a todo o concelho de Loures*. Público. Consultado em dezembro 2, 2018, em <https://www.publico.pt/2016/06/27/local/noticia/o-concentrado-de-arte-urbana-da-quinta-do-mocho-propagouse-a-todo-o-concelho-de-loures-1736236>

5. Visita ao bairro Quinta do Mocho (análise empírica e sensorial do autor)

5.1. Interior

Ao percorrer os espaços públicos do bairro social Quinta do Mocho (Anexo 1) fui surpreendido por uma experiência visual e espacial única, um verdadeiro passeio cenográfico que me surpreendia enquanto observador e transeunte, com obras de arte urbana de grande escala, ímpares que coloriam as fachadas do edificado outrora degradadas e descaracterizadas. São dezenas as obras existentes em cada rua e espaço exterior do bairro, algo que nunca tinha experienciado e que transforma o bairro numa extensa galeria de arte a céu aberto.

Experenciei cada espaço de forma distinta, enquanto estes me ofereciam diferentes estímulos visuais que despertaram em mim a vontade de explorar o que mais existia nesse espaço e de vivenciar as sensações que as obras tinham para oferecer. Sentimentos como espanto, encanto e prazer foram sentidos em cada nova área social que percorria, que eram enriquecidas com características físicas únicas que formavam paisagens coloridas e estimulantes, servindo de cenário para o desenrolar da vida social do bairro.

São obras que contavam a história e a memória do bairro, enquanto que me transmitiam diferentes sensações. Foi uma verdadeira viagem pelo desconhecido que se revelou recompensadora e que despertou em mim uma vontade de ver mais e saber mais sobre cada obra e sobre o bairro.

Criando diferentes cenários através das obras de arte urbana, o bairro transformou-se num verdadeiro espetáculo de diversidade e de uma polifonia de cores e significados. São inúmeros os murais de arte urbana que proporcionam aos espaços de cariz social, características mais atrativas que embelezam, animam e valorizam o “Mocho”. Murais que oferecem uma experiência visual díspar e que aprimoram o bairro com uma qualidade visual e artística que cativa o observador e os residentes a frequentar os espaços públicos do mesmo.

Toda a área do bairro Quinta do Mocho transformou-se num passeio emotivo, na qual os percursos pelos seus espaços públicos residenciais contam uma história e transmitem diferentes sensações ao observador que vive, sente e usufrui dos mesmos.

Para além de caracterizar e marcar os espaços, as obras oferecem uma nova identidade não só ao bairro, mas a cada edifício/espaço público, o que permite serem facilmente reconhecidos e diferenciados, servindo em muitos casos como forma de facilitar a orientação.

Apesar de ainda existirem alguns espaços com pouca qualidade e uma necessidade de reabilitação do edificado, o bairro possui agora uma nova identidade e uma melhorada paisagem urbana que gerou uma dinâmica positiva na vida das pessoas que habitam o mesmo. Melhoria social que vivenciei ao visitar o bairro, no qual fui contemplado com a simpatia e hospitalidade dos seus residentes que faziam questão que tirasse fotografias as suas casas que atualmente os enchem de orgulho e autoestima e que outrora eram fator de vergonha e desdém.

5.2. Exterior

No percurso realizado pelo exterior do bairro (Anexo 2) observei uma tentativa, por parte deste, de cativar quem circula fora do mesmo. São obras imponentes que não deixam ninguém indiferente e que despertam, em quem circula nas ruas exteriores ao bairro, a vontade de entrar e passear dentro dos seus limites físicos.

Existe no bairro Quinta do Mocho uma forte permeabilidade visual do exterior para o interior que, a partir das vias rodoviárias que ladeiam o bairro, facilita a observação e admiração de algumas das fachadas repletas de cor. Encontram-se também inúmeros murais de arte urbana voltados para o seu lado exterior, como se observa por exemplo ao circular na Av. Amílcar Cabral (Norte), na Rua Quinta de São João das Areias (Sul) e na rotunda situada a noroeste.

O facto de existirem murais que são visíveis do lado de fora do bairro, demonstra uma vontade de atrair e estimular quem realiza um percurso extrínseco a este, procurando abranger mais pessoas. A meu ver, esta iniciativa não teria tanto poder de persuasão caso só existissem obras voltadas para os seus espaços interiores, o que acabaria por fechar o bairro para si próprio ao contrário de o abrir para o resto da população do concelho, que era um dos principais objetivos de toda a iniciativa.

A visita ao bairro foi uma experiência única, repleta de novas descobertas e também uma forma de comprovar na primeira pessoa o que defendi no desenvolvimento do meu trabalho.

Considerações Finais

Através da realização desta investigação, procurei **abordar e estudar a integração da Arte Urbana num processo de reabilitação urbana**, mais precisamente nos espaços públicos de um conjunto habitacional de interesse social.

A Arte Urbana enquanto movimento artístico que engloba todas as obras de arte e atividades que surgem no espaço público urbano, visa a transformação da paisagem urbana das cidades. As formas de intervenção de arte urbana são variadas, contudo possuem características comuns: todas elas utilizam o espaço exterior de uma cidade como área de exposição e conceção, procurando **criar uma relação de diálogo com o observador**. Por ser uma forma de arte presente na vida pública, esta arte abrange um grande número de indivíduos, tornando-se uma forma de arte mais comunicativa e próxima de todos.

Fortemente presente no tecido visual dos espaços urbanos, a Arte Urbana está muitas vezes associada a movimentos marginais como o *graffiti*, que apesar de possuir semelhanças e de este ter sido uma das grandes influências para o seu aparecimento, são muito distintos, tanto a nível da expressão, técnicas ou público-alvo. **A arte urbana realiza obras no espaço público, de modo a comunicar e a se relacionar com o observador**, procurando estimular sensações e reflexões neste enquanto que **enriquece e embeleza os espaços**, ao contrário do vandalismo que destrói o património sem qualquer tipo de intenção.

O espaço público, enquanto palco da vida pública e social de uma cidade, desempenha um papel importante no quotidiano do ser humano, existindo a necessidade de disponibilizar espaços apelativos e estimulantes. A Arte Urbana, ao intervir na dimensão visual e perceptiva do espaço, transformando a sua imagem, pode obter resultados que transcendem o físico e o palpável sendo capaz de criar “lugares” com identidade, significado e valor urbano, que estimulam o seu uso e apropriação. Potencia também um aumento da qualidade do espaço e das experiências sensoriais, que este oferece ao indivíduo, seja na sua passagem ou permanência.

Por ser um fator imprescindível para o desenvolvimento equilibrado das comunidades e das cidades, os espaços públicos degradados e abandonados devem ser alvo de intervenção, com o objetivo de erradicar os problemas e de certa forma reintroduzi-los no bom funcionamento urbano das cidades. São então necessários projetos como os de **reabilitação urbana, que visam a criação, transformação e melhoramento dos espaços exteriores urbanos** com o objetivo de melhorar a

qualidade de vida dos indivíduos e estimular desenvolvimento socioeconómico. Estas formas de intervir no espaço urbano são indispensáveis em casos como os conjuntos de **habitação de interesse social (bairros sociais) problemáticos**, que comumente apresentam características de degradação física da habitação e dos espaços exteriores públicos. A estes unem-se problemas de natureza social e económica, que resultam em comunidades segregadas e excluídas. Nestas áreas residências, o espaço público, a sua qualidade e sua imagem, devem ser uma das prioridades em processos de reabilitação urbana.

Deve então ser realizada uma intervenção que ofereça soluções ricas e cativantes de espaço público, que permitam gerar repercussões positivas para a vida dessas comunidades que utilizam o espaço público para práticas diárias de socialização e crescimento pessoal como indivíduos ou coletividades. A imagem dos espaços públicos destes conjuntos residenciais fragilizados é também importante, porque não só melhora a vida em comunidade, despertando sentimentos como de autoestima, pertença e proteção em relação à sua morada, como também melhora a sua relação com o exterior.

A semelhança da reabilitação urbana, as manifestações artísticas no espaço público procuram **oferecer à população novas vivências e relações** enquanto que **melhoram a imagem do espaço público e o tornam aprazível**. A arte apresenta-se como uma ferramenta viável capaz de dinamizar, transformar e ativar espaços não só a nível estético como económico e social. Esta eficiência da arte como metodologia de reabilitação de bairros carenciados e excluídos foi observada nos dois exemplos apresentados no trabalho: o projeto *Favela Painting* e o *Macromural de Pachuca*. Em ambos os casos observou-se uma mudança através de intervenções artísticas participativas que não só valorizaram e qualificaram visualmente os espaços, como também atenuaram problemas sociais enraizados que prejudicavam a vida da população residente e da própria cidade. Estes dois casos serviram para estudar as capacidades da arte enquanto processo de reabilitação e revitalização dos espaços, no entanto, foi através do caso do **conjunto habitacional de interesse social Quinta do Mocho**, sobre o qual realizei uma investigação mais aprofundada, que pude evidenciar mais detalhadamente os resultados deste tipo de intervenção urbana.

O bairro do Mocho, oficialmente denominado por Urbanização Municipal Terraços da Ponte, foi **em tempos um dos bairros mais problemáticos do país, com graves problemas de discriminação, exclusão e segregação social**. Contudo após a realização do festival “O Bairro i o Mundo” e da sucessiva criação da GAP, esta deixou de ser a realidade do bairro. Foi através da realização de

obras de arte urbana, mais precisamente as pinturas das fachadas, que o bairro e os seus habitantes **conseguiram mudar a sua identidade e imagem, resultando em mudanças sociais e económicas significativas**. Verificou-se também uma **mudança comportamental** interna que resultou num habitar mais harmonioso dentro e fora dos limites do bairro.

Através deste trabalho de investigação não só foi possível **compreender a importância da imagem do espaço público** em processos de reabilitação bem como os resultados que a sua qualificação pode potenciar. As qualidades físicas e imagéticas de um espaço exterior apresentaram-se, no decorrer do estudo realizado, como fatores relevantes e indispensáveis para qualquer intervenção urbana que vise melhorar a vida urbana.

A imagem é muito mais do que um fator físico, é a primeira informação que captamos de um espaço, e a sua degradação pode levar, muitas vezes, a juízos precipitados que podem gerar preconceitos. Como tal, **a mudança da imagem de um espaço público, fachadas ou envolvente, pode gerar, para além das transformações físicas, melhorias relacionais, comportamentais e económicas nesse mesmo espaço**. Uma imagem apelativa e qualificada pode estimular o indivíduo a **usar e se apropriar do espaço**.

Em espaços degradados e manchados pelo estigma, esta arte tem ainda mais “força” enquanto ferramenta de reabilitação urbana, **podendo resultar numa completa alteração da sua posição em relação ao que lhe é exterior**. Relação muitas vezes prejudicial e negativa para esses espaços e para a população que neles residem. No caso do bairro Quinta do Mocho existiam ideias erradas e negativas que afastavam os não residentes e que neles despertavam sentimentos como medo e repúdio, que os impedia de se relacionar ou simplesmente visitar o “Mocho”. O bairro passava para o exterior ser um palco de crimes e violência. Uma reputação que me deixou apreensivo para visitar o bairro, contudo acreditava que tudo aquilo não era a realidade e a arte exposta no bairro suportava a esta minha convicção.

“Afinal não é como diziam!” - foi o meu pensamento enquanto percorria as áreas do bairro, apercebendo-me que o espaço possuía muito potencial e que abrigava uma comunidade igual a qualquer outra, que convive e brinca nas ruas. No entanto, uma **comunidade segregada e injustiçada** por crescer num ambiente fechado para a cidade, sem qualidades visuais capazes de estimular quem é de fora a quebrar a barreira dos estereótipos. **A arte pode sim ser um fator de reabilitação urbana, com melhorias físicas, mas maioritariamente sociais**, e o bairro Quinta do Mocho é a prova materializada desta afirmação, que mesmo não tendo as melhores qualidades

de habitabilidade, os seus moradores vivem em harmonia com o espaço e orgulham-se dele. Hoje em dia o bairro **disponibiliza espaços públicos criativos, inspiradores e únicos**, enriquecidos com obras que estimulam e embelezam as atividades sociais diárias, que os residentes tanto necessitam e que fazem jus ao nome de “bairro social”: um lugar alimentado por trocas e experiências sociais.

Através dos exemplos e factos apresentados nesta dissertação, acredito, enquanto estudante de arquitetura, que a arte e a minha área de estudo têm mais em comum do que se possa à partida imaginar e que não só a arquitetura, como toda a sociedade, pode beneficiar com a realização deste tipo de intervenção artística. Todas as particularidades da arte urbana apresentadas no trabalho permitem concluir que a arte é, **não só um forte instrumento de reabilitação urbana**, como também uma **metodologia eficaz com repercussões positivas a vários níveis**. Tal como o bairro Quinta do Mocho existem outros bairros com características e problemas semelhantes, nos quais a arte urbana poderia ser uma forma de reabilitação, que apesar de não resolver todos os problemas desses locais, **pode funcionar como um ponto de partida**. A arte urbana, no bairro Quinta do Mocho, **transformou um espaço a evitar num espaço de passagem obrigatória**, não só para alunos de arquitetura ou apaixonados pela arte urbana, como eu, mas para qualquer pessoa, pois oferece, ao usufruir dos seus espaços públicos, **experiências irrepetíveis e recompensadoras a vários níveis**.

Este exemplo, do bairro social Quinta do Mocho, provou que este tipo de intervenções artísticas, **principalmente as de cariz participativo e colaborativo**, podem, em inúmeras situações, promover um **desenvolvimento social** que não se alcança tão facilmente através de uma reabilitação urbana focada apenas na qualidade arquitetónica, funcional e estrutural de um espaço. A arte urbana é **capaz de oferecer soluções para os problemas sociais de uma comunidade**, ampliando os resultados de qualquer processo de reabilitação do espaço exterior público. Esta arte, enquanto metodologia de reabilitação, consiste numa forma de resolver os problemas mais sensíveis de uma comunidade e potenciar a sua valorização e inclusão. Pode também **fortificar relações internas e externas, aproximando as pessoas e atenuando dificuldades e conflitos sociais** no local onde são empregues. A arte pode não reabilitar na totalidade, contudo, é um **método com resultados visíveis e profícuo de ser aplicado em projetos mais completos de reabilitação urbana**, de modo a responder a todas as necessidades, tanto a nível social, económico, físico e cultural.

Pode a arte urbana reabilitar? Na minha perspectiva sim, podendo até fazer muito mais do que isso, acredito que, tal como a arquitetura, **a arte urbana pode mudar de forma significativa a vida das pessoas e intensificar as experiências sociais e espaciais de uma cidade.**

Bibliografia

- Augé, M. (1994). *Não-Lugares: introdução a uma antropologia da sobremodernidade*. Lisboa: Bertrand.
- Becker, H. (2010). *Mundos da Arte*. Lisboa: Livros Horizonte
- Berman, M. (1986). *Tudo que é sólido desmancha no ar, A aventura da Modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras
- Borén, T. & Young, C. (2012). *Getting Creative with the "Creative City"? Towards New Perspectives on Creativity in Urban Policy*. International Journal of Urban and Regional Research Vol.37(5).
- Brandão, P (2002). *O Chão da Cidade, Guia de Avaliação do Design de Espaço Público*. Lisboa: Centro Português de Design.
- Brandão, P. (2008). *A identidade dos lugares e a sua representação coletiva, Bases de orientação para a concepção, qualificação e gestão do espaço público*. Lisboa: Direção-Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano (DGOTDU).
- Brandão, P. (2010). *O sentido da Cidade*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Caixado, M. Q. (2017). *Arte urbana: estratégias de revitalização dos espaços públicos degradados*. Dissertação de Mestrado, Universidade Lusíada, Lisboa, Portugal.
- Campos, R. (2007). *Pintando a Cidade, uma abordagem antropológica ao graffiti urbano*. Dissertação de Doutoramento. Universidade Aberta, Lisboa, Portugal.
- Carmona, M., Tiesdell, S., Heath, T. & Oc, T. (2010). *Public Places Urban Spaces, The Dimensions of Urban Design, Second Edition*. Taylor & Francis Ltd.
- Castro, P. (2008). *Neuropsicologia do sistema visual, ao processo de (meta)construção imagética do cérebro humano*. Revista Dédalo (pp.4-6). Porto
- Cockcroft, E., Weber, J. & Cockcroft, J. (1998). *Toward a People's Art, The Contemporary Mural Movement*. Albuquerque: University of New Mexico Press.
- Coelho, A. (2009). *Entre Casa e Cidade, A Humanização do Habitar*. Opúsculo nº18.Porto: Dafne Editora.

- Coelho, A. & Coelho, P. (2009). *Habitação de Interesse Social em Portugal, 1988-2005*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Cullen, G. (2006). *Paisagem Urbana*. Lisboa: Edições 70.
- Evans, R. (1996) *Liverpool's urban renewal initiatives and the arts: a review of policy development and strategic issues*. In Lorente, P. *The Role of Museums and the Arts in the Urban Regeneration of Liverpool* (pp. 11-25). Leicester: Centre for Urban History. University of Leicester.
- Fernandes, A. C. (2012). *Metodologias de avaliação da qualidade dos espaços públicos*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Fontainhas, S. (2015). *Lugares com Identidade e Memória: Os pátios e vilas operárias de Lisboa como fundamento de um projecto*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- Francisco, M. (2005). *Espaço Público Urbano, oportunidade de Identidade Urbana Participada*. X Colóquio Ibérico de Geografia, A geografia Ibérica no contexto Europeu. Évora, 22 a 24 de setembro de 2005, Universidade de Évora: Associação Portuguesa de Geógrafos.
- Gehl, J. (2006). *La Humanización del Espacio Urbano, La Vida Social entre los Edificios*. Espanha: Reverte.
- Hall, E. T. (1986). *A dimensão oculta*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Lewishon, C. (2007) *Street Art*. Londres: Tate Publishing
- Lopes, A. C. (2014). *O Papel da Arte na Reabilitação Urbana, Uma Análise Comparativa*. Dissertação de doutoramento. Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- Lowe, S. S. (2001). *The art of community transformation*. Education and Urban Society. SAGE Publications Inc.
- Lynch, K. (2000). *A imagem da cidade*. Lisboa: Edições 70.
- Lynch, K. (2007). *A Boa Forma da Cidade*. Lisboa: Edições 70.
- Martins, J. (2015). *A forma como elemento estruturante do espaço social, O equipamento e espaços públicos como elementos (re)qualificadores do bairro Quinta do Mocho*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.

- Matarasso, F. (1997). *Use or Ornament? The social impact of participation in the arts. Comedia*.
- Mora, M. (2009) *Indicadores de Calidad de Espacios Públicos Urbanos, para la vida ciudadana, en Ciudades Intermedias*. 53º Congreso Internacional de Americanistas, Los pueblos americanos: câmbio y continuidades. La construcción de lo próprio en un mundo globalizado. Cidade do México, 19 a 24 de julho de 2009
- Norberg-Schulz, C. (1980). *Genius Loci, Towards phenomenology of architecture*. Nova Iorque, Rizzoli.
- Nunes de Sousa, R. B. (2013). *A importância do contributo das intervenções de Arte Urbana para a área do Design de Comunicação*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- Nunes do Valle, S. (2008). *Cultura e Regeneração Urbana, Uso e Atividades Artísticas em zonas urbanas degradadas*. Dissertação de Mestrado, Instituto Superior Técnico da Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- Pedrosa, C. (2010). *Da Cidade ao Indivíduo: O papel da requalificação urbana de conjuntos de habitação de interesse social*. Dissertação de Mestrado, Instituto Superior Técnico da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- Portas, N. (1985). *Notas sobre a intervenção na cidade existente*. Sociedade e Território, nº2, fevereiro de 1985 (p. 8-13). Porto: Edições Afrontamento.
- Project for Public Spaces (2000). *How to Turn a Place Around: A Handbook for Creating Successful Public Spaces*. Nova Iorque: Project for Public Spaces.
- Rego, E. (2016). *O percurso urbano e a "Promenade Architecturale"*. Dissertação de Mestrado. Universidade Lusíada, Lisboa, Portugal.
- Reis, A. T. & Lay, M. C. (2006). *Avaliação da qualidade de projetos: uma abordagem perceptiva e cognitiva*. Ambiente construído: Revista da Associação Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído, Vol.6, nº3, julho/setembro de 2006 (p. 21-34). Porto Alegre.
- Ribeiro, A. (2015). *Possibilidades de reabilitação urbana em bairros sociais. Estudo de caso: Bairro Social de Santa Tecla, Braga*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho, Braga, Portugal.
- Roth, C. (2004). *Guidance on Urban Rehabilitation*. Estrasburgo: Council of Europe.

- Seixas, R. (2015). *Qualidade do Espaço Público: Metodologias de Avaliação*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- Selwood, S. (1995) *The benefits of public art: polemics of permanent art in public places*. Londres: Policy Studies Institute.
- Serqueira, A. (2015). *“A cidade é o habitat da arte”*: *Street art e a construção de espaço público em Lisboa*. Dissertação de doutoramento, Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- Sousa, F. (2013). *As imagens do espaço público urbano: Uma abordagem ao impacto do metro do porto na imagem da cidade consolidada*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, Porto, Portugal
- Tavares, J. (2008). *As Sociedades de Reabilitação Urbana e as Novas Perspectivas na Requalificação de Centros Históricos*. Dissertação de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- Tomás, H. (2015). *A Gestão Pública como instrumento de combate à estigmatização e sentimento de (in)segurança nos Bairros Sociais, Estudo de Caso: Bairro de Habitação Social “Quinta do Mocho”*. Dissertação de Mestrado. Instituto Superior de Gestão, Lisboa, Portugal.
- Trigueiros, C. (2012). *Componentes da Identidade e Simbolismo, Arte Pública e eventos no Espaço Público de Vila Franca de Xira*. Dissertação de Mestrado, Instituto Superior Técnico da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- Valério, N. (2001) *Estatísticas Históricas Portuguesas*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.
- Vaz, L. F. (2004). Planos e projetos de regeneração cultural: notas sobre uma tendência urbanística recente. *Anais Do VII Seminário Da História Da Cidade e Do Urbanismo*.
- Waclawek, A. (2011). *Graffiti and Street Art*. Londres: Thames & Hudson Ltd.

Webgrafia

AbrilAbril (2017). “Havia um medo que se quebrou”. Consultado em novembro 27, 2018, em <https://www.abrilabril.pt/local/havia-um-medo-que-se-quebrou>

Associated Press (2015). Artists in Mexico turn low-income neighborhood into one giant mural. The Guardian. Consultado em outubro 27, 2018, em <https://www.theguardian.com/world/2015/aug/01/mexico-pachuca-mural-las-palmitas-public-art>

Bateman, J. (2018). *Quinta do Mocho: How this crime-plagued Lisbon Estate became the city's coolest open air gallery.* *The Independent*. Consultado em novembro 30, 2018, em <https://www.independent.co.uk/travel/europe/quinta-do-mocho-lisbon-estate-street-art-festival-gallery-portugal-immigration-crime-a8484161.html>

Boaventura, I. (2016). *A arte urbana saltou da Quinta do Mocho e propagou-se a todo o concelho de Loures.* Público. Consultado em dezembro 2, 2018, em <https://www.publico.pt/2016/06/27/local/noticia/o-concentrado-de-arte-urbana-da-quinta-do-mocho-propagouse-a-todo-o-concelho-de-loures-1736236>

Borges, L. (2016). O bairro onde ninguém queria entrar já «recebe mais visitas que os museus”. Público. Consultado em novembro 27, 2018, em <https://www.publico.pt/2016/05/12/local/noticia/o-bairro-onde-ninguem-queria-entrar-ja-recebe-mais-visitas-do-que-os-museus-1731827>

Câmara Municipal de Loures (2015). *Diversity Advantage Challenge, O Bairro i o Mundo é finalista.* Consultado em novembro 22, 2018, em <http://www.cm-loures.pt/Conteudo.aspx?DisplayId=666>

Câmara Municipal de Loures (n.d.). *Loures Arte Pública.* Consultado em dezembro 2, 2018, em <https://www.cm-loures.pt/Media/Microsite/Artepublicaloures/index.html>

Canceiro, F. (2015). *Bairro de Loures transforma-se em galeria de arte ao ar livre.* Consultado em novembro 5, 2018, em https://www.sapo.pt/noticias/bairro-de-loures-transforma-se-em-galeria-de-_54ce0c36e8e7ac4c2fdf2ae5

Carmo, A. (2017). *Por uma outra cidade criativa, a Galeria de Arte Pública da Quinta do Mocho enquanto experiência de inovação social.* Medi@ções Vol.5, nº2, 35-53. Escola Superior de

Educação do Instituto Politécnico de Setúbal. Consultado em novembro 2, 2018, em <http://mediacoes.esse.ips.pt/index.php/mediacoesonline/article/view/158/pdf>

Darlington, S. (2010). *Rio slum transformed into canvas bursting with color*. CNN. Consultado em outubro 20, 2018, em: <http://edition.cnn.com/2010/WORLD/americas/11/17/brazil.beautiful.favela/index.html>

Favela Painting Foundation (n.d.). *Boy With Kite*. Consultado em outubro 15, 2018, em <https://favelapainting.com/BOY-WITH-KITE-FP>

Favela Painting Foundation (n.d.). *Praça Cantão*. Consultado em outubro 15, 2018, em <https://favelapainting.com/PRACA-CANTAO-FP>

Favela Painting Foundation (n.d.). *Rio Cruzeiro*. Consultado em outubro 15, 2018, em <https://favelapainting.com/RIO-CRUZEIRO-FP>

Garcia, L. (2008). *Quinta do Mocho combate estigma*. Jornal de Notícias. Consultado em setembro 16, 2018 em <https://www.jn.pt/local/noticias/lisboa/loures/interior/quinta-do-mocho-combate-estigma-1019157.html>

Imas, J. M. (2014). *Favela Painting: Building community, social change and emancipation through an OrgansparkZ/Art installation*. The London School of Economics and Political Science. Consultado em outubro 26, 2018, em <http://blogs.lse.ac.uk/favelasatlse/2014/10/22/favela-painting/>

Lusa (2008). *Construção de bairros “tipo guetos” potência conflitos sociais*. Açoriano Oriental. Consultado em setembro 5, 2018 em <https://www.acorianooriental.pt/noticia/construcao-de-bairros-tipo-guetos-potencia-conflitos-sociais-174219>

Maia, V. (2016). *Arte urbana: Muros que aproximam*. Visão. Consultado em novembro 27, 2018, em <http://visao.sapo.pt/iniciativas/por-um-bairro-melhor/2016-07-08-Arte-urbana-Muros-que-aproximam>

Monteiro, R (2015). *Da exclusão à integração*. Revista Poder Local. Consultado em novembro 16, 2018, em <http://revistapoderlocal.pt/index.php/artigos/42-reabilitacao-urbana/147-da-exclusao-a-integracao-a-intervencao-municipal-na-quinta-do-mocho-em-loures>

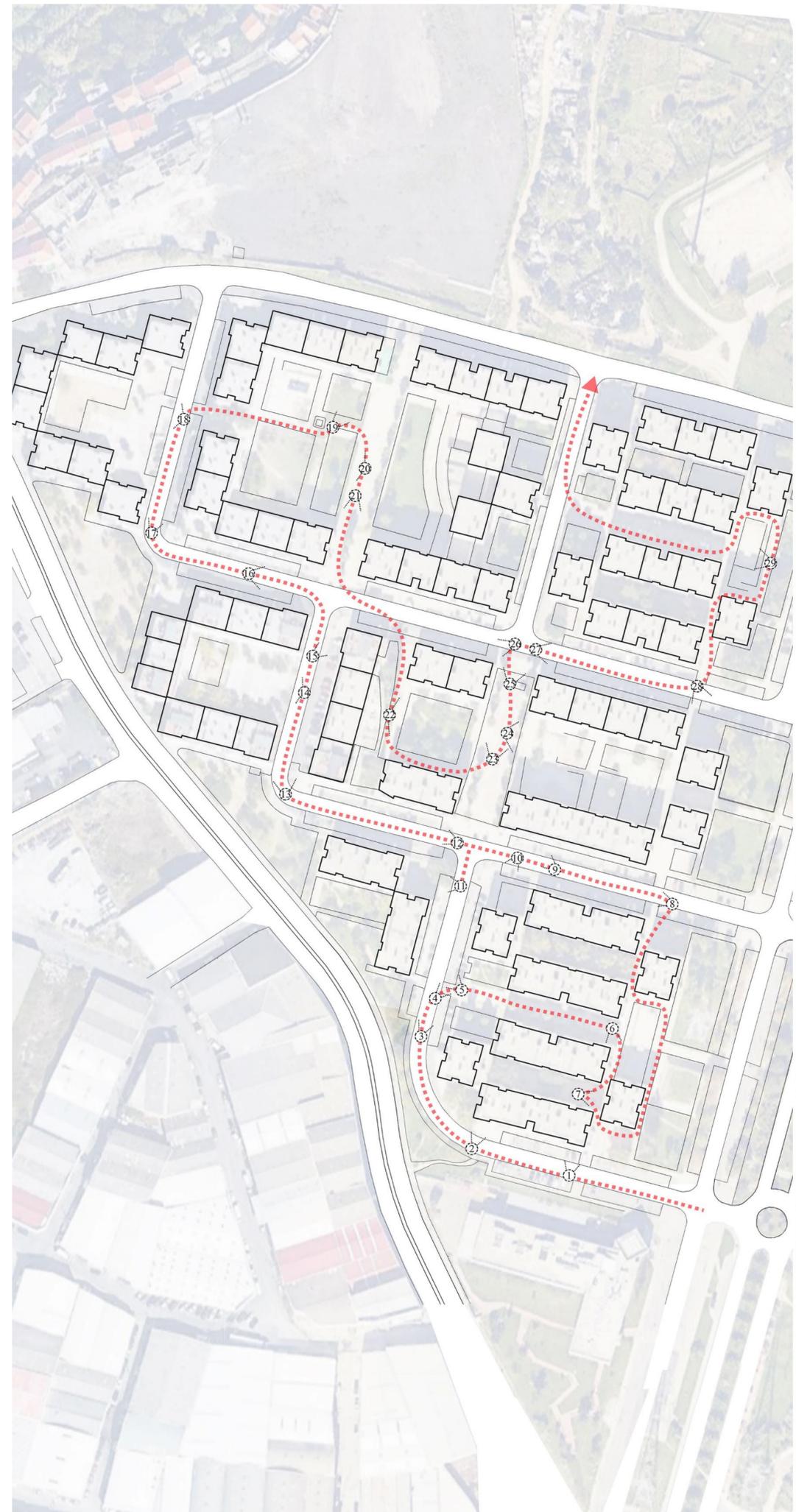
Pincha, J. (2018). Foi-se o preconceito, venham os turistas. Público. Consultado em novembro 30, 2018, em <https://www.publico.pt/2018/06/28/local/reportagem/foise-o-preconceito-venham-os-turistas-1836235>

Riso, L (2015). A Quinta do Mocho é uma galeria de arte. Sábado. Consultado em novembro 27, 2018, em <https://www.sabado.pt/vida/detalhe/a-quinta-do-mocho-e-uma-galeria-de-arte>

Salazar, G. (2015). This gigantic mural is making a Mexican neighborhood more “magical”. Consultado em outubro 27, 2018, em <https://www.pri.org/stories/2015-09-30/gigantic-mural-making-mexican-neighborhood-more-magical>

Silva, C. (2015). Como um bairro problemático se transformou numa galeria de arte pública. Público. Consultado em novembro 17, 2018, em <https://www.publico.pt/2015/12/06/local/noticia/quinta-do-mocho-como-um-bairro-problematico-se-transformou-numa-galeria-de-arte-publica-1716490>

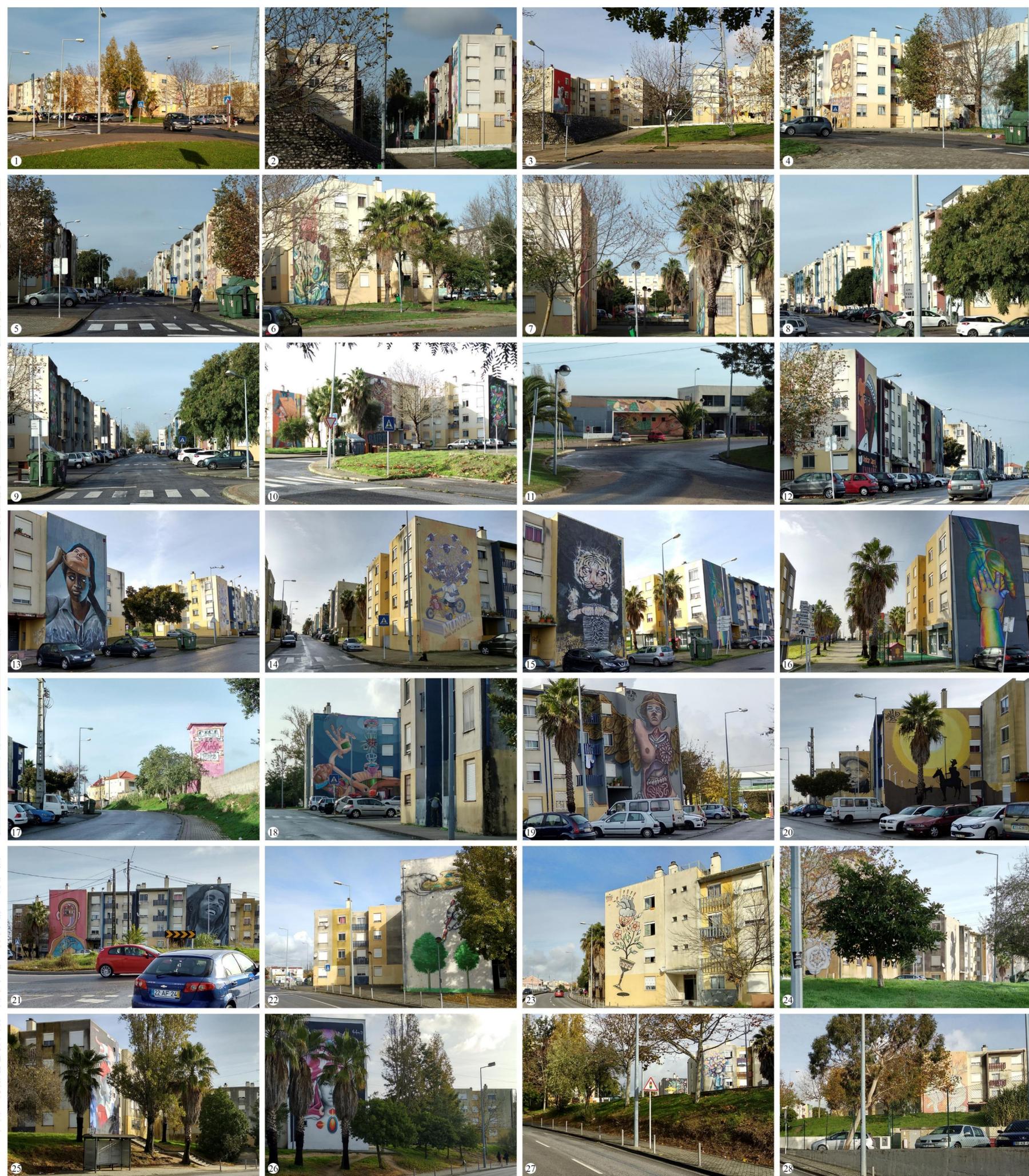
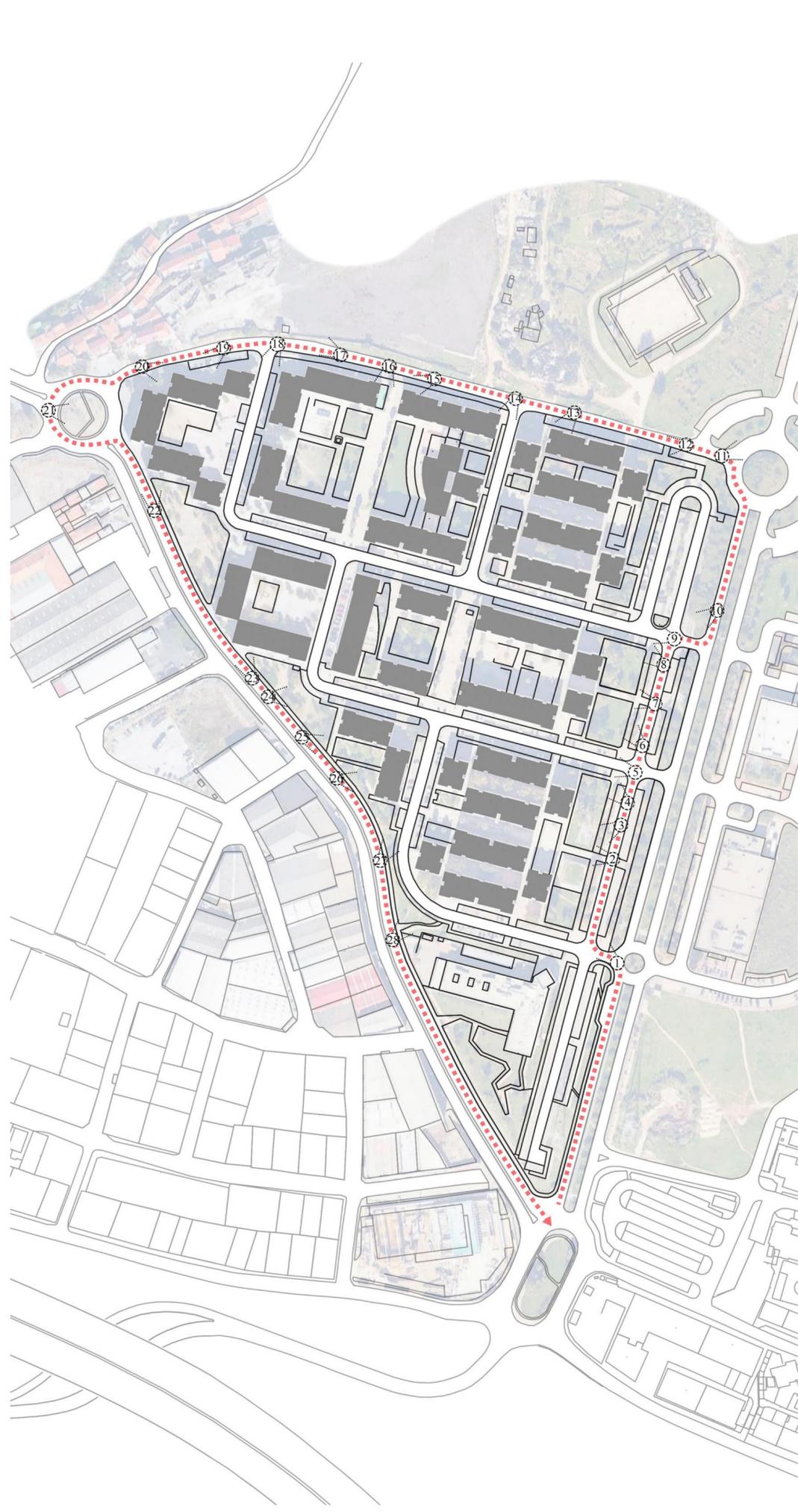
Anexos



Anexo 1- Percurso e registos fotográficos da visita do autor ao interior do bairro Quinta do Mocho em Loures.

..... - Percurso

○ - Ponto de Vista



Anexo 2- Percurso e registos fotográficos da visita do autor ao exterior do bairro Quinta do Mocho em Loures. Lisboa Portugal.

..... - Percurso

○ - Ponto de Vista